

SERPENTES

Henrique Moisés Canter



ARTE & CIÊNCIA

*SERPENTES,
ARTE & CIÊNCIA*

SNAKES, ART & SCIENCE

Henrique Moisés Canter

1ª edição

São Paulo - SP

Instituto Butantan

2012

Este livro é dedicado a memória de

AUGUSTO ESTEVES

ROBERT KLEYER

AURÉLIO FERRAZ COSTA

CARLOS RODOLPHO FISCHER

LUIZ DE GODOY

OLAVO PINTO

THERESA SANTOS SARLY

H. PETERSEN

O. FREUA

*Ilustradores do Instituto Butantan que, com
sua competência, esmero e criatividade,
produziram os desenhos que possibilitaram
a execução deste projeto,*

à ROSINHA

que ilustrou os meus dias

e às nossas filhas

ETEL, CARLA e PAULA

AGRADECIMENTOS

A realização deste projeto não teria sido possível sem a participação de inúmeros colaboradores, como Maria de Fátima Domingues Furtado, que visualizou a importância e nos apresentou às ilustrações originais, à S. Alma R. Hoge, que as manteve sob guarda por longos anos, a saudosa Eva M. A Kelen, que resgatou e nos encaminhou ilustrações da coleção de Gastão Rosenfeld. Giuseppe Puerto, incentivador e colaborador de primeiro momento, responsável pela exaustiva atualização taxonômica e execução do Anexo.

Aos familiares dos ilustradores, Karoline Sauseng, Áustria, neta de Robert Kleyer, Oscar Silvio Fischer, filho de Carlos Rodolfo Fischer, Eunice P. Costa esposa de Aurélio Ferraz Costa e Osvaldo Augusto Brazil Esteves Sant'Anna, grande incentivador e colaborador, neto de Augusto Esteves. Nelson Papavero, pelo apoio, sugestões, correções e valiosa colaboração sobre a obra e bibliografia de C. R. Fischer.

Lucy Luccas, pelo eficaz tratamento e acondicionamento das pranchas, Miguel Francisco Pacheco e Chaves pela idéia das digitalizações, amplo apoio e persistente compromisso com a qualidade, Marcelo Alt dos Reis, pela competência e dedicação, ao amigo Rabino Michael Leipziger pela hábil tradução do alemão, a bolsista Aline Solosando na constante pesquisa, Selma Maria Almeida Santos do Lab. de Ecologia e Evolução e Silvia R. Travaglia Cardoso, do Lab de Herpetologia, ambas do Instituto Butantan, André Mota, Diretor do Museu Histórico da Faculdade de Medicina da USP, Nayte Vitiello e Núcleo de Editoração do Instituto Biológico, Divisão de Recursos Humanos, Centro de Desenvolvimento Cultural; Fan Hui Wen, Ana Luiza Mattos, Antonio Carlos R. Costa, Divisão de Administração; Ricardo Braga de Souza, Isabel Quandt e Nilson T. Pereira do Instituto Butantan.

Instituto Nacional de Ciências e Tecnologia em Toxinas - INCTTOX e Jorge Kalil Filho, Diretor do Instituto e Presidente da Fundação Butantan, aos quais se deve a consecução final desse projeto.

BIOAPRESENTAÇÃO



Henrique Moisés Canter

Henrique Moisés Canter é biólogo, educador e divulgador na área de Saúde Pública, formado em História Natural pela USP, trabalhou no Museu de Zoologia da USP, especializando-se em entomologia e após rápida passagem pelo Instituto Biológico transferiu-se para o Instituto Butantan, onde desenvolveu a maior parte de suas atividades. Ali inicialmente dirigiu o Museu Biológico, passando em seguida à direção da Divisão Cultural, função que exerceu por muitos anos e onde teve a oportunidade de atuar de várias maneiras: criando e organizando cursos, elaborando e coordenando a produção de material didático e de divulgação em larga escala – Menção Honrosa do Prêmio José Reis de Divulgação Científica Institucional, CNPq. Presidiu a Comissão Editorial do periódico Memórias do Instituto Butantan e também participou dos Conselhos Diretores do Instituto da Fundação Butantan e do Parque Zoológico de São Paulo. Através de projetos junto ao MinC, CNPq, FAPESP, teve oportunidade de atuar na recuperação da infraestrutura da biblioteca, de edificações históricas e de áreas degradadas. Idealizou o Museu de Rua e participou da criação do Museu Histórico e do Centro de Toxinologia Aplicada, CAT/CEPID/FAPESP, coordenando a área de Difusão.

Paralelamente dedicou-se ao magistério, tendo sido professor titular de Zoologia nas Universidades de Mogi das Cruzes-UMC e Santo Amaro-UNISA.

PRÓLOGO

PERCEPÇÃO, CIÊNCIA E ARTE

O homem é um ser precário! Daí a necessidade de criar para sobreviver! Daí a linguagem, as artes, as ciências! E ao longo da história do homem na terra, encontramos testemunhos através da arte! Todo o conhecimento depende da palavra, da linguagem que hoje tão bem conhecemos; e a palavra surgiu há muito tempo... Começou na Pré-história com grunhidos, gritos e sussurros; com gestos, acenos, modos diferentes de se olhar, de se cheirar. Inventou palavras para definir objetos e para representar conceitos mais abstratos como perigo, raiva, medo. Com a linguagem foi possível transmitir para os descendentes as informações, as descobertas. Provavelmente, antecedendo ou concomitantemente às palavras, alguém deve ter descoberto que com uma pedra era possível bater, cortar, riscar... E alguém deve ter descoberto que pedras de cores diferentes poderiam marcar sinais diferentes. Imaginem a alegria da tribo marcando, riscando, pedras com pedras, pedras sobre paredes! Pois esse homem que rabiscou as cavernas e desenhou em objetos retratando animais, cenas, deixando suas marcas há mais de 30.000 anos, no período denominado Paleolítico. Essas inscrições, diria ilustrações, como no caso da caverna de Lascaux na França ou de Altamira, na Espanha, além de explicar o que era percebido ou suas ações, estavam associadas aos aspectos mágicos que o desconhecido trazia, os mistérios da natureza. Esses registros da natureza podem ser entendidos como exercícios de sensibilidade.

Imaginem a grande aventura da escrita. O prazer de escrever, de registrar informações, pensamentos e, sobretudo, conhecimentos; de desenhos mágicos às idéias registradas, de sinais à escrita! Imaginem que o mundo mudou de modo simplesmente fantástico! As informações e conhecimentos podiam ser armazenados e estariam disponíveis para as gerações futuras.

A escrita no antigo Egito surgiu cerca de 3.000 anos a.C., quando devem ter sido criados os hieróglifos, os símbolos esculpidos em pedras, em blocos enormes que compunham as construções e obeliscos de coloridos impressionantes, e que usavam figuras da fauna e flora. Eram utilizados signos fonéticos e os aspectos estéticos eram muito importantes; as seqüências dos signos estabeleciam os significados das frases. Assim, pode se ter uma idéia da riqueza e complexidade desses verdadeiros livros permanentemente expostos.

*Caminhando no tempo, encontraremos no Egito, escritos e desenhos em folhas de uma planta nativa a *Cyperus papyrus* que, depois de secas, eram justapostas e coladas, os famosos papiros. Os conhecimentos registrados*

nesses documentos são extremamente valiosos e refletem a evolução do pensamento e a importância dessa civilização para a história do homem na Terra. Além disso, nas tumbas dentro das pirâmides, os interiores eram extremamente bem decorados e as obras pintadas ou gravadas reproduzem motivos geométricos ou representações de animais, personagens humanos, figuras antropomorfos. Muitas dessas ilustrações indicam uma função religiosa ou mágica e a noção do céu, das constelações, do sol. Saliente-se que o mais significativo e completo documento sobre a medicina egípcia data de aproximadamente 1.550 a.C. Trata-se do Papiro de Ebers, que foi estudado e decodificado pelo Egíptologista alemão George Ebers em 1873.

Na Grécia, já em meados dos anos 350 a. C. encontraremos Aristóteles, um sistemata e filósofo, aluno de Platão e que se interessava pela natureza, pelos fenômenos físicos, suas causas e transformações. Aristóteles teria escrito cerca de 150 textos, dos quais se conhecem pouco mais de 40.

E as ilustrações se sucedem ao longo do renascimento, época na qual, nos esboços, rascunhos, protocolos, desenhos e pinturas de Leonardo da Vinci [1452-1519], nas ciências como nas artes, registros e ilustrações de Galileu Galilei [1564-1642], resgatam o ideário e as inquietações dos homens diferenciados e verdadeiros agentes modificadores. Como outros estudiosos que os sucederam, os registros resgatados, demonstram que a boa ciência, como a boa arte, não se limita aos modismos, aos gostos e são atemporais. As ilustrações evidenciam a reflexão, a concentração, o árduo estudo e a imaginação.

Estética e simetrias surgem com o gótico e muitos aspectos arquitetônicos baseiam-se em simetrias ensinadas pelas ilustrações de naturalistas com as imagens do real que o homem cria no real das imagens. É fato marcante, nas ciências, a arte não exercita limites entre o feio e o belo; mais ainda, nas ciências os conceitos de feiúra e beleza se confundem.

Para as ciências, especialmente em tempos passados, as pinturas e os desenhos extrapolam as palavras e o sentido contextual, mas representam documentos perenes, ensinando-nos que ciência é memória. Além disso, permitem que a geração de conhecimentos persista por tempo infinito. Ilustração é observação, é a ciência sensual. Acrescentaria o que se reproduz num ateliê ao que um dia escrevi: não há o que se crie num laboratório, que a natureza não tenha feito!

Esse livro é um presente que os artistas AUGUSTO ESTEVES, AURELIO FERRAZ COSTA, OLAVO PINTO, ROBERTO KLEYER, CARLOS RODOLPHO FISCHER, THEREZA SANTOS SARLY, LUIZ DE GODOY,

H. PETERSEN e O. FREUA nos legaram. Mas não fosse a sabedoria, a sensibilidade, a paciência e o conhecimento do Professor Henrique Moisés Canter, garimpeiro dos diamantes aqui reproduzidos, nem ao menos saberíamos que existiram.

Minha gratidão e homenagem ao Professor Canter e aos autores das ilustrações aqui eternizadas.

Esse livro nos transmite uma lição maior: o que não é ou está registrado [pensado e repensado] é fugaz!

Prof. Dr. Osvaldo Augusto Brazil Esteves Sant'Anna

Pesquisador Científico do Instituto Butantan. Especialização em Imunologia pela Organização Mundial da Saúde/Organização Pan-Americana de Saúde [1971]; Mestrado [1973] e Doutorado em Microbiologia e Imunologia pela UNIFESP/Escola Paulista de Medicina [1979]; Pós-Doutorado pelo Institut Curie, Paris [1980/1981]. Tem experiência na Área de Imunologia, com ênfase em Imunogenética, e estudos com Toxinas, Venenos, Autoimunidades, Adjuvantes, Genética da Resistência a Infecções Virais e Bacterianas. Publicou mais de 100 artigos científicos e autor de 1 livro com o Prof. Isaias Raw: Aventuras da Microbiologia. Desde 1976 é Professor/Orientador em Programas de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Campinas, Universidade de São Paulo e Universidade Federal de São Paulo. Orientou 14 Mestres e 14 Doutores. Membro do Conselho Editorial da Revista Científica EINSTEIN e do Comitê de Biosegurança do Hospital Albert Einstein. De 2003 a 2007, Vice-Diretor e, posteriormente, Diretor Científico do Centro de Toxinologia Aplicada, Programa CEPID/FAPESP. Assessor Científico do CNPq, FAPESP, FINEP, FACEPE, FAPESC, FAPERJ. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq desde 1976 - 1B. Coordenador do CA-IMUNOLOGIA do CNPq de dezembro de 2006 a novembro de 2009. Coordenador do INSTITUTO NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA EM TOXINAS.

PREFÁCIO

Muito se tem discutido sobre os critérios da hominização da espécie humana. Seria o bipedalismo, o emprego de instrumentos, a fala? Demonstrou-se que qualquer que fosse o critério advogado, o homem diferiria dos restantes primatas e outros animais apenas em grau. O que tornou o homem humano? Para mim foi o surgimento da pintura, do desenho.

Desde o Paleolítico o homem tem representado animais, inicialmente com objetivos mágicos, para propiciar a caça, como no caso da caverna de Altamira, na Espanha (Figura 1).



Figura 1. Pintura de um bisão no teto da caverna de Altamira.

No Antigo Egito encontramos, tanto em papiros como em pinturas murais, inúmeras representações de animais, associados à mitologia (Figura 2) ou a cenas da vida diária (Figura 3).

O primeiro a utilizar desenhos para fins científicos em Zoologia foi Aristóteles, que também lançou todos os fundamentos dessa ciência. Sabe-se que o Estagirita havia produzido um Atlas de Anatomia, infelizmente perdido, em que ilustrava suas dissecções de animais.

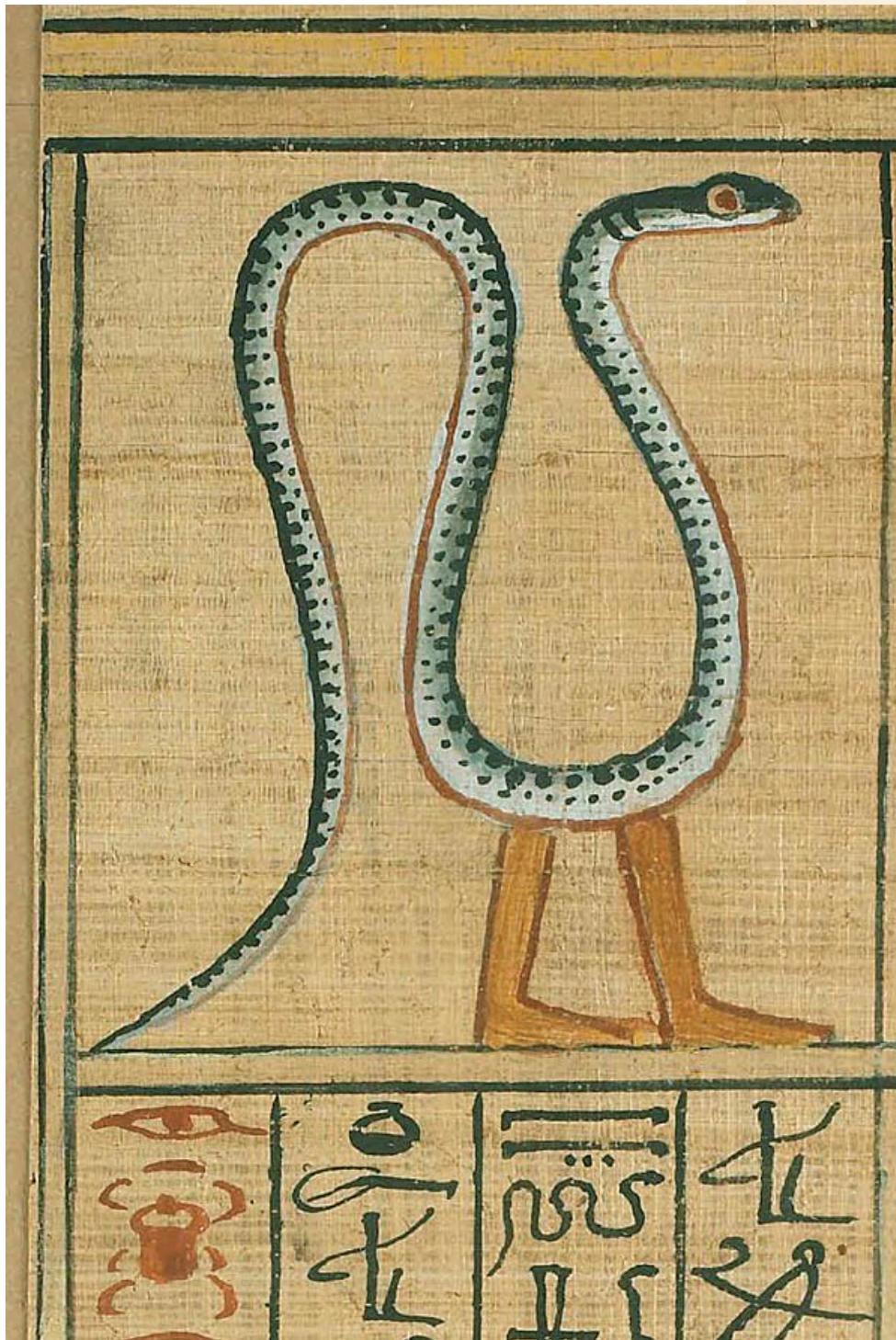


Figura 2. Pintura de serpente em papiro egípcio.



Figura 3.
Cena de caça a aves;
pintura mural egípcia.

Na Idade Média, com a expansão do império muçulmano, novas espécies de animais tornaram-se conhecidas e vários autores delas se ocuparam, ilustrando-as a cores em seus manuscritos. Na Europa introduziu-se a xilogravura, criada na China no século VI, e com essa técnica foram feitas representações de animais nas grandes obras de naturalistas renascentistas.

A partir do século XV, com o aparecimento da calcografia, a qualidade das ilustrações zoológicas aumentou consideravelmente e permitiu divulgar para o público as formas de animais exóticos, praticamente impossíveis de serem descritas apenas por palavras. Um exemplo clássico é o desenho do rinoceronte feito por Albrecht Dürer (Figura 4).

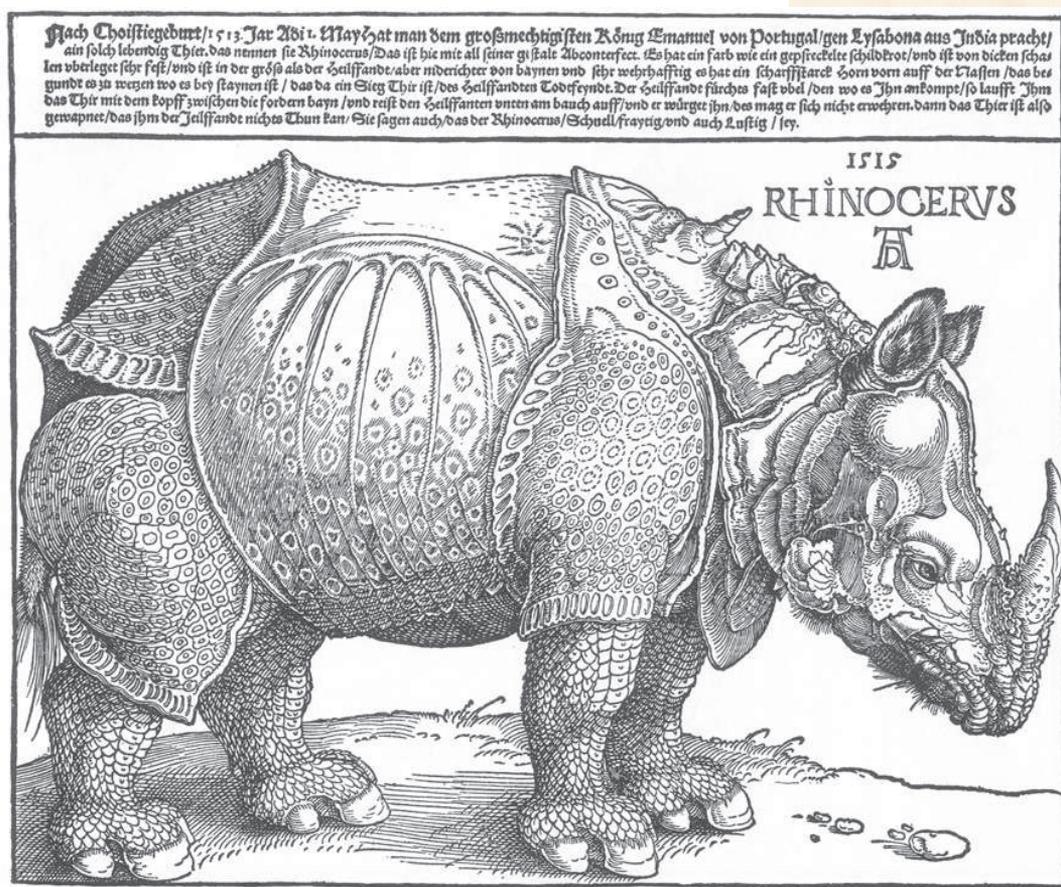


Figura 4. O rinoceronte de Albrecht Dürer (1515).

A criação de técnicas de desenho e de impressão, havendo evoluído cada vez mais, tornou a ilustração científica extremamente elaborada, não só do ponto de vista da fidelidade à morfologia dos animais representados, mas atingindo um grau de beleza insuperável, chegando ao apogeu no século XIX e no início do XX. Um exemplo são as ilustrações feitas por Ernst Haeckel, em sua obra *Kunstformen der Natur* (Formas de arte da Natureza) (1904) (Figura 5).

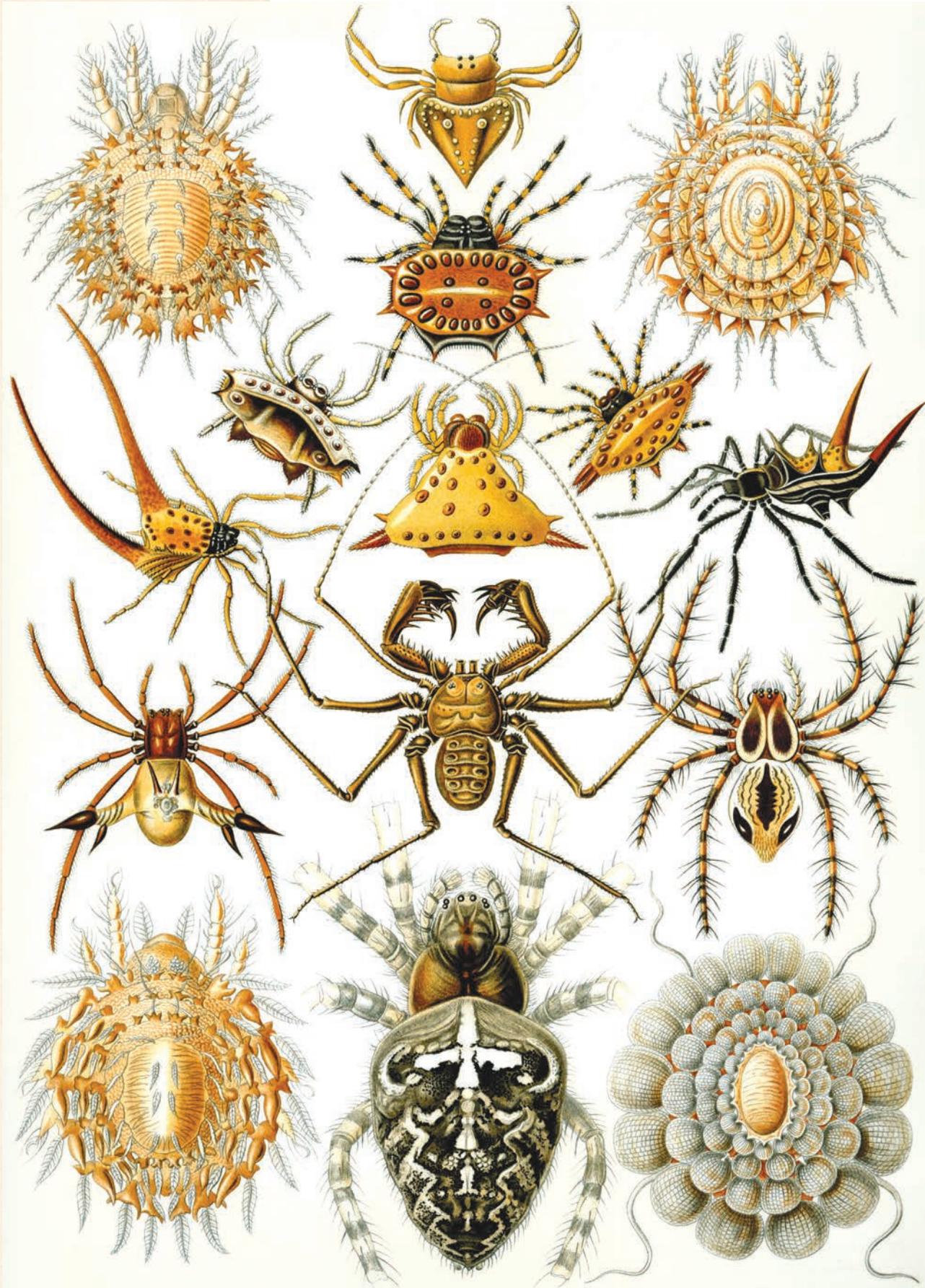


Figura 5. Aracnídeos (Haeckel, 1904).

Em nosso país, o pioneiro em empregar artistas para ilustrar paisagens, tipos humanos, plantas e animais, para revelá-los ao olhar curioso dos Europeus, foi o Conde Morits van Nassau-Siegen, durante a ocupação holandesa do Nordeste no século XVII. Entre os artistas trazidos por Nassau encontrava-se Albert Eckhout, cujas figuras de animais são extremamente fidedignas e de grande beleza (Figura 6).

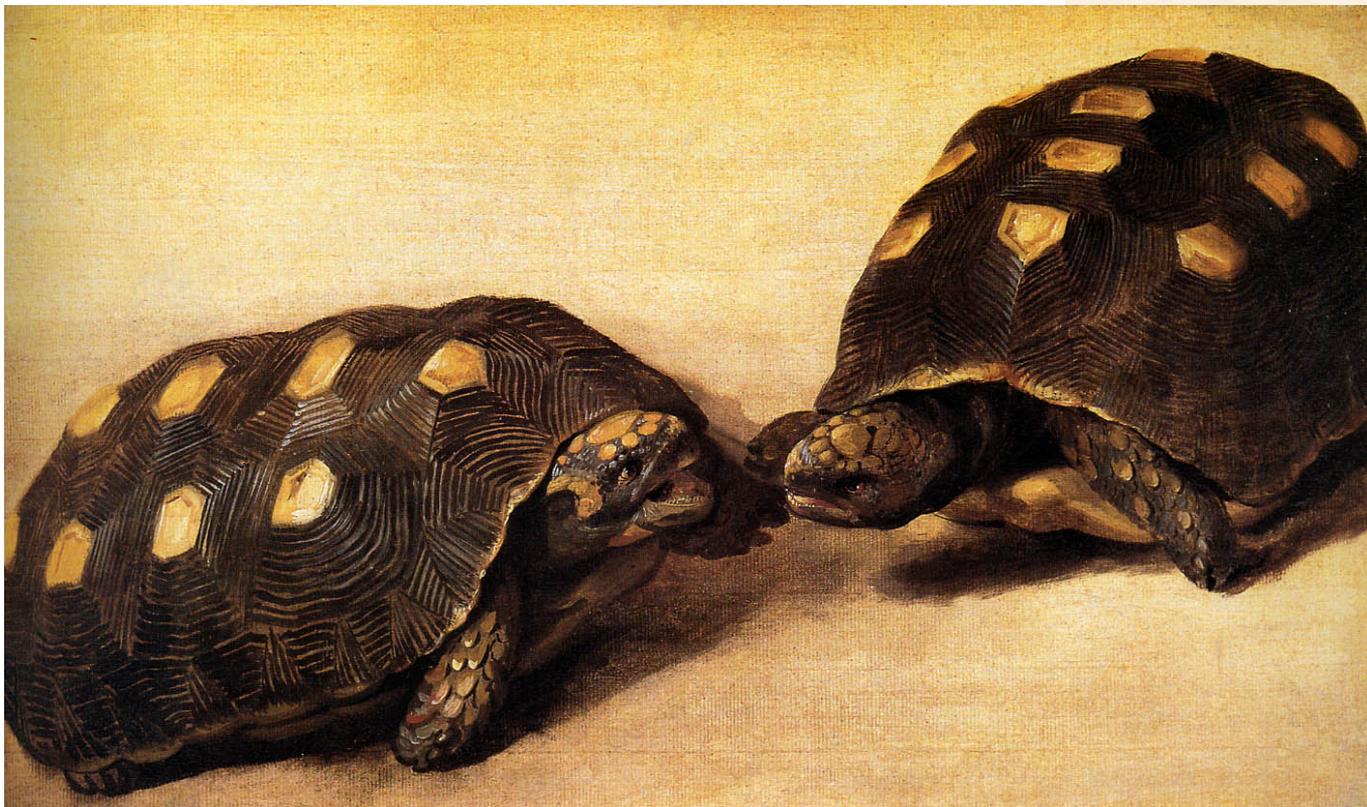


Figura 6. Jabutis desenhados por Eckhout (século XVII).

Tais desenhos, infelizmente, só serviram para a produção de toscas xilogravuras ilustrando as obras de Piso e Marcgrave (1648), os primeiros grandes tratados sobre a biota brasileira, que serviram para Linnaeus descrever, no século XVIII (1758) as primeiras espécies de nossa terra. Os desenhos originais dos artistas nassovianos só foram publicados recentemente. Mas esta é uma outra história...

O emprego de refinados artistas para ilustrar trabalhos científicos zoológicos foi apanágio das grandes instituições de pesquisa criadas (ou que se firmaram) no Brasil no século passado: o Museu Emílio Goeldi em Belém, o Museu Nacional e o Instituto Oswaldo Cruz no Rio de Janeiro e o Institutos Butantan e o Instituto Biológico em São Paulo.

O presente livro é uma importante contribuição para a história da ciência zoológica e da ilustração científica no Brasil. O Prof. Henrique Canter deve ser parabenizado por seu esforço em tornar públicas as obras dos diversos artistas que contribuíram para o engrandecimento do Instituto Butantan, ora em seu 110º. ano de profícuas realizações em diversos campos da ciência, e por sua meticulosa pesquisa das biografias e atividades desses vários ilustradores científicos. Além de proporcionar-nos o prazer estético de contemplá-las.

Prof. Dr. Nelson Papavero

Biólogo. Doutor em Ciências (Zoologia) pelo Instituto de Biocências da USP. Pesquisador aposentado do Museu de Zoologia da USP. Entomólogo, especialista em Diptera, história da Biologia Comparada e história da zoologia no Brasil. Ex-presidente da Sociedade Brasileira de Zoologia. Responsável pelo Programa Nacional de Zoologia do CNPq. Ex-vice-diretor de pesquisas do Museu Paraense Emílio Goeldi. Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e Professor Honorário da Universidad Nacional de Tucumán. Publicou 65 livros, 236 artigos científicos e 101 capítulos de livros. Orientou 15 dissertações de mestrado, 21 teses de doutorado e 1 pós-doutorado.

O REENCONTRO DAS ILUSTRAÇÕES

O reencontro com as ilustrações ocorreu em abril de 2002. Fui procurado pela Dra. Maria de Fátima D. Furtado, então Diretora do Laboratório de Herpetologia, portando uma velha caixa de papelão que lhe fora entregue pela Sra Alma Hoge. Dona Alma, como a chamávamos, preparava-se para deixar a residência que ocupava desde 1970, em virtude da sua aposentadoria. Casada com Alphonse R. Hoge, conhecido herpetólogo que por muitos anos dirigiu a Divisão de Biologia e chefiou a Seção de Herpetologia (ex Ofiologia) do Instituto Butantan, era ela própria uma ofióloga, encarregada efetiva do Setor de Cadastro da Divisão de Biologia¹ e autora de 25 trabalhos na área.

O que continha a caixa? Ilustrações de serpentes de autoria de Augusto Esteves (29 pranchas), de Olavo Pinto (17), Robert Kleyer (10) e outras 17 ilustrações, muitas delas sem clara identificação de autoria. Havia também a capa de madeira de um livro e uma coleção de quadros retratando herpetólogos e cientistas famosos. No julgamento da Dra. Fátima, eram de grande interesse para o Instituto, devendo ser tombados como documentos históricos. E que documentos!

As ilustrações, bem como outros materiais, haviam sido levadas à residência dos Hoge em virtude das precárias condições físicas do prédio da Herpetologia (goteiras, mofo, cupins), além de mudanças administrativas surgidas após o falecimento do Dr. Hoge, com anuência da chefia e até pela proximidade em relação ao Laboratório. Os Hoge sempre se preocuparam com as ilustrações, que admiravam pela beleza, representatividade da fauna e por respeito a seus autores. “Eram mostradas aos pesquisadores, professores e alunos que visitavam a Seção, bem como aos visitantes ilustres ou não tão ilustres, porém interessados na Ofiologia” (declaração de D. Alma).

Tratava-se de pranchas com desenhos a bico de pena e aquarela, preparadas por aqueles desenhistas e certamente destinadas a ilustrar artigos de herpetólogos do Instituto. Estavam arranjados à moda antiga de preparo de figuras para publicação (pranchas), isto é, as figuras individuais eram coladas em um cartão, cartolina ou qualquer substrato mais resistente. Eram utilizados vários tipos de cola para sua fixação em diferentes tamanhos de cartão, então recoberto por uma folha de papel de seda. Tais pranchas deveriam estar preparadas para suportar inúmeras viagens de ida e volta, do laboratório à gráfica, à medida em que se tiravam em média quatro a cinco provas tipográficas até a publicação final do artigo.

¹ - Unidade da Seção de Herpetologia incumbida do recebimento dos répteis, registro dos dados a eles referentes e prestação de informações aos fornecedores.

As condições em que o material foi acondicionado ao longo dos anos (acreditamos que o seu período de elaboração esteja compreendido entre os anos 20 e 60 do século passado) não eram as mais adequadas. A residência, nas proximidades de extensa área verde, era local com certa umidade. Se associarmos a essa condição a natureza das colas utilizadas, encontraremos seguramente o meio adequado à proliferação de fungos e mofo. E foi o que aconteceu. Em maior ou menor extensão, as inúmeras e belas figuras continham manchas de fungos e outros danos produzidos pelo tempo e forma de armazenamento utilizado.

A Recuperação

O primeiro sentimento, associado ao de admiração pela qualidade do trabalho executado, era o de lástima pelo estado em que se encontravam. Aqueles originais não poderiam ser tombados e armazenados naquele estado de conservação. Foi então que nos lembramos das condições em que encontramos há alguns anos, a coleção de Relatórios Anuais do Instituto, iniciada em 1901, muitos deles encadernados com prego! Na ocasião, valendo-nos de um projeto de infraestrutura da FAPESP, conseguimos, através de uma empresa de restauração, fazer o resgate daqueles relatórios.

Por que não repetir o processo? Solicitamos pois a visita da restauradora, Sra. Lucy Luccas, para que avaliasse as condições da nossa coleção de ilustrações, e quais as possibilidades de êxito. Levadas algumas pranchas à sua oficina, em poucos dias soubemos que seria possível trabalha-las. Do parecer-orçamento inicial, constava: “Sujidade generalizada. Quase todas as pranchas estão coladas sobre papel grosso, muito ácido. Manchas excessivas de foxing, provocadas pela sujeira, pelo mau acondicionamento, por umidade”. O trabalho poderia ser realizado em tempo, a princípio indeterminado, pois envolveria o seguinte tratamento:

- 1. “delaminar, isto é, retirar todo o papel colado no verso de cada prancha, com uso de bisturi cirúrgico”;*
- 2. “fixação das tintas dos desenhos para não se alterarem durante o restante do tratamento”;*
- 3. “seguidos banhos até a retirada total da sujidade do papel”;*
- 4. “clareamento do papel de cada prancha, para retirada das manchas”;*
- 5. “desacidificação do papel de cada prancha”;*
- 6. “planificação do papel, concluído o tratamento”;* e
- 7. “acondicionamento de cada prancha em papel de ph neutro”.*

A RECUPERAÇÃO

Enquanto permaneciam na oficina de Luccas & Tuenze ,onde era feita a restauração, as figuras foram vistas pelo Dr. Miguel Francisco Pacheco e Chaves, cliente dessa firma, especialista em processos digitais, que nesse momento acompanhava a restauração de uma obra do século XVI. Impressionado com a qualidade dos desenhos vistos nas amostras, demonstrou interesse e aceitou nosso convite para conhecer as demais pranchas no Butantan. Após conhecê-las e saber o nosso objetivo em relação às ilustrações, ofereceu-nos, sem custos, a reprodução por processo digital, em alta resolução, para produção de arquivos a serem gravados em CD, visando sua preservação e uma provável e futura co-edição de livro, catálogo ou outros produtos.

Assim como a oficina de restauro de Lucy Luccas procedera com os relatórios de gestão do Instituto, novamente, nesta ocasião, seu trabalho foi magnífico - as ilustrações foram retiradas dos seus substratos originais e devidamente tratadas em relação às manchas e microrganismos que as afetavam. Obviamente, determinadas marcas, em definitivo fixadas pelo longo tempo em que passaram sem a devida proteção, não puderam ser removidas. Todo o material foi então anexado a novas bases, constituídas por papel e cartolina neutros e acondicionados em estojos especialmente preparados para recebê-los. Esta etapa da recuperação foi possível devido a sua inclusão no projeto Espaço e Memória Iconográfica do Instituto Butantan, Proc.400849/03-8, CNPq.

UM NOVO ACHADO

Um Novo Achado

Passado algum tempo, surgiu uma inesperada e valiosa doação. A Dra. Eva M. A. Kelen, ao mudar-se para um novo Laboratório, encontrou, entre os pertences do Dr.Gastão Rosenfeld, uma pasta com ilustrações de Augusto Esteves, oferecendo-a para a nossa guarda. Com menor tamanho e por terem sido melhor acondicionadas, não sofreram maiores danos, dispensando limpeza e tratamento.

De posse desse rico acervo, a idéia inicial era, após os devidos cuidados, duplicá-lo e disponibilizar as cópias aos herpetólogos e demais estudiosos, preservando os originais. Todavia, ao avaliarmos o conjunto das ilustrações recuperadas, a diversidade que representavam, os detalhes morfológicos que revelavam minúcias muitas vezes imperceptíveis, o conhecimento de que a grande maioria dos exemplares representados foi reproduzida a partir de animais vivos, exibindo suas cores e atitudes características, ao contrário daqueles obtidos em coleções museológicas,

fez-nos refletir - somente duplicar e guardar?

Perguntavamo-nos ainda a razão maior que privilegiou o Butantan, aquinhoando-o com uma plêiade, não de meros desenhistas, mas de verdadeiros artistas, que foram os seus ilustradores.

Animou-nos então, além da recuperação física, planejar a atualização taxonômica das espécies representadas, o relato histórico do encontro das ilustrações, o resgate biográfico daqueles com maior representatividade na iconografia ofídica obtida. que poderiam, como está sendo feito, ser reunidos através da edição de um livro.

O material resgatado possibilitará ainda:

- organizar um banco de imagens digitalizadas, com uma versão em CD;*
- produzir material gráfico como : posters, coleção de desenhos, álbuns, calendários, cartões postais, marcadores de livros, agendas, etc..*

A apresentação das biografias dos ilustradores científicos e suas respectivas ilustrações foi feita a partir da disponibilidade de material biográfico e iconográfico, iniciando-se sem dúvida pelo personagem Augusto Esteves que, além dos critérios acima expostos, desempenhou um papel de grande importância na história do Butantan e da ciência e arte brasileiras.



auto retrato Augusto Esteves

AUGUSTO ESTEVES

Como dito acima, damos precedência a Augusto Esteves, em particular, por sua importância na história do Butantan, da ciência e arte brasileiras. Mas é preciso estendê-la ao Instituto Vital Brazil, ao Instituto Pinheiros, à Santa Casa de Misericórdia e à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, onde sua passagem foi indelével, extraindo de contemporâneos o apreço por sua pessoa, razão pela qual valer-nos-emos, em boa dose, das manifestações por eles expressadas.

José Augusto Esteves nasceu a 16 de outubro de 1891, em São José da Boa Vista, Paraná, filho do português Domingos José Esteves e de Geraldina Gomes de Oliveira Esteves; seu avô materno foi José Antonio Gomes de Oliveira, licenciado em Farmácia, que se casara com uma Xavier, descendente de Tiradentes. O pai estabeleceu-se em Avaré, onde juntamente com muitos irmãos, fez os seus estudos iniciais; um deles, o Padre Lindolfo Esteves, destacou-se nas letras do país. Em 1904 mudou-se para São Paulo, Capital, onde se empregou na firma Martins Costa & Cia., para execução de serviços gerais, aí ficando até 1908. Nessa ocasião, mesmo sem maior orientação, esboçou seus primeiros desenhos e pinturas, e concorreu à Exposição do I Centenário da Abertura dos Portos do Brasil (Rio de Janeiro, 1908), ganhando medalha de prata. Animado, passou a estudar desenho e pintura no ateliê do Prof. Pedro Strina, em troca da limpeza do seu estúdio. Recebeu também aulas de modelagem com o escultor Lourenço Petrucci.

Corria o ano de 1912 quando, convidado, acompanhou o fotógrafo G. Sarracino, para fazer fotografias da família Vital Brazil no Instituto Butantan, onde encontrou e estabeleceu amizade com o grande cientista, que passou a conhecer os dotes de Esteves, descobrindo o desenhista que tanto precisava no Instituto. Uma vez admitido, Esteves ilustrou a obra “A defesa contra o Ofidismo”, desenvolvendo também técnicas de ceroplastia. Passou então para o cargo de Desenhista-ceroplasta. Em 1919 Vital Brazil saiu do Butantan, dirigindo-se a Niterói, onde fundou o Instituto que leva o seu nome; convidou Esteves para acompanhá-lo. Não havendo ali o cargo de desenhista, Esteves foi transformado em Administrador, tornando-se o braço direito de Vital Brazil. Nessa ocasião desenhou o logotipo do Instituto. No desempenho de suas atividades, conheceu Alvarina, filha de Vital e sua secretária. O convívio diário aproximou-os, resultando daí o afeiçoamento entre ambos. A simplicidade e respeito de Esteves fizeram com que custasse a manifestar ao cientista a sua intenção. Com interferência de parentes e obviamente com anuência do pai, realizou-se o casamento, do qual resultou o nascimento de seis filhas.

Esteves permaneceu em Niterói até 1934, quando regressou a São Paulo, indo trabalhar no Instituto Pinheiros.

A esta altura passamos a transcrever o texto do Diretor Presidente desse Instituto, o Dr Paulo Ayres Filho [Pinheiros Terapêutico, v. 22, n° 90, 1966]:



Dipsas alternans

MUÇURANA X JARARACA
 Clélia clélia Bothropoides jararaca

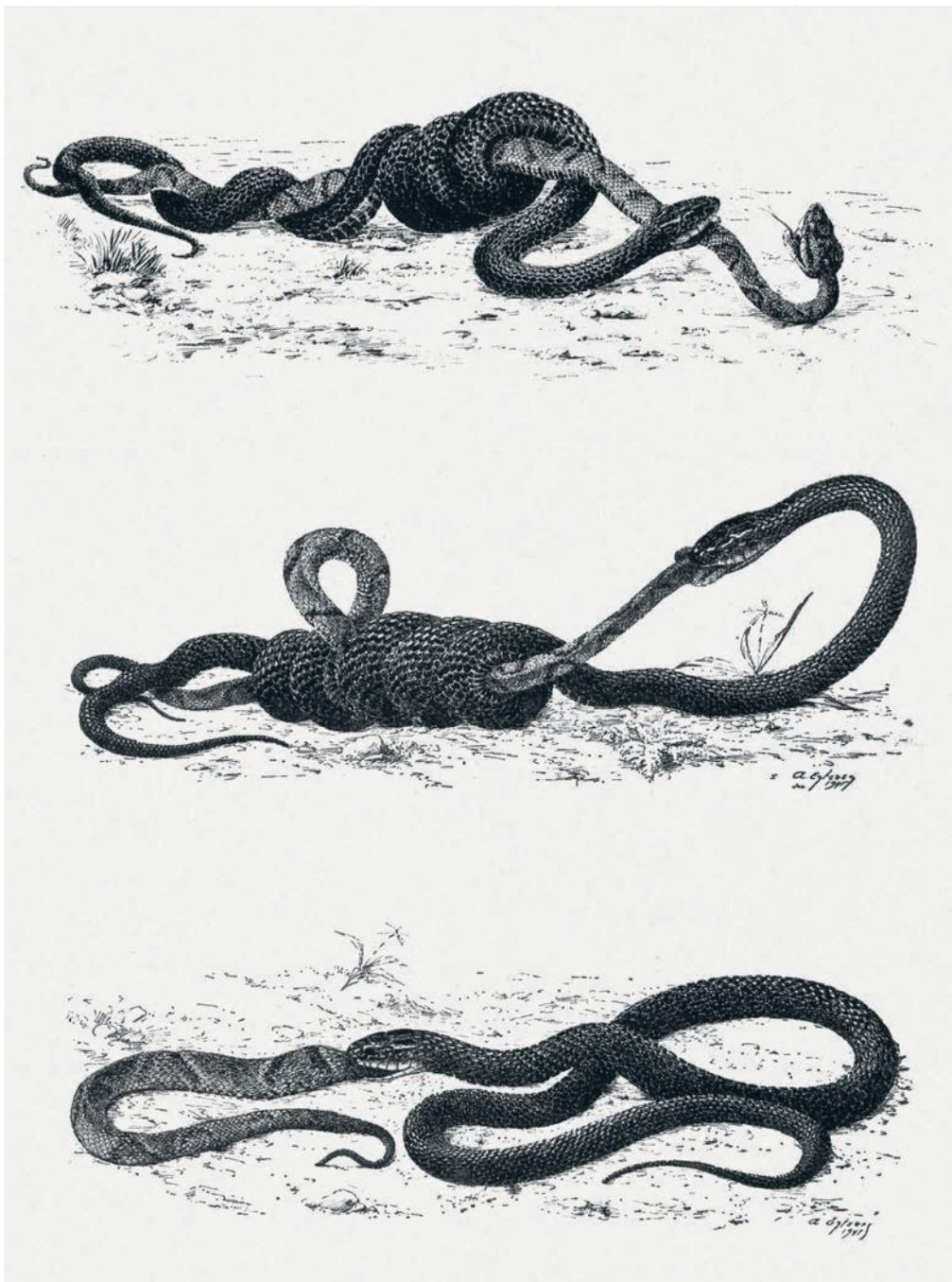
Figura simbólica, vamos encontrá-la, em alto relevo, na fachada do primeiro prédio erigido no Instituto Butantan [1914]. Representa, na alimentação da Muçurana, serpente ofiófaga, a captura de sua presa: a jararaca .

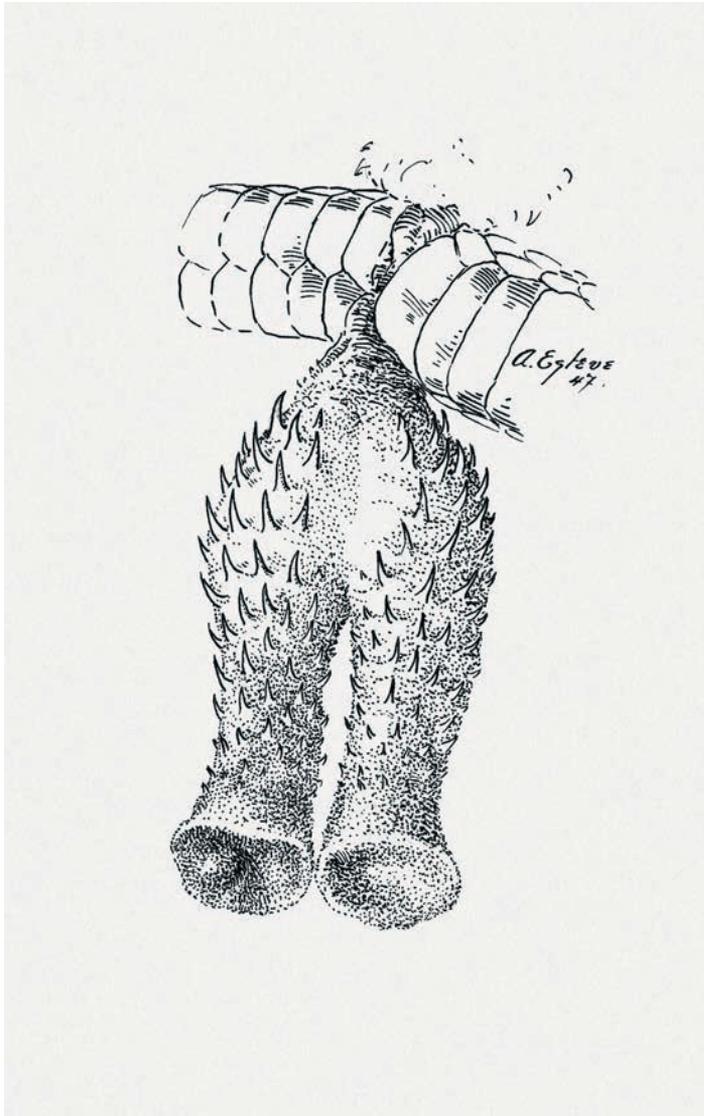
O nome muçurana, derivado tupi-guaraní, *muçum* = alongado, esguio, corda, [há um peixe alongado, serpentiforme, com o nome popular *muçum*] e rana, que tem a forma de, aparência de.

Artur Neiva, registra também a designação: *boiru*, que em *neengatu*, significa: comedor de cobra, como sempre, bem observado e nominado pelos nossos indígenas.

Muitos vêm nesta figura a representação do bem [Muçurana, não venenosa, não agressiva], contra o mal, simbolizado pela Jararaca (venenosa, agressiva).

Essa imagem, em forma estilizada, foi por muito tempo estampada em selo que lacrava as embalagens de produtos do Butantan.



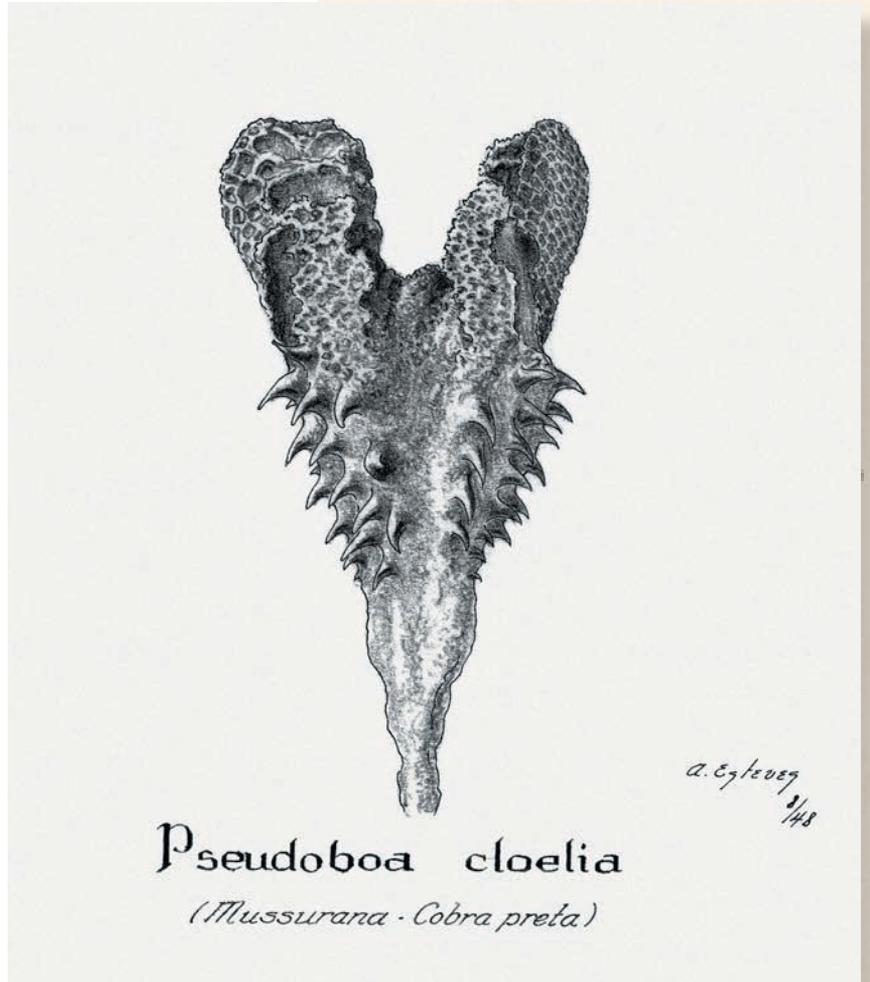


Xenodon merremii

HEMIPÊNIS

O taxonomista na sua atividade de descrever, nomear e principalmente classificar os organismos, escolhe determinados aspectos, geralmente morfológicos [mas podem também ser: fisiológicos, bioquímicos, etológicos e outros], para auxiliá-lo, é o chamado caráter taxonômico.

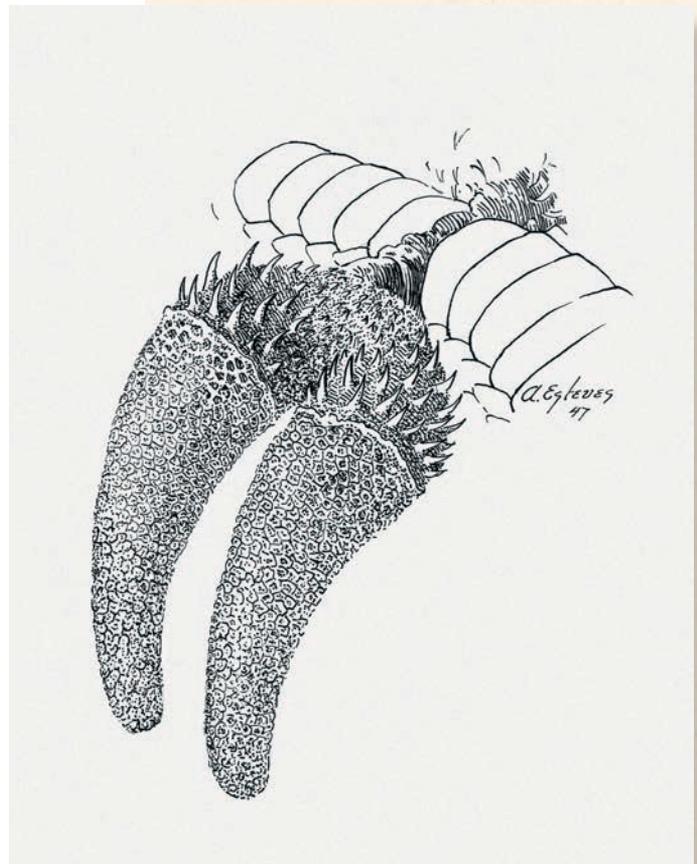
Em Ofiologia o hemipênis, órgão copulador masculino, de natureza esponjosa, par, bifurcado é dotado de espinhos e ornamentos específicos, sendo uma importante característica utilizada na classificação.



Pseudoboa cloelia

(*Mussurana* - Cobra preta)

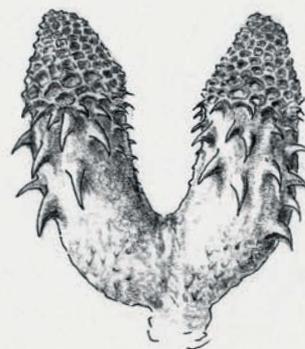
Clelia clelia



Crotalus durissus



Xenodon semicinctus

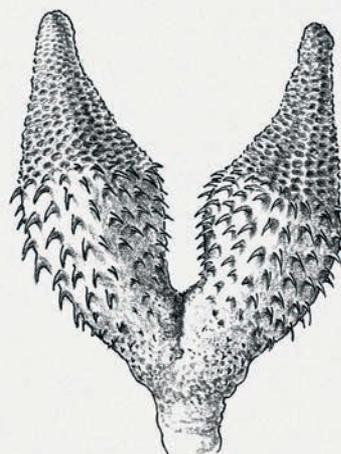


a. Esteves
8/48

Bothrops neuwiedii

(*Jararaca pintada* - *Jararaca do rabo branco*)

B. neuwiedii

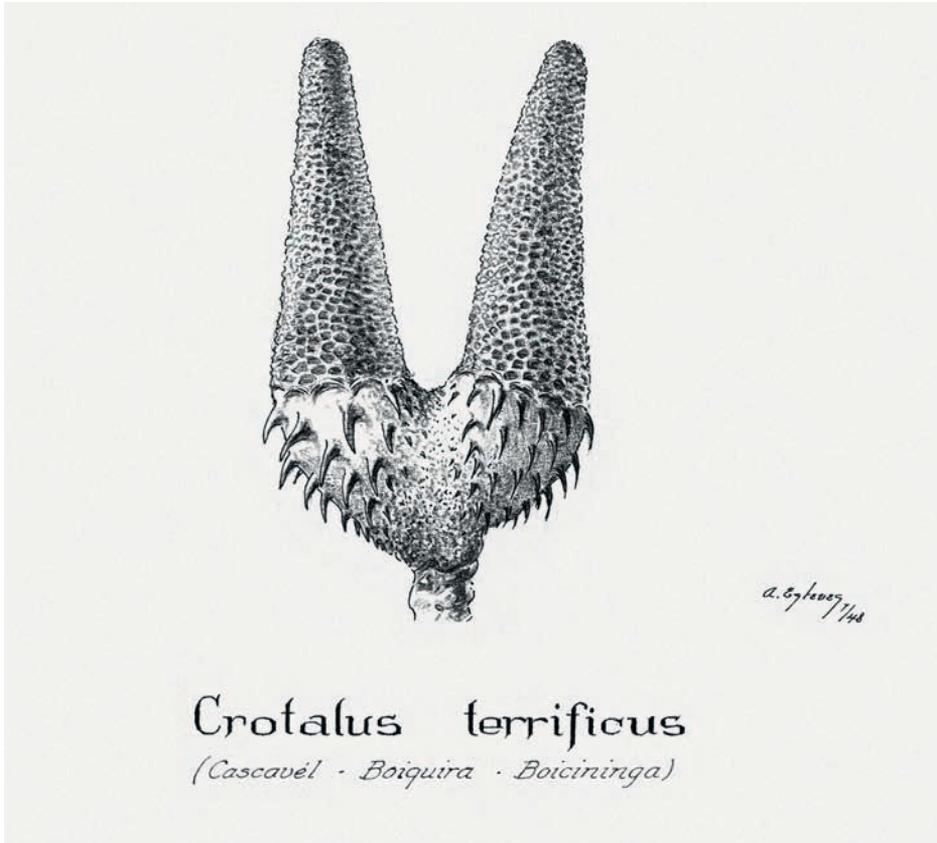


a. Esteves
8/48

Bothrops jararaca

(*Jararaca* - *Jararaca preguiçosa*)

B. jararaca



C. durissus



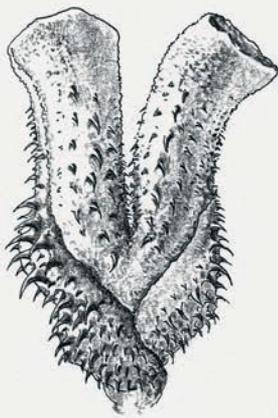
Lachesis muta

Boa constrictor





Micrurus lemniscatus



ac/levy
5/11

Xenodon merremii
(Boipeva - Capitão do mato)

X. merremii



Constrictor constrictor
(Giboia)

Boa constrictor



Bothrops bilineata

(Surucucú de patiôba - Jararaca verde)

Bothriopsis bilineata



a. G. / 1859
1/11

Bothrops alternata

(Uruti - Cruzeiro)

R. alternatus

Dipsas bucephala





*Tomodon
ocellatus*

“Augusto Esteves ingressou nesta Casa em 5 de março de 1934. Foram mais de 30 anos de convivência, e neles o artista, através de tantos valiosos ‘bicos de pena’, ‘óleos’, aquarelas, ceroplastias. inscreveria definitivamente a assinatura A. Esteves na história de nossas artes plásticas. Aqui, também, tão ligado às ciências médicas, deixou copioso acervo ceroplástico, no Museu Ofidiológico, e pictórico, na divulgação científica e publicações da Empresa, sem falar nos numerosos textos. Aqui dentro, contudo, era o Sr. Esteves cumpridor exato dos deveres funcionais e companheiro entre companheiros até o cordial desobrigar-se dos mais singelos compromissos do miúdo conviver. A retidão, uma retidão tocada de bondade, porventura de fundo luso-evangélico, é o que melhor lhe caracterizava a personalidade. E foi esse rigor moral que sempre lhe atraiu a definição, geral e espontânea, ‘de homem de outros tempos’, os tempos do fio de barba.

Sim, era bem o ‘homem de um só parecer, de um só rosto e uma só fé’, do clássico português. E nessa fé, que era também religiosa, nos deixou, deixando-nos sua vida, quiçá ainda superior, exemplarmente, à obra. Vida e obra de um raro, de quem honrou o forte, o claro nome de homem”.

Em 1936 trabalhou na Santa Casa de Misericórdia e foi admitido na Faculdade de Medicina da USP, trabalhando junto às cátedras de Dermatologia e Sifilografia e Medicina Legal, tendo se aposentado em 1959. Na Faculdade de Medicina, a sua capacidade produtiva não foi menor, executando desenhos e ceroplastias, reproduzindo casos raros. No Instituto Oscar Freire, peças de Medicina Legal, um Museu do Crime (hoje parcialmente no Instituto de Criminalista, Cidade Universitária de São Paulo).

Novamente em sua homenagem, extraímos trechos da manifestação a ele dirigida, por ocasião de seu falecimento, proferidas pelo eminente Prof. Flamínio Fávero:

“E tornei-me, desde logo, não só seu amigo pessoal, mas ainda, um profundo admirador de suas atividade inigualáveis. Encarregou-se ele da Secção de Desenho e Ceroplastia da grande Casa de Medicina Legal. E que maravilhas realizou no seu setor (...). O museu está repleto de peças por ele feitas. As aulas sempre eram ilustradas com quadros e esquemas de sua autoria. Os trabalhos e os livros que o Instituto publicava tinham a presença indispensável do hábil Mestre Esteves. Mas, o que muito mais me impressionou na vida desse Homem de



trecho de A.Amaral, usado na Iconografia, referindo-se aos ilustradores do I. Butantan :

“Seja-nos permitido nesta oportunidade, não somente expressar nossa admiração para com aqueles [artistas], entre tão dedicados colaboradores, que morreram no decurso de sua nobre missão, mas ainda para honrar-lhes a memória pela obra impecável que executaram em proveito da ciência”.

01/12/1964.

Bothrops jararacussu, mostrando a relação; glândula de veneno e presa inoculadora

“Fror de Ipê
poesia sertaneja de AEsteves

Mané Coivara

Quano a friage passa
e principia esquentar,
aqui, mais p'rá lá,
tem um Ipê frorido,
é lindo. . . , é divertido,
e bão de se oiar !

A gente vêno nos gaio
dessa bunita pranta,
tanta fror, tanta,
que a gente s'spanta. . .
e vê oro feito orvãoio,
que Deus Nosso Sinhôr,
nêste mundo samiô,
p'ra nós dar alegria,
co'esse bandão de fror !

Nossa vista inté dói
e a gente se remóe
e tem que s'espantar
com tanta frôr amarela,
taliquár seno de oro,
parecêno um tesoro
que nós tem sem trabaiár !

Junho - 1948”

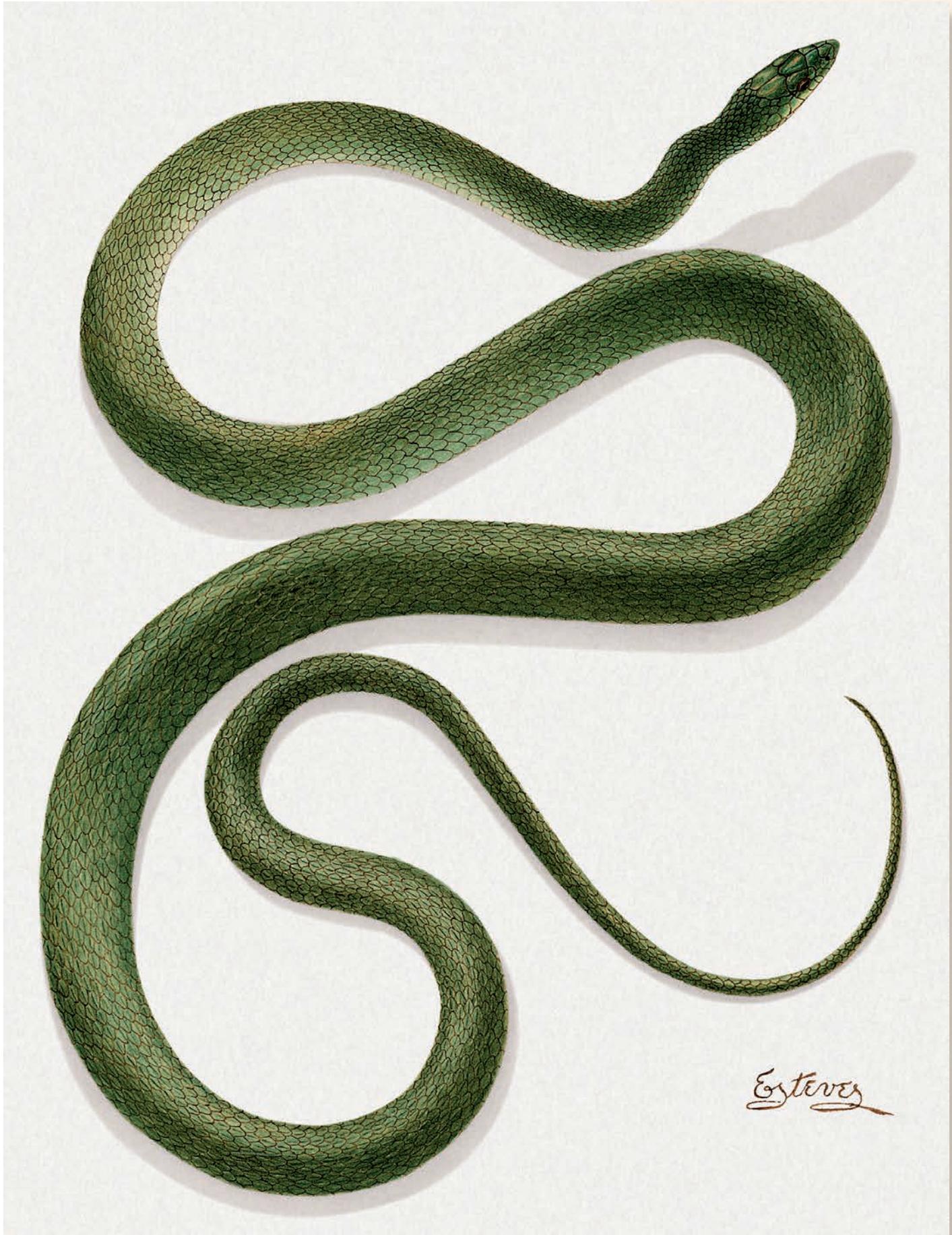
eleição foi a sua modéstia e humildade. Tão grande, no consenso geral dos que tinham trato com ele, entretanto, parece que se sentia acanhado por isso, quase que pedia desculpa pelo que sabia e podia realizar na sua arte, e preferia esconder-se e encolher-se ao impulso irresistível do seu próprio temperamento. Suas obras apareciam e o denunciavam.

Como artista, participou de várias exposições: Salão Paulista de Belas Artes, Liceu de Artes e Ofícios, Associação Paulista de Belas Artes, Salões Municipais das cidades de Santos e Rio de Janeiro, recebendo prêmios e medalhas em vários deles. Expôs individualmente, desenhos a pena e aquarelas, destacando os realizados na Livraria Brasiliense e Teatro Municipal de São Paulo. Inúmeros trabalhos seus estão espalhados por instituições e galerias particulares no Brasil e no exterior, na Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, no Colégio Internacional de Cirurgiões em Chicago e na Faculdade de Medicina da USP. É de sua autoria também o desenho da Medalha comemorativa do Centenário de Vital Brazil, com a qual foi agraciado. O distintivo da Polícia Feminina de São Paulo é também de sua autoria. Desenhou medalhas, ilustrou teses e trabalhos nas instituições e cadeiras a que esteve ligado, além de livros científicos, literatura histórica e infantil. Sob o pseudônimo de “Mané Coivara”, publicou poesias sertanejas. Em 1980 foi homenageado com a denominação, na Faculdade de Medicina da USP, do Museu Ceroplasta Augusto Esteves, com 254 peças de sua autoria.

Além dos trabalhos acima, publicou textos em publicações especializadas sobre ceroplastia e outros de caráter memorialístico e biográfico. Faleceu em São Paulo, no dia 3 de fevereiro de 1966.



Museu Ceroplástico Augusto Esteves, Fac. de Medicina da USP, década 80.



Philodryas aestiva

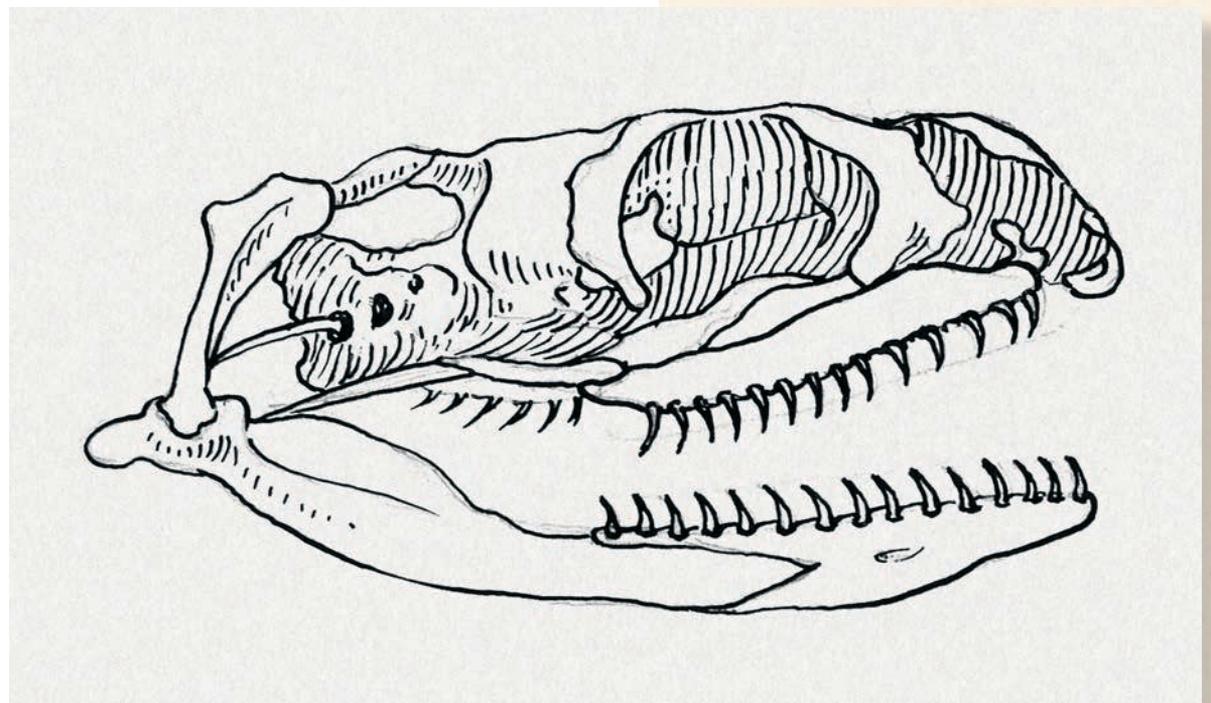


Estrellas

Sibynomorphus turgidus



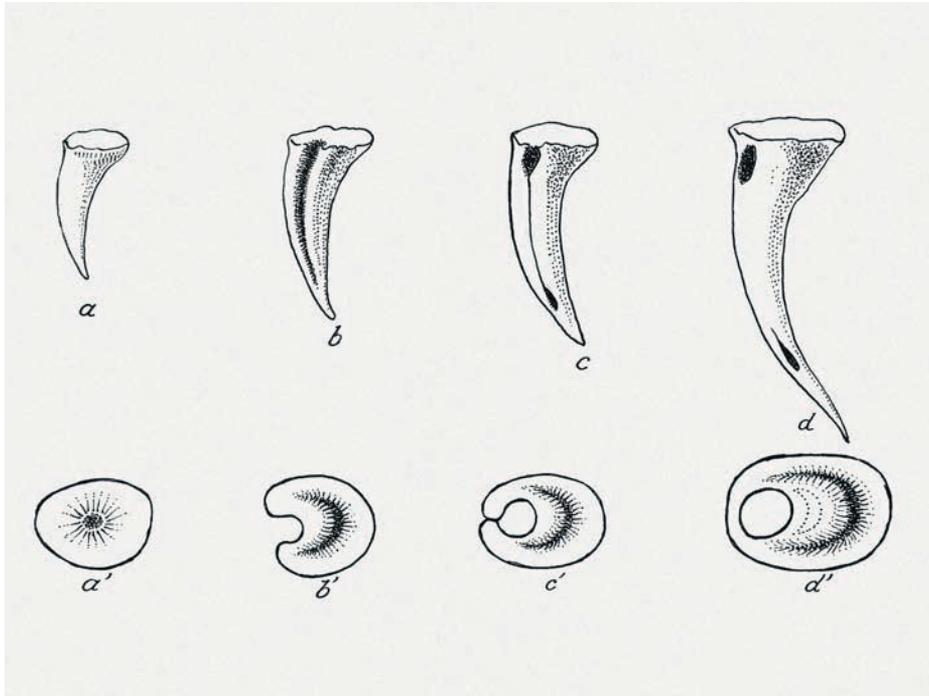
Spilotes pullatus



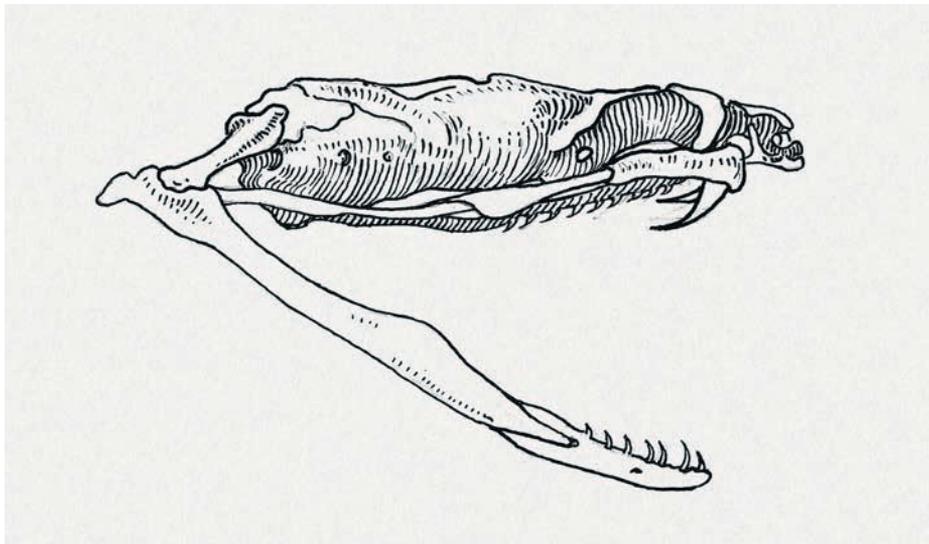
áglifa/*S.pullatus* dentição
áglifa *Spilotes*



Tropidodryas serra



tipos de presa : áglifa, opistóglifa, proteróglifa e solenog



próter/M.corallinus Micrurus

Philodryas olfersii

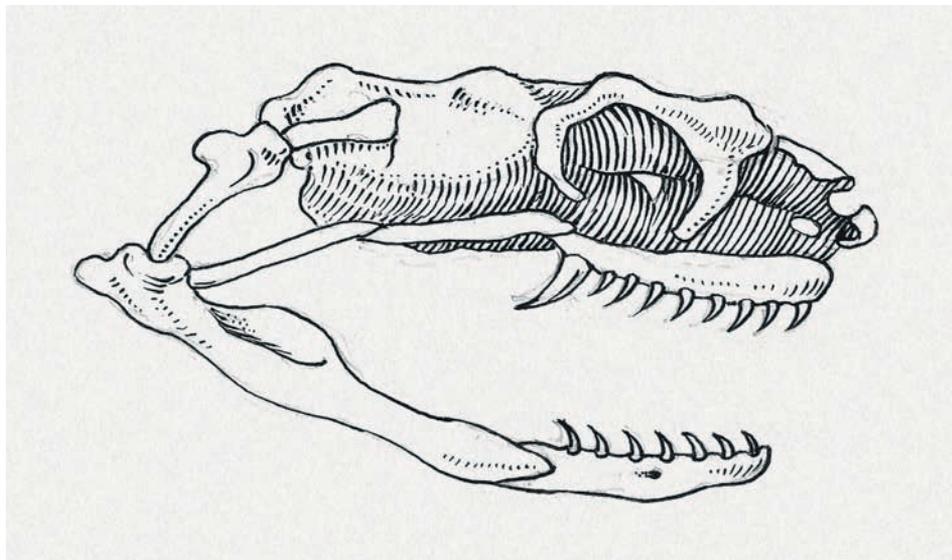




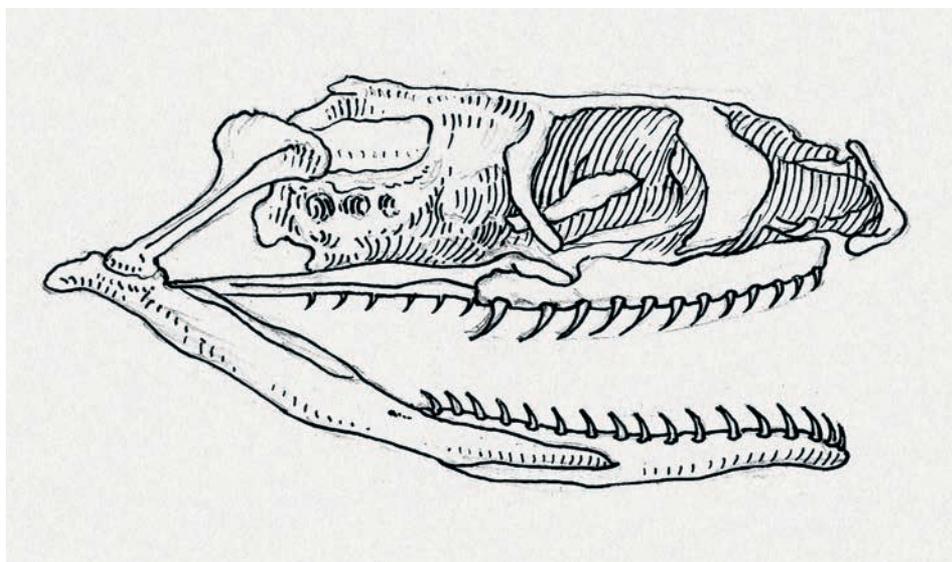
Gomesophis brasiliensis



Tomodon dorsatus



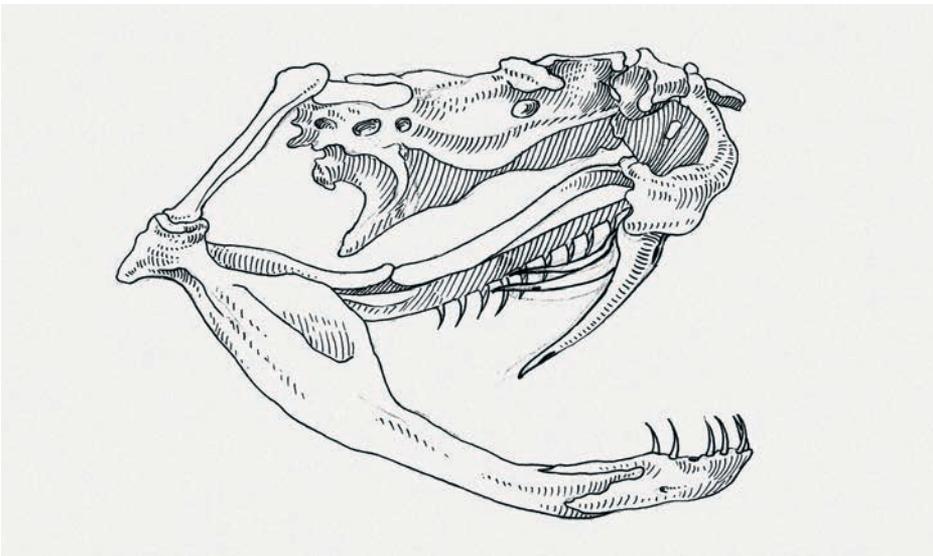
opistó/sem ident.



áglifa/ Mastigodryas bifossatus



Oxyrhopus guibei



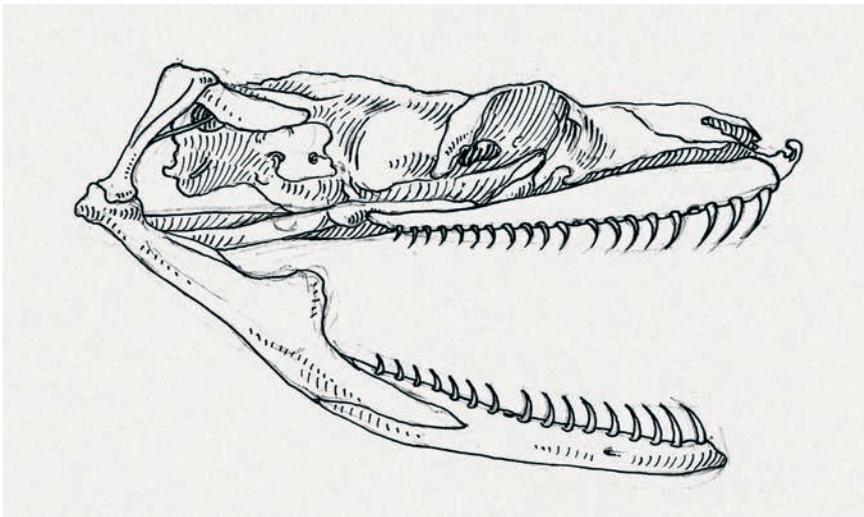
solenóg *Lachesis muta*



Rhinocerothis alternatus



Micrurus frontalis



áglifa/B.const *Boa constrictor*



Imantodes cenchoa



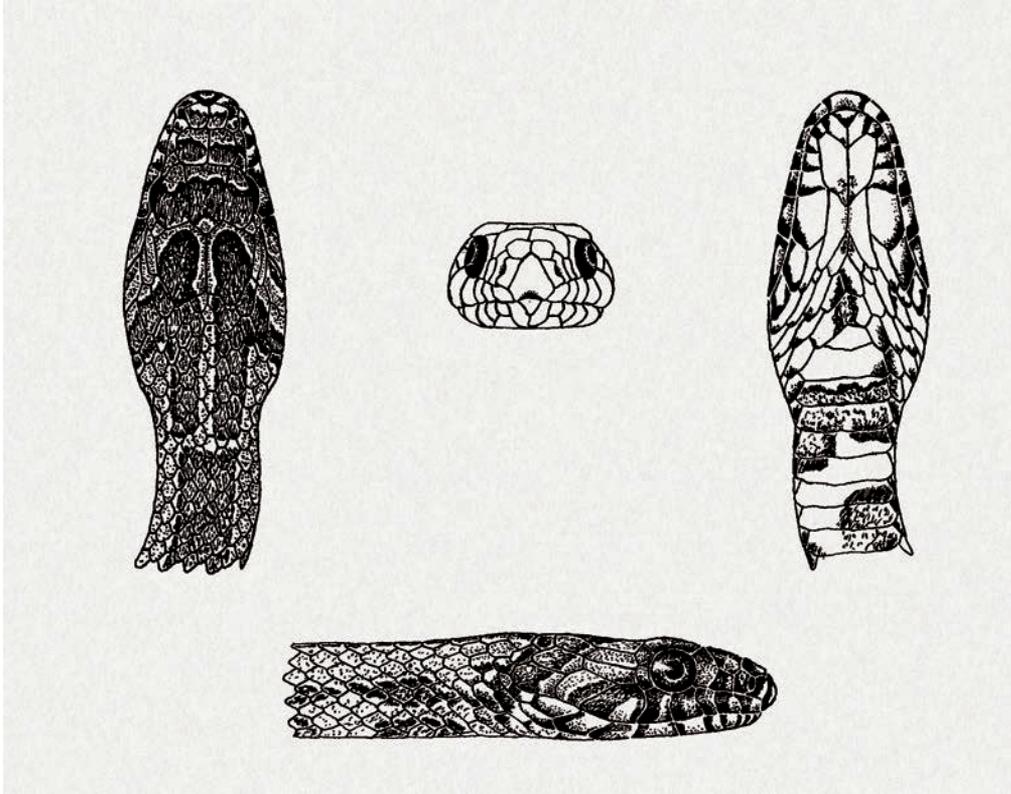
Rhinocerothis cotiara



Bothrops jararacussu



Bothriopsis bilineata



Mastigodryas bifossatus ???



Liophis reginae



Helicops modestus



Bothropoides pauloensis



Pseustes sexcarinatus



Mastigodryas bifossatus



Ophiodes striatus



Bothropoides insularis



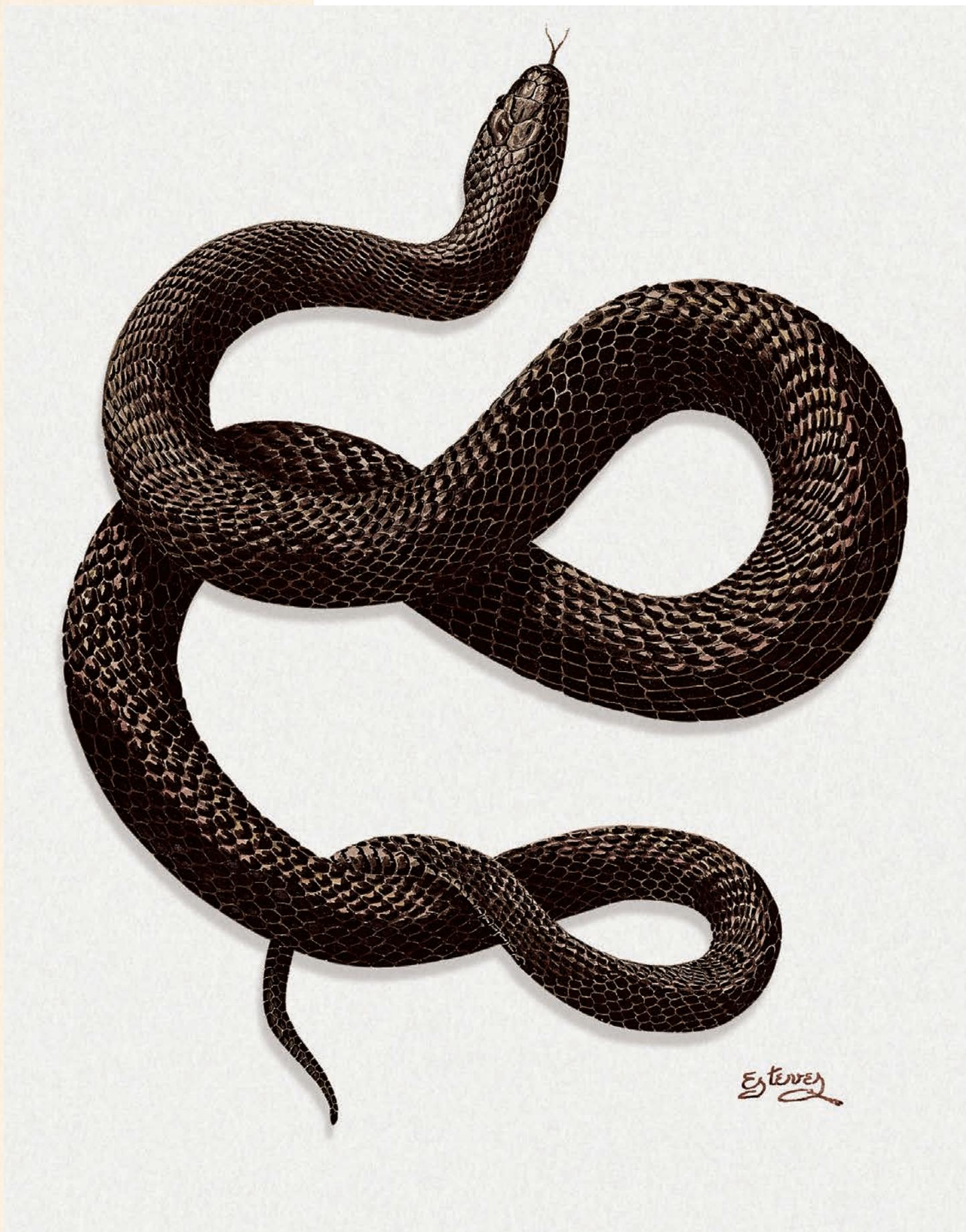
Oxyrhopus petola



Oxyrhopus rhombifer



Erythrolamprus aesculapii



Rachidelus brazili



Sibynomorphus neuwiedi



Micrurus decoratus



Erythrolamprus aesculapii



Bothropoides pauloensis



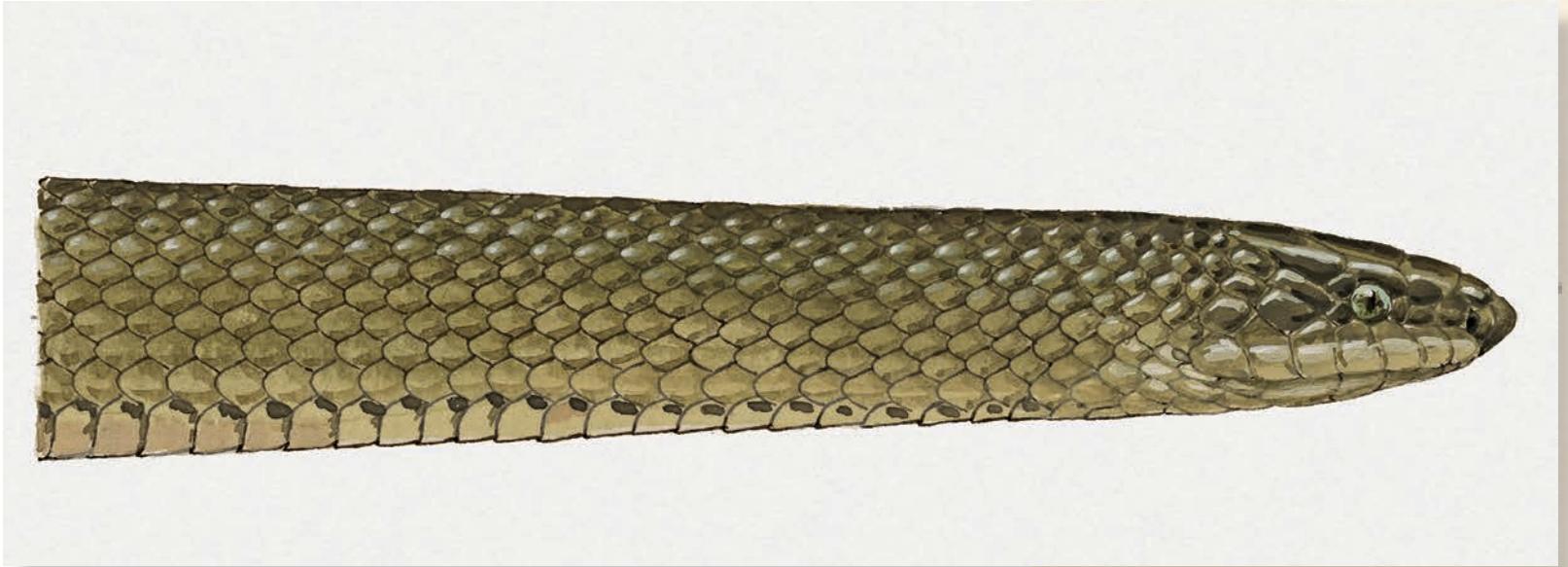
Bothropoides jararaca



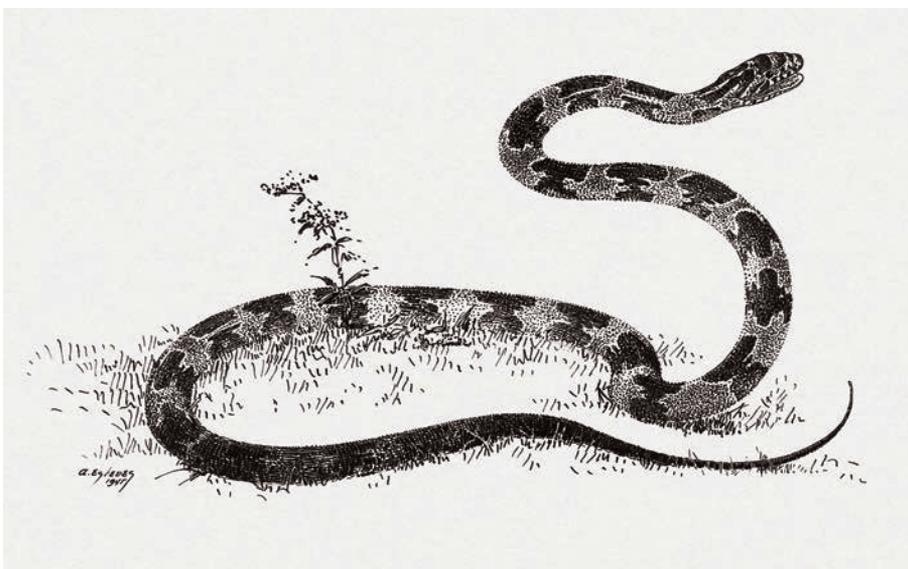
Amphisbaena alba



Micrurus decoratus



Clelia rustica



Mastigodryas bifossatus



Bothrops atrox



Philodryas patagoniensis



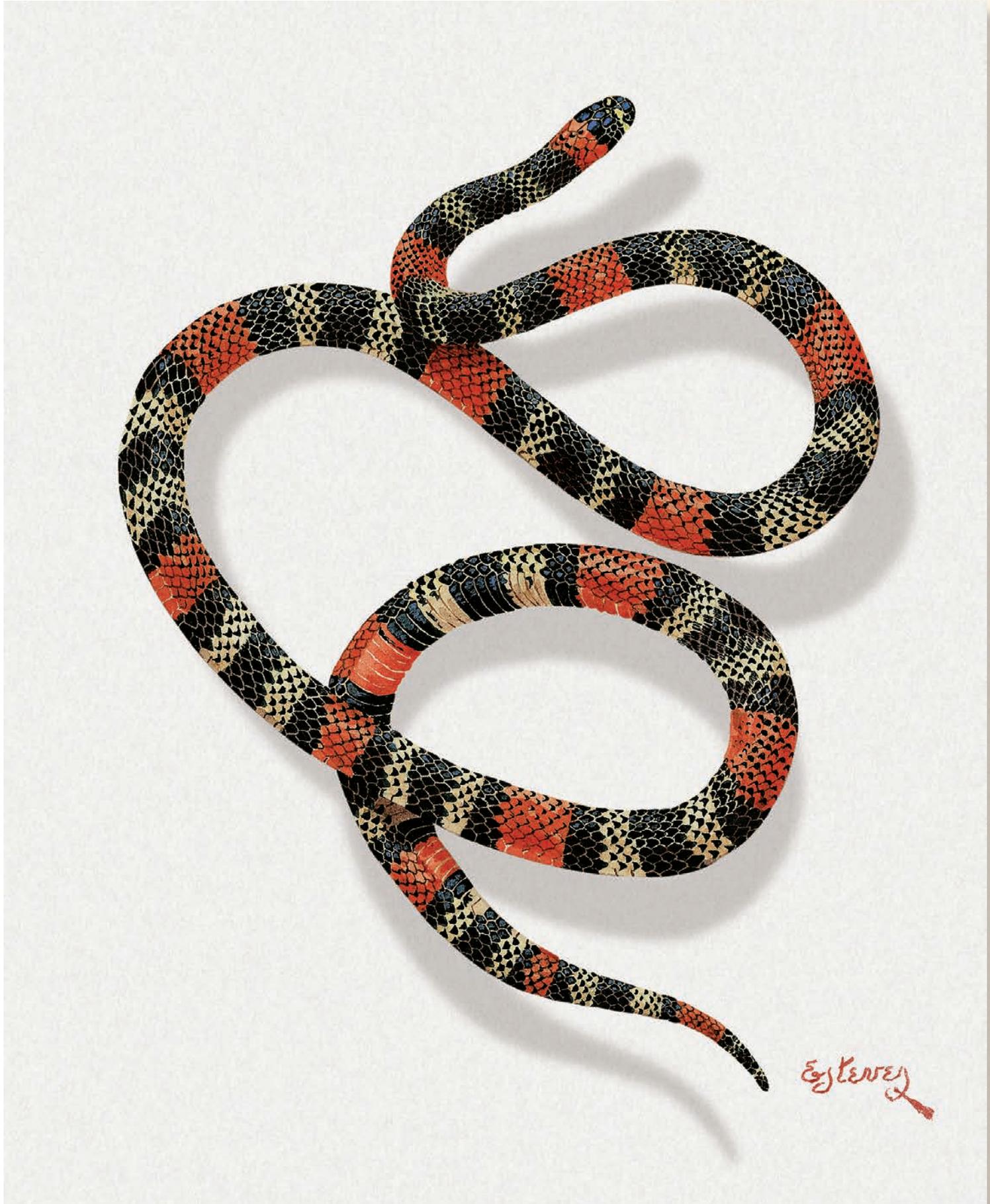
Philodryas olfersii



Xenodon guentheri



Liophis anomalus



Micrurus lemniscatus

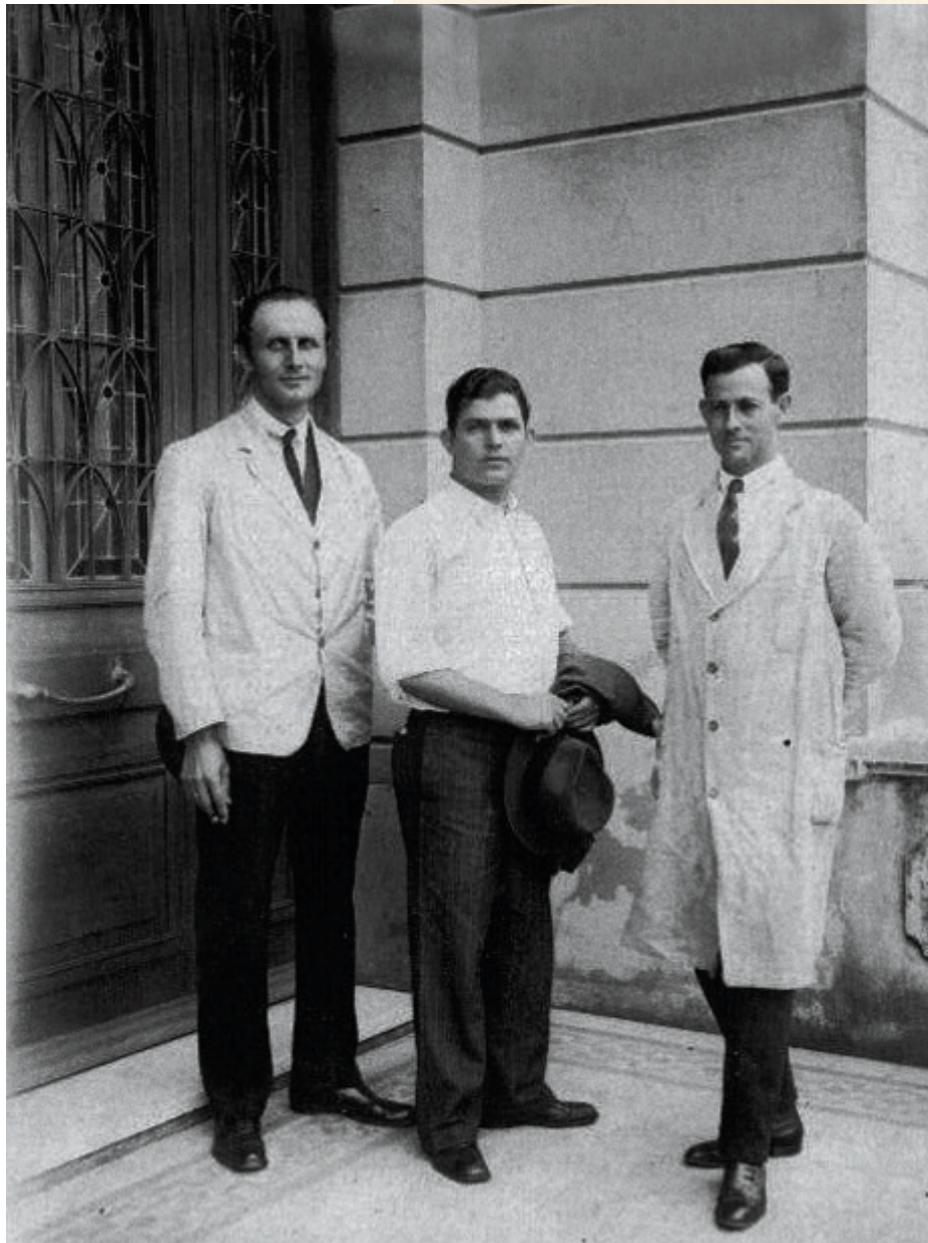


ROBERT KLEYER

Entre os textos biográficos que procurávamos, o referente a Robert Kleyer foi sem dúvida o mais difícil, apenas casualmente obtido. Nossa procura foi exaustiva, em várias fontes, tais como os registros e arquivos do Instituto Butantan, este último com escassas três linhas. Alguns colegas conheciam nossa demanda, entre eles a historiadora Aline Solossando, na época bolsista do Museu Histórico, que foi inquirida por visitantes a respeito da passagem de Kleyer pelo Instituto. Conhecedora de nossa pesquisa, imediatamente contatou-nos, encaminhando os visitantes.

Tratava-se da Sra. Karoline Sauseng, neta do artista e atualmente residindo na Áustria, que se fazia acompanhar na visita por parentes residentes em São Paulo. Como conhecia razoavelmente nosso idioma, pudemos explicar-lhe o objetivo da pesquisa, inclusive mostrando-lhe alguns desenhos e solicitando a sua colaboração na obtenção de dados biográficos, com o que concordou, prometendo remetê-los após o seu regresso à Europa. Algum tempo depois, recebemos correspondência dela, contendo ilustrações, fotos e texto sobre a passagem de seu avô por São Paulo². Retribuímos a gentileza, escaneando com boa definição as ilustrações de Kleyer e enviando-as à Sra. Sauseng.

Robert Kleyer nasceu em 19 de outubro de 1895 em Karlsruhe e faleceu em Tübingen, Neckar, pouco antes de completar 45 anos em 30 de setembro de 1940. Participou da Primeira Guerra Mundial, ocasião em que, vítima de um soterramento, sofreu ferimentos na coxa e a ruptura de um nervo facial, que lhe causavam dificuldade em andar e muitas dores, problemas que o acompanhariam por toda a vida. Após a guerra, emigrou, em companhia da esposa, tendo desembarcado em Santos a 15 de fevereiro de 1924, onde, sem recursos e conhecimentos, sustentou-se pintando portas em construções e pinturas em vidro na firma Sorgenicht & Garcia.



Kleyer acompanhado por funcionários em frente ao Pavilhão Lemos Monteiro, Butantan

² - Trata-se de documento com três folhas intitulado “um relatório sobre Robert Kleyer”, encabeçado pela palavra “Confidencial”, próximo à qual se lê “o relato que se segue, foi enviado na época ao consulado local [de qual país, Alemanha?] com cópia para o governo de lá [seria o Brasil?], com o consentimento da Sra.Kleyer”. O que se nota neste relatório é um tom permanente de lamentação, frustração, quase um arrependimento da sua passagem pelo Brasil.



Spilotes pullatus

*Phimophis guerini*

Em abril de 1929 ingressou por contrato no Instituto Butantan, como Desenhista ceroplasta para ilustrar trabalhos científicos. Na ocasião, a situação não lhe era das mais satisfatórias; a família passava por dificuldades financeiras e de saúde, com a Sra. Kleyer ficando hospitalizada por longo período, além de residirem longe do local de trabalho. Este último problema foi sanado pelo Butantan, que lhe ofereceu residência em seu campus. (FOTOS). O trabalho de Kleyer estava sendo satisfatório e, por decreto do Interventor João Alberto de Barros, foi efetivado como funcionário público em março de 1931. Apesar da estabilidade conseguida, a família ressentia-se de maior tranquilidade, devido a sua origem alemã; cogitou-se inclusive que deixasse de assinar seus trabalhos, o que rejeitou prontamente. Continuou lutando contra dificuldades financeiras, reivindicando melhora salarial e até obtendo junto ao governo alemão uma pequena ajuda como “ferido de guerra”, quantia que, acumulada, viria ser-lhe de valia quando regressasse. Esse sentimento, aliás, tornou-se mais pronunciado com a ascensão do nacional-socialismo na Alemanha e problemas com sua situação funcional

no Instituto, devidos a mudanças na Legislação trabalhista. Com a colaboração de amigos. promoveu uma exposição de trabalhos que, sem alcançar o sucesso esperado, causou-lhe frustração e profunda depressão; esta, associada aos demais problemas. levou-o a exonerar-se, a pedido, em janeiro de 1939.

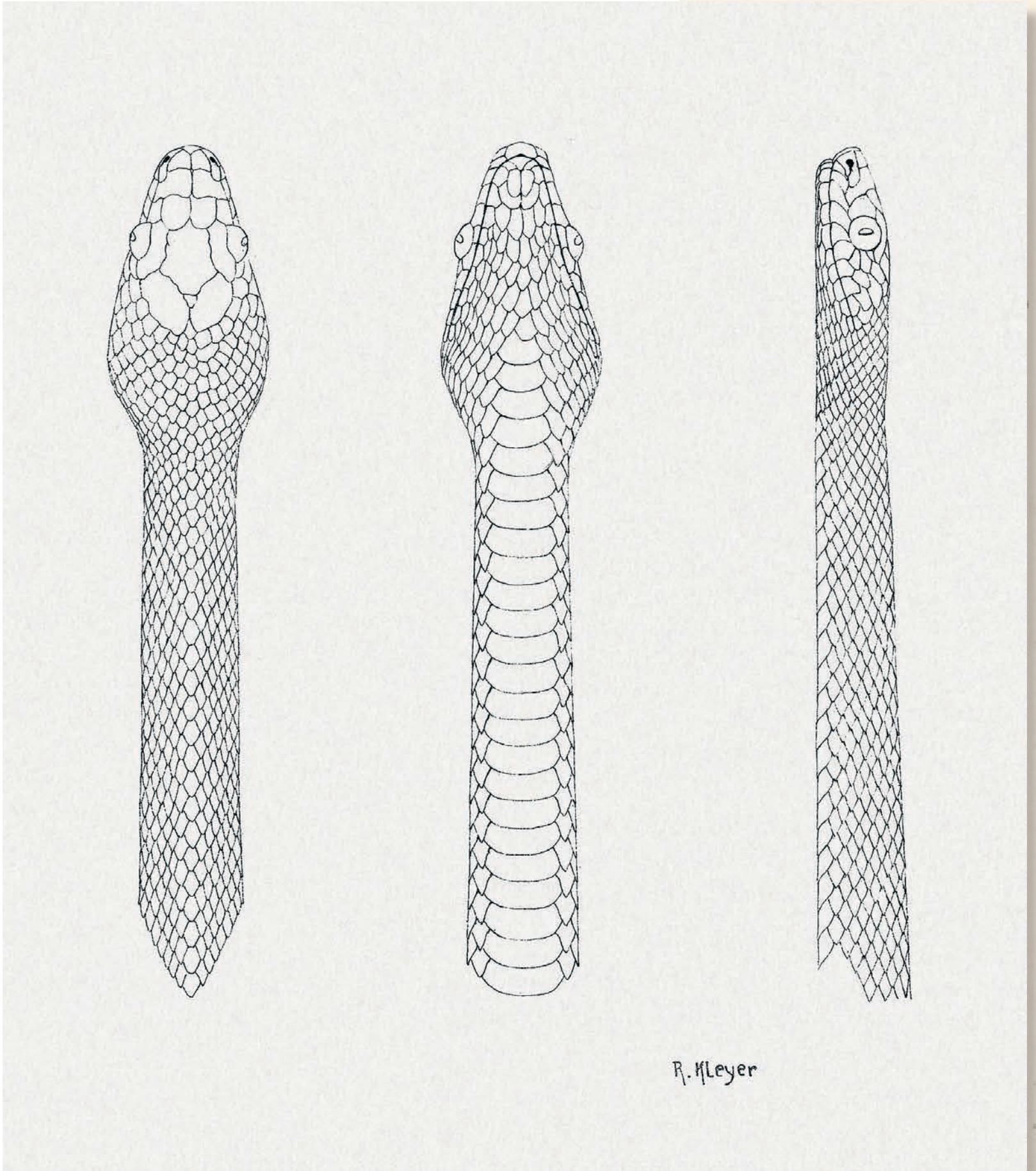
Retornando à Alemanha, viu-se novamente cercado por atribulações, como doença própria e da família, além da falta de trabalho, que se acentuava pela iminência da guerra, que até cancelava trabalhos já solicitados.

Corria o ano de 1940. A família reuniu-se em Tübingen. A saúde precária de Kleuer levou-o a uma cirurgia craniana, vindo a falecer em decorrência dela, prestes a completar os seus 45 anos.

Kleyer deixou-nos um amplo legado de pinturas e desenhos, caracterizados pela rara precisão e beleza. Durante sua passagem pelo Instituto Butantan, ilustrou inúmeros trabalhos na área de Ofiologia, principalmente nos trabalhos do herpetólogo Afrânio do Amaral, que viria aproveitá-las novamente - mais de 100 pranchas - na obra "Serpentes do Brasil - Uma Iconografia Colorida" (Amaral, 1968).

Xenodon dorbignyi





R. M. Leyer

Botriechis schlegeli



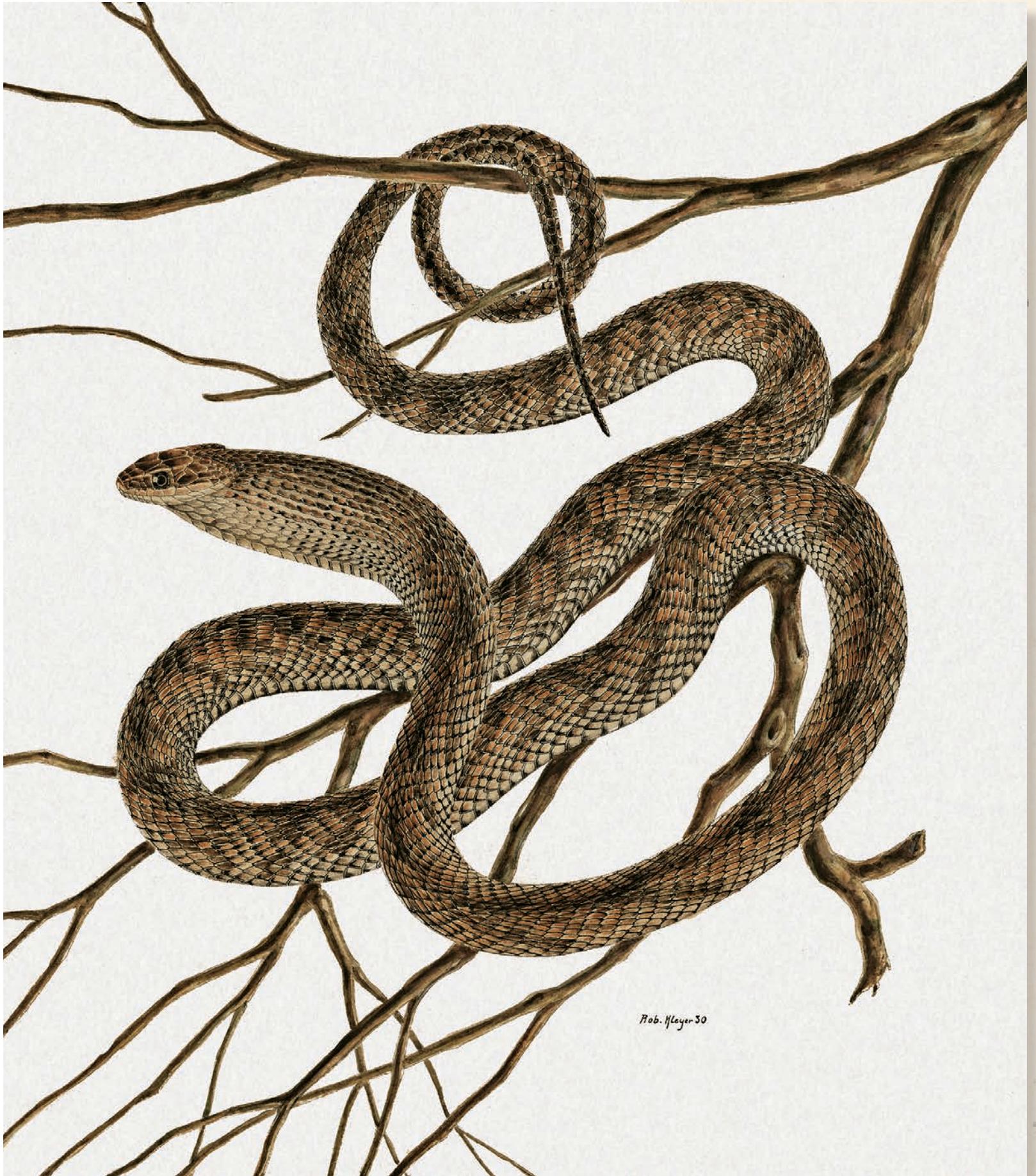
Sibynomorphus newwiedi



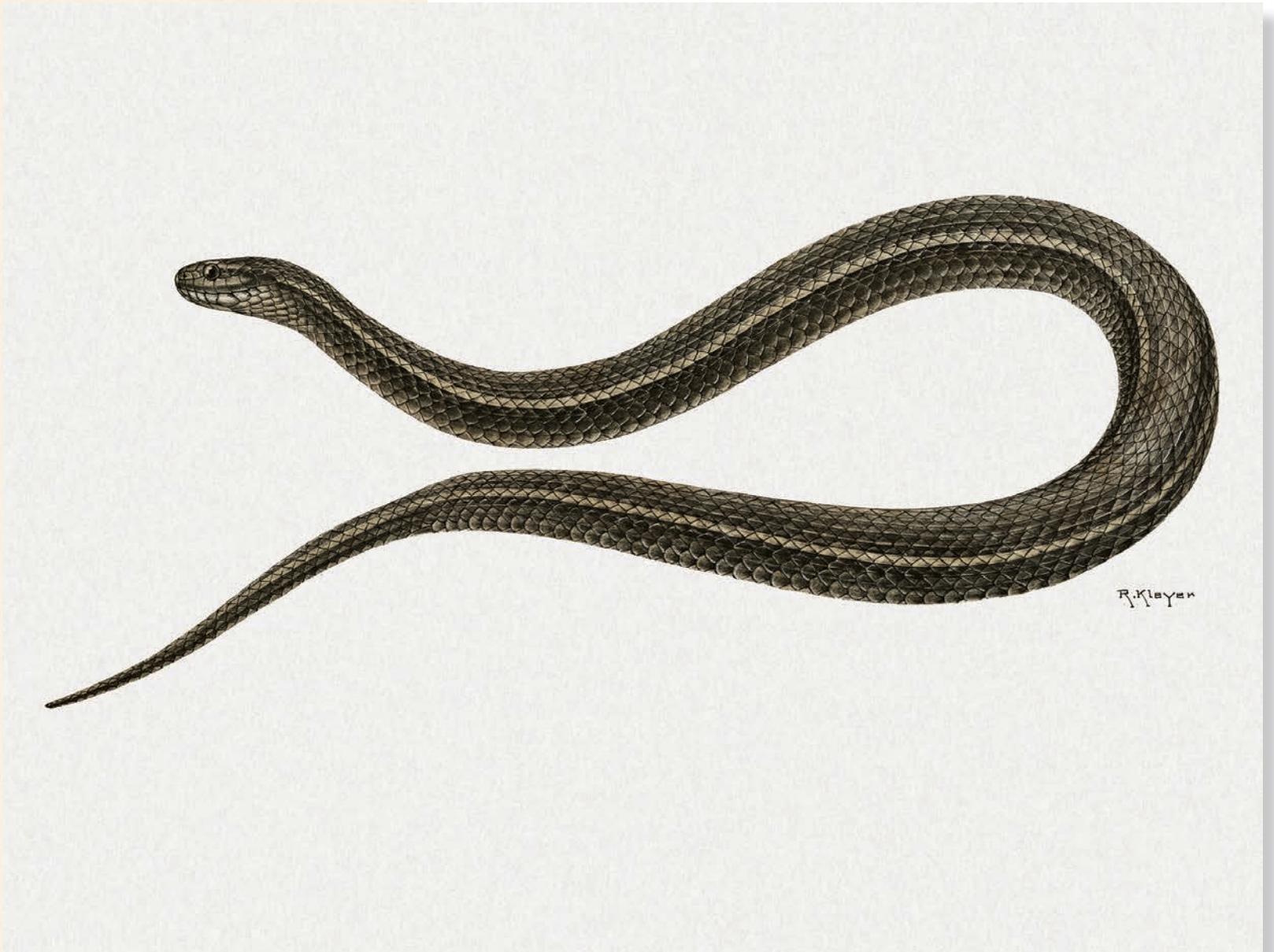
Taeniocephalus occipitalis



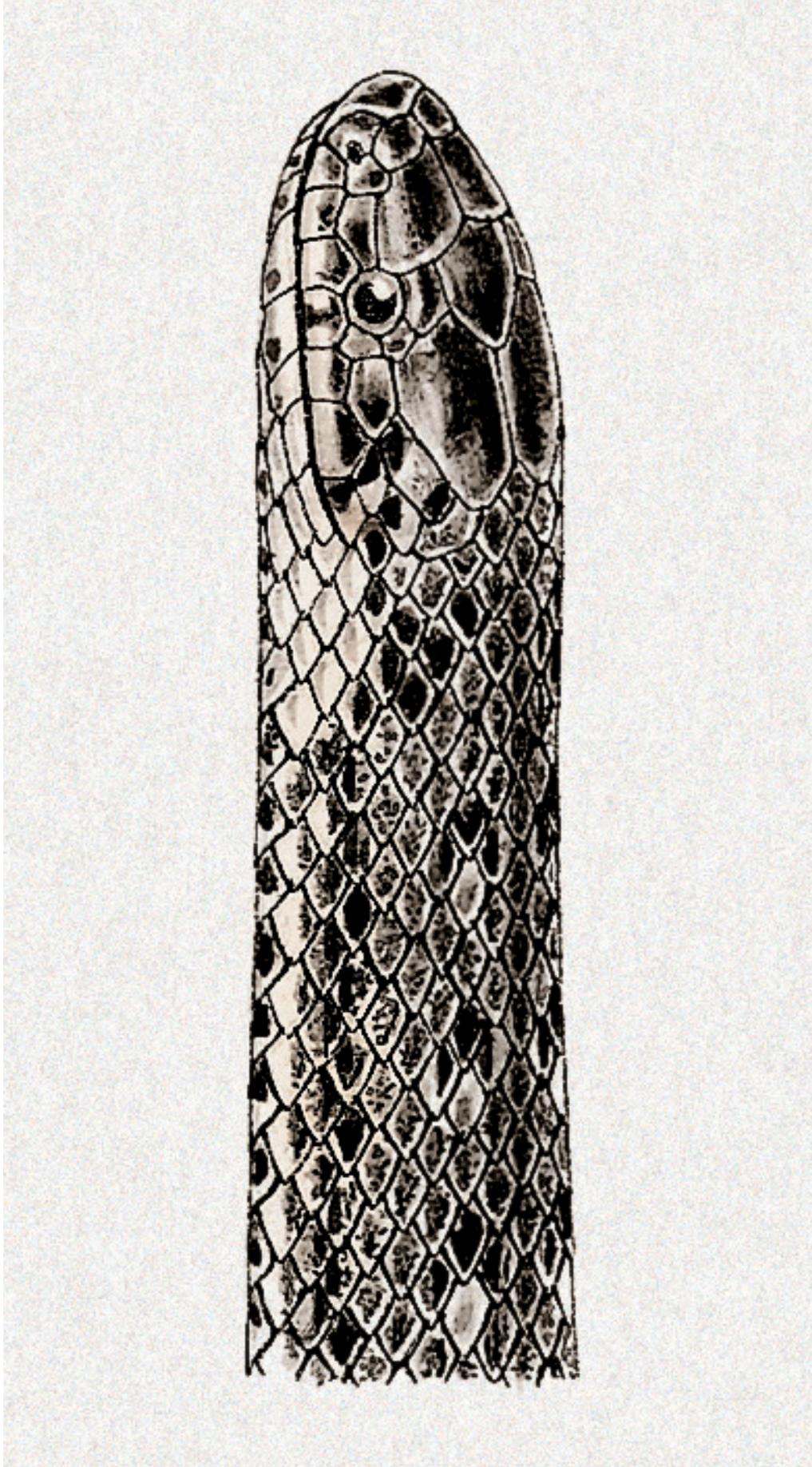
Botriechis schlegelii



Pseustes shropshirei



Ptychophis flavovirgatus



Atractus pamplonensis



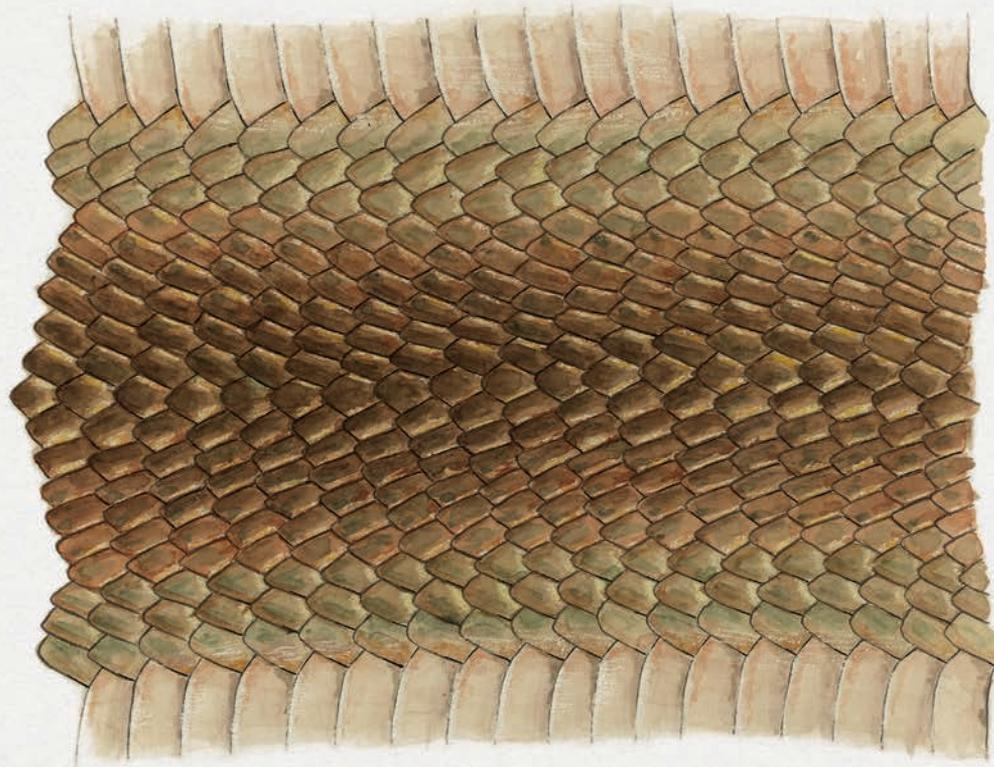
AURÉLIO FERRAZ COSTA

“Seu Aurélio”, como era conhecido no Instituto, era um verdadeiro artista, por suas obras e atividades no Instituto Butantan. Passei a conhecê-lo melhor quando o “abriguei” no Museu e posteriormente quando me tornei diretor da área cultural. Era pessoa calma, de fala mansa, sempre cordato e disposto a empreitadas, que às vezes cumpria depois de longas jornadas, com capricho e perfeição. Após sua desavença com a Seção de Desenho, recebi-o no Museu Biológico, ficando ele na sala superior do prédio, onde se instalou, trazendo a sua prancheta de desenho.



Boa constrictor constrictor

Ali, participando da renovação de vários displays, executou inúmeras pinturas de aranhas e um grande painel que reproduzia o ambiente florestal, destinado a servir de fundo para a vitrine de grandes serpentes, situado à entrada do Museu. Sempre visto com seu cigarro de palha entre os dedos, pagou caro pelo vício, sofrendo de enfisema pulmonar que o levaria a falecer em 26 de junho de 1993, deixando esposa e duas filhas.



AFCOSTA

Xenodon merremii

Aurelio Ferraz Costa nasceu no dia 4 de março de 1926, na cidade de Araras, São Paulo, filho de Juliano Costa e Jacira Ferraz Costa. Fez sua primeira exposição individual aos 11 anos. no Grupo Escolar Dr. Cândido Rodrigues, em São José do Rio Preto. Em São Paulo, estudou na Associação Paulista de Belas Artes e realizou estudos particulares com o Prof. Reinaldo Manke e o pintor Takaoka. Definia seu estilo como pintura impressionista, executada em aquarela ou óleo, através de técnica de espátula e pincel. Participou de inúmeras exposições, sendo agraciado com prêmios e medalhas em várias delas. Suas obras estão representadas em coleções particulares nos Brasil e no exterior.





Micrurus frontalis



Xenodon merremii

Sobre o trabalho de Aurélio, assim se referiu o crítico Olney Kruse, da Associação Brasileira de Críticos de Arte, em abril de 1978 [Anôn. Itaú Galerias Exposições]:

*Xenodon merremii*

“O trabalho de Aurélio Ferraz nasce e se subdivide a partir da realidade e de um meticuloso poder de observação; ele sabe ver e desenhar, daí a beleza imensa e quase fotográfica de suas cobras, observadas, analisadas exaustivamente (e cientificamente) desenhadas, mas Ferraz não se contenta com esse labor profissional e paciente feito há vinte e um anos... Ele se diz ‘impressionista’. Outros o chamam de ‘acadêmico’ e eu acho difícil e desnecessário catalogá-lo vendo suas paisagens, casarios, ruelas e flores de um Brasil romântico, barroco, saudosista e nostálgico. Sei apenas que é um artista ligado à realidade e que acredita, com fé inabalável, naquilo que faz; o que ele nos oferece é simples, bonito e muito sincero. Acho-o coerente como homem artista e artista-cientista que no fundo e superfície é”.





FF COSTA

Bothrops moojeni



Philodryas olfersii



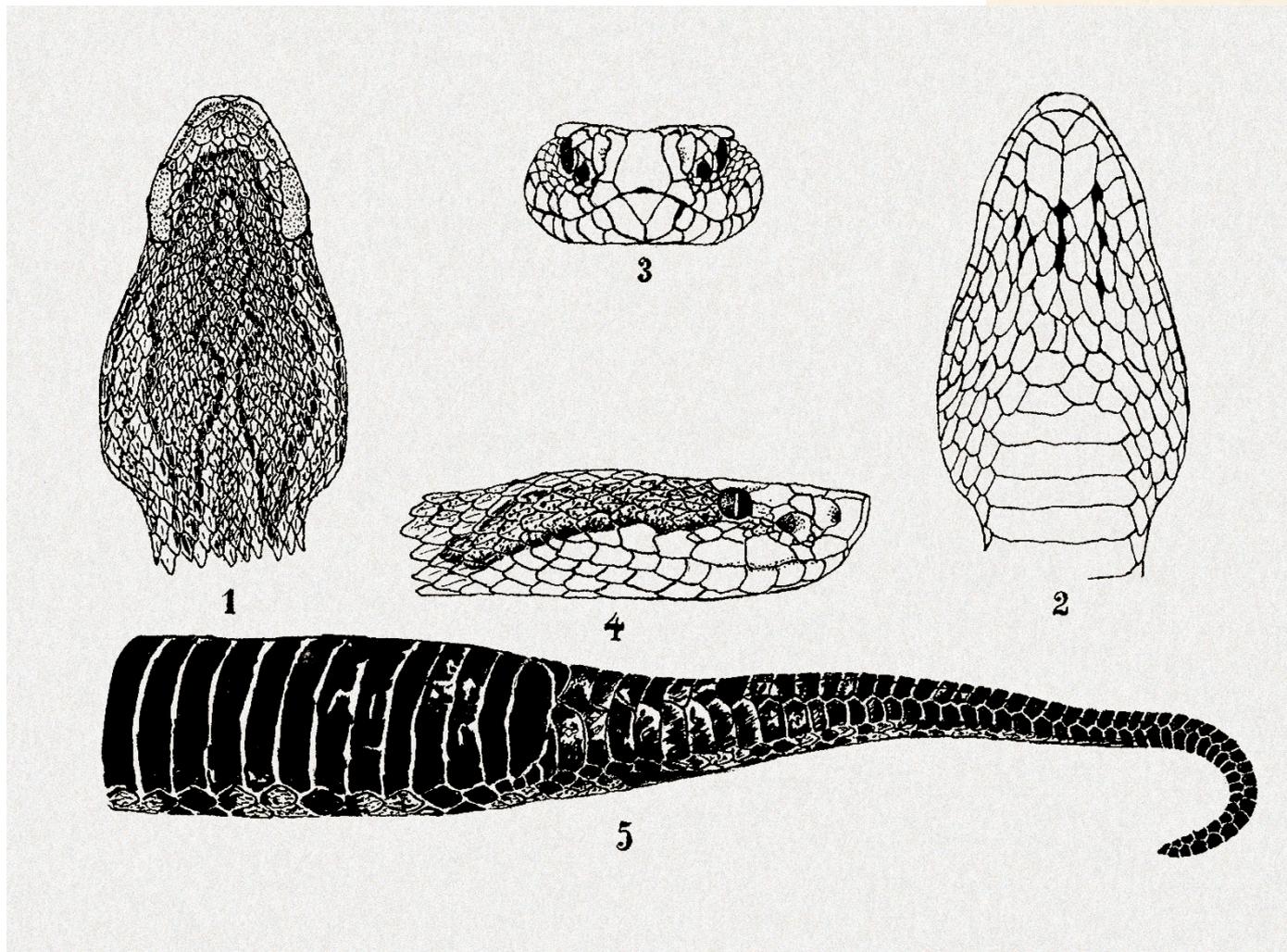
Bothrops moojeni

Ingressou no Instituto Butantan em 16 de maio de 1956, como desenhista científico, aposentando-se em 24 de agosto de 1990. Além dos desenhos científicos e de divulgação, ilustrou uma série de contos para a Editora LEP e participou como examinador de provas de seleção para desenhistas no serviço público.



CARLOS RODOLPHO FISCHER

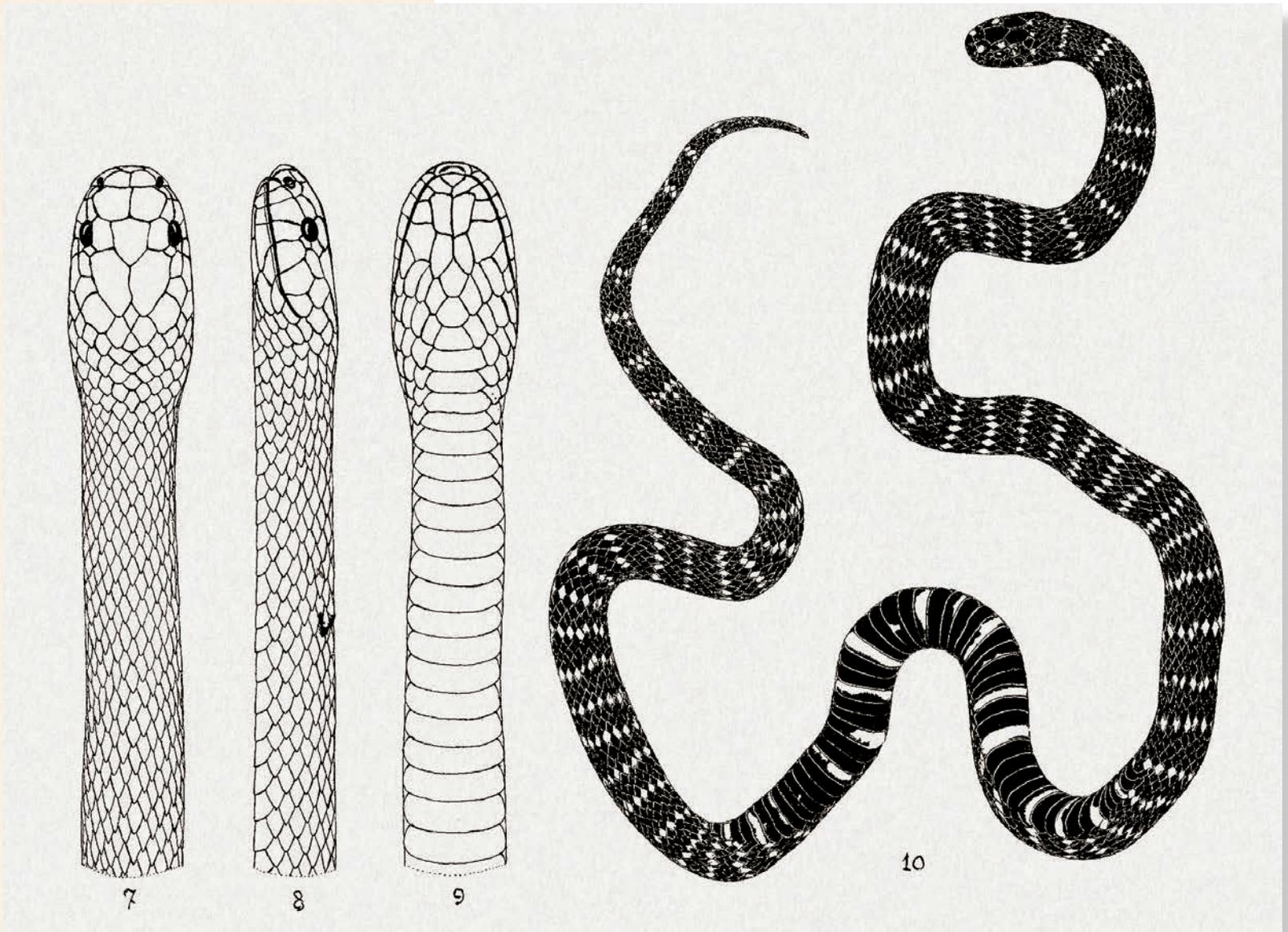
Karl Rudolph Fischer nasceu em 17 de setembro de 1886 em Leipzig, na Alemanha. Desde cedo, aos 12 anos, começou a trabalhar em uma empresa litográfica, cujo proprietário encaminhou-o a uma Escola de Desenho Técnico. Aos 17 anos aperfeiçoou-se, ingressando na Real Academia de Leipzig. Em 1903 prestou o serviço militar obrigatório; mas, prevendo a breve eclosão da guerra entre países europeus e, prevenindo-se de uma possível convocação, resolver sair da Europa (11/10/1910).



Rhinocerosophis alternatus

Partiu com destino ao Brasil (São Paulo), a convite de Oswaldo Cruz³, já portando um contrato de trabalho com a firma Lithographica Hartmann-Reichenbach, que prestava serviços ao Instituto Oswaldo Cruz (Manguinhos, RJ). A bordo do vapor, minucioso que era, anotava em um diário os eventos que presenciava, entre eles a descrição da passagem do cometa de Halley; divagava igualmente sobre a paisagem marinha. Foi contratado para trabalhar no Instituto Oswaldo Cruz, como desenhista, em 1º. de abril de 1912. Residiu no próprio Instituto. Foi um dos principais ilustradores da obra de Adolpho Lutz (cf. Rangel, 2009: 294; ver tb. Fig. 1 à p. 295, ilustração de asas de Hippoboscidae do artigo de Lutz, Neiva & Costa Lima, 1915). Sua correspondência com Adolpho Lutz, tratando de vários assuntos

3 - *Segundo Flávio da Fonseca [Fonseca F., 1954], eminente parasitologista brasileiro, ex Diretor do Instituto Butantan: "artista e entomólogo amador; inimitável documentador da Parasitologia", vindo de Manguinhos, onde sua produção valorizou os primeiros volumes das Memórias do Instituto Oswaldo Cruz", trabalho esse que motivou Oswaldo Cruz, sugerir à Lithographica a contratação de mais desenhistas europeus, a serem engajados nas campanhas de combate a peste bubônica, varíola e febre amarela, que grassavam no Rio de Janeiro.

*Micrurus albicinctus*

zoológicos, coleta de espécimes e contendo algumas informações sobre o Instituto Butantan, está disponível na Biblioteca Virtual Adolpho Lutz (www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/html/pt/static/.../rudolph.htm). Permaneceu no Instituto Oswaldo Cruz até 1915⁴, quando se mudou para São Paulo.

Vale a pena reproduzir aqui um trecho da entrevista concedida por seu filho, Eng. Oscar Silvio Fischer, a Marcos Correia, que, além de interessante, esclarece de certa forma a grafia correta do seu nome Karl ou Carlos. Eis o trecho:

4 - Fairchild (1961: 190) apresentou um interessante depoimento sobre essa época: "The majority of Dr. Lutz's papers, I believe all those published in the Memórias do Instituto Oswaldo Cruz except the last four, were printed in both German and Portuguese, in parallel columns. This was necessary because at that time there was no technical entomological terminology extant in the Portuguese language. It must be noted, however, that the two versions are not in all respects exact translations of each other. From his notes, and information supplied by Dr. Bertha Luz, it appears that the German version was written first and probably should be taken as the definite version as well. It is to be noted that being of Swiss parentage, German was the language of Dr. Lutz's youth and in which he received his education. **The coincidence between his giving up publication in 1915 and the unpopularity of the German language arising from the first World War, which, on the entry of Brasil into the war, led to the abandonment of German in all official publications, including those of the Instituto, is also probably significant. The loss of his best illustrator, Rudolph Fischer, a German, at the same time and for parallel causes, was certainly also a strong factor**" [ênfase nossa].



*“No Brasil, em 1917, em plena época de guerra, foi confundido com um espião alemão, devido a seu hábito de fotografar a Baía de Guanabara, no caso o porto com navios de guerra americanos e brasileiros. As autoridades julgaram que aquelas imagens serviriam para orientar um suposto ataque ao Brasil, da Tríplice Aliança, formada pelos Impérios Austro-Hungaro e Turco-Otomano. O caso, apesar de infundado, acabou na imprensa. Causou diversos transtornos para Karl, inclusive a injusta perda do emprego num instituto de pesquisa do Rio de Janeiro *. Depois de muita confusão, Karl naturalizou-se brasileiro e adotou o nome de Carlos Rodolpho”.*

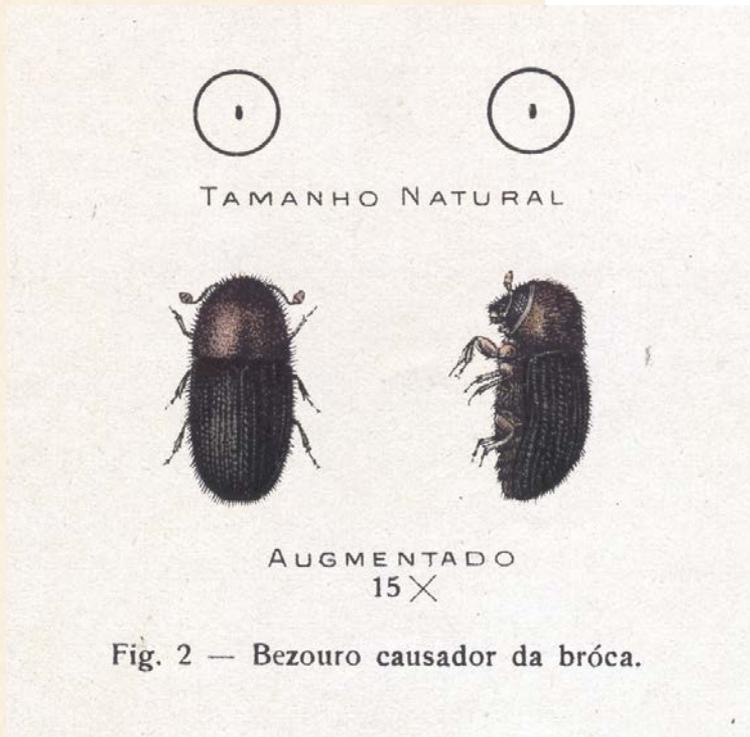


Fig. 2 — Bezouro causador da bróca.

Desenho da broca do café :
Ilustração de Fischer que precedeu o
seu ingresso no Instituto Biológico

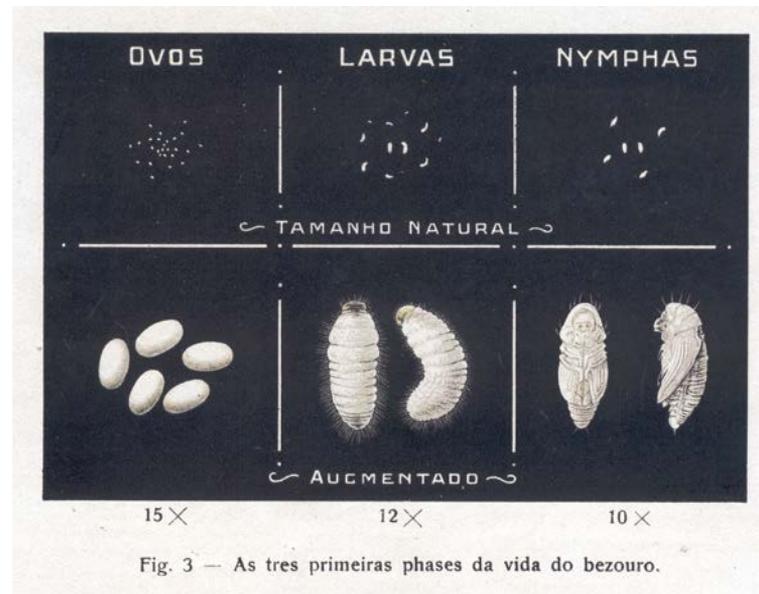


Fig. 3 — As tres primeiras fases da vida do bezouro.

Já em São Paulo, ingressou no funcionalismo público, no Instituto Butantan, em 7 de abril de 1920, onde continuaria as suas atividades de exímio ilustrador e onde também executou trabalhos de campo, constando que participou de viagem à Ilha de Queimada Grande. Amante que era da entomologia, desenhou com precisão a broca do café (o curculionídeo *Hypothenemus hampei* (Ferrari, 1867)), broca que assolava os cafezais paulistas (cf. Silva, 2006: figs. 1 e 2 (pp. 966, 967) (adultos e imaturos, publicados por Oliveira Filho, 1927; e figs. 3 (p. 968: interior de grão de café atacado pela broca) e 4 (figura colorida de galho de cafeeiro indicando os locais de penetração da broca), publicados por Neiva, Andrade & Telles, 1925). O trabalho de controle dessa broca, sob o patrocínio do Serviço de Defesa do Café, fazia parte da atividade dos cientistas para controlar a praga. Os esforços de Artur Neiva, um desses cientistas, conduziram à criação do Instituto de Defesa Agrícola e Animal (a partir de 1937 Instituto Biológico) e renderam a Fischer o convite para transferir-se à nova instituição (em 1928), como desenhista microscopista⁵, passando a revisor de 1942 a 1945 e, a partir daí, redator da Revista “O Biológico”, cargo no qual se aposentou em 1951.

5 - Reportagem sobre a inauguração do Instituto Biológico, publicada n’O Estado de São Paulo 27/01/1928, assim se expressava sobre o cargo: “especialização na arte do desenho em que o indivíduo necessita ter perfeito conhecimento da técnica microscópica, incluindo montagem de e preparação de lâminas. O senhor Fischer é um dos melhores microscopistas que têm trabalhado no Brasil. Tem evidente pendor para os estudos naturais, tanto assim que vários cientistas nacionais e estrangeiros têm ligado seu nome a algumas espécies novas”.

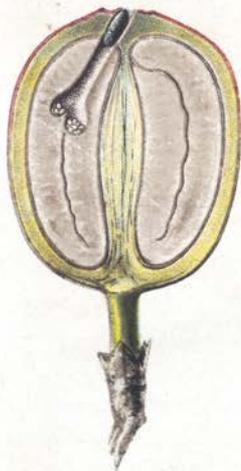


Fig. 4 — Córte de uma cereja, com a galeria de penetração, vendo-se o bezouro obstruindo a entrada, e as cavidades com ovos.

Augm. 2½ ×

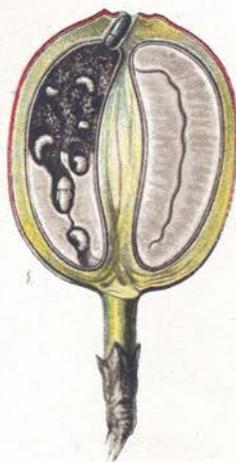


Fig. 5 — Córte de uma cereja alguns dias depois, com um dos grãos destruído e em que se observam larvas e nymphas.

Augm. 2½ ×



CARLOS RODOLPHO FISCHER, 1924.

Fig. 6 — Cereja muito atacada com o insecto em todas as phases.

Augm. 6 ×

Como entomólogo, publicou vários trabalhos (cf. Fisher, 1929a, 1929b, 1932a, 1932b, 1932c, 1933a, 1933b, 1934, 1935, 1943), que ilustrava com maestria, nas áreas de taxonomia e biologia de dípteros, coleópteros e himenópteros.

Seu nome, por reconhecimento de entomólogos, está associado às espécies *Methia fischeri* Melzer, 1923 (Coleoptera, Cerambycidae), *Lutzomyia* (*Pintomyia*) *fischeri* (Pinto, 1926) (Diptera, Psychodidae) e *Phrixothryx fischeri* (Pic, 1937) (Coleoptera, Phengodidae).

Faleceu em São Paulo em 25 de maio de 1955.



RUD. FISCHER, del.

Lystrophis matogrossensis

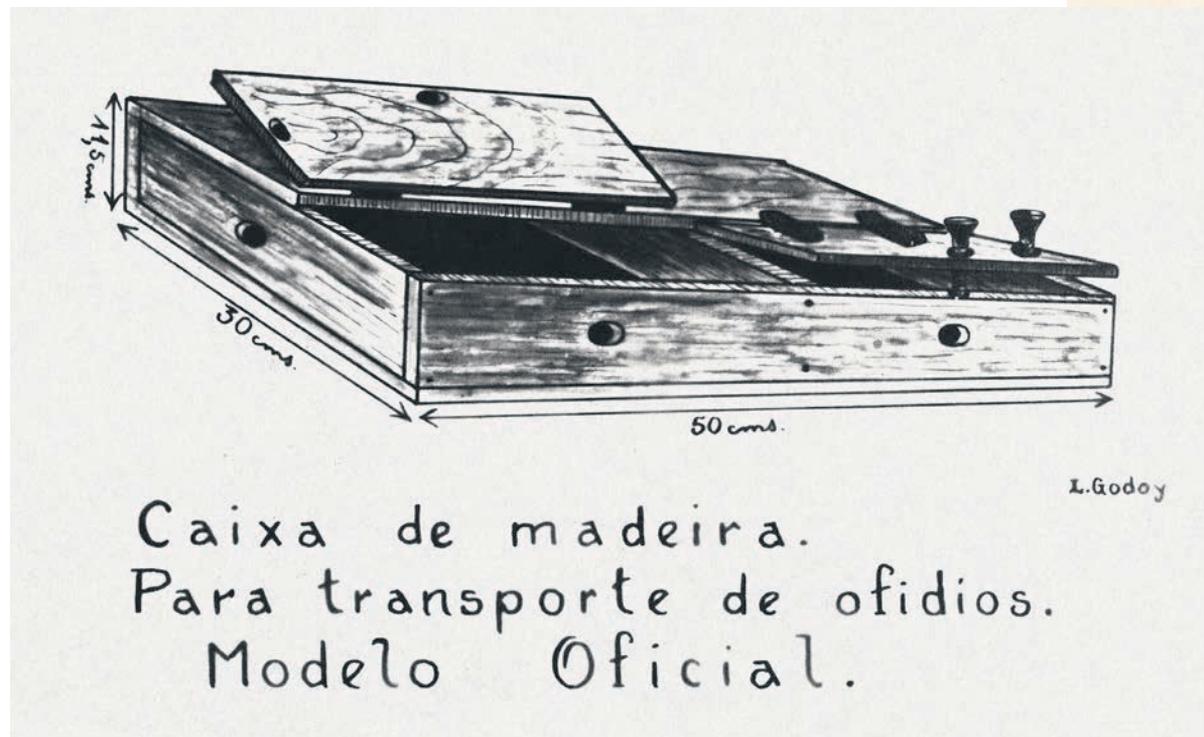


LUIZ DE GODOY

Há pouca informação a seu respeito. De origem humilde, nasceu em São Paulo a 22 de agosto de 1908, filho de João Nicácio de Godoy e Clementina Florentina de Godoy. Foi admitido no Instituto Butantan em maio de 1929, inicialmente como artífice e operário servente em 1931, na realidade ajudante de desenhista, onde, entre as tarefas que lhe cabiam, incluía-se desde a confecção de letreiros e gráficos a óleo ou nanquim até o desenho de animais, com detalhes a nanquim e a cores. Graças à qualidade de seu trabalho, foi reclassificado em 1946 como Desenhista Auxiliar e, em 1950, finalmente, como Desenhista.

Sua atuação foi enaltecida por destacados pesquisadores do Butantan, como Afrânio do Amaral e Flávio da Fonseca, que assim se refere a ele: “Atualmente dirige a secção Luiz de Godoy, de cujos desenhos de ácaros, em número de mais de uma centena, um grande especialista, o conde Vitzthum¹, de Berlin, dizia nada ficarem a dever aos de Terzi², desenhista do British Museum”.

Aposentou-se em dezembro de 1957.



1 - H. Graf Vitzthum, especialista em ácaros.

2 - Referência a Amadeo John Engel Terzi (1872-1956). Nasceu em Palermo, na costa norte da Sicília, no seio de uma família de artistas. Tendo mudado para a Inglaterra, foi o primeiro artista profissional empregado em ilustrações entomológicas, trabalhando para Patrick Manson, quando este abriu sua School of Tropical Medicine em Londres, em 1899. Em 1900 acompanhou dois pesquisadores de doenças tropicais, Louis Sambon e George Carmichael Low, que realizavam experimentos em Óstia, na Campanha romana, para testar a teoria de que eram mosquitos os transmissores da malária. A contribuição de Terzi era não só a de desenhar os mosquitos, mas também a de servir de cobaia humana. Ao protegerem-se das picadas dos mosquitos por encerrarem-se sempre sob a proteção de uma cabana especialmente construída para esse fim, os três conseguiram provar que eram os culicídeos que transmitiam a malária, que afetara a todas as outras pessoas da área que haviam sido expostas às picadas. Daí em diante, Terzi passou sua vida trabalhando para Henry Wellcome e L. W. Sambon, tendo sido este último que apresentou Terzi a Manson e quem, eventualmente, recomendá-lo-ia para ilustrador científico do Museu Britânico de História Natural. Suas ilustrações de dípteros hematófagos foram publicadas por Edward E. Austen (1906. *Illustrations of British Blood-Sucking Flies*). Suas esplêndidas figuras ilustraram também a série *Diptera of Patagonia and South Chile*, publicada pelo Museu Britânico de História Natural. Acredita-se que tenha produzido mais de 37.000 desenhos e que tenha ilustrado uns 55 livros durante sua vida.



Bothropoides neuwiedi

Nome LUIZ DE GODOY
 Data da admissão *21* de *Novembro* de 19*29*
 Nascido a *22* de *Agosto* de *1908*.
 Logar do nascimento *S. Paulo -*
 Filho de *João Nicacio de Godoy*
 e de *d. Clementina Florentina de Godoy*
 Estado civil *solteiro*
 Natureza do cargo ou serviço *servente (ajudante de desenhista)*
 Ordenado mensal *312\$500* *Diaria*
 Vencimentos ou gratificações
 Percentagem
 Residencia *R. Padre Carvalho n. 35*
 Assignatura do empregado *Luiz de Godoy*
 Observações *Foi contratado p/o logar de servente em 16/4/1931.*



Ficha funcional de Luiz de Godoy

THEREZA SANTOS SARLY

Era natural de Itaporanga, São Paulo, onde nasceu a 9 de abril de 1901, filha de Ângelo Lourenço dos Santos e Anna Leandrina dos Santos. Em janeiro de 1943, como escriturária, iniciou suas atividades no serviço público no Departamento de Zoologia da Secretaria da Agricultura, transferindo-se em agosto de 1946 para o Instituto Butantan, onde assumiu o cargo de Desenhista em janeiro de 1954. Aposentou-se compulsoriamente em abril de 1971.

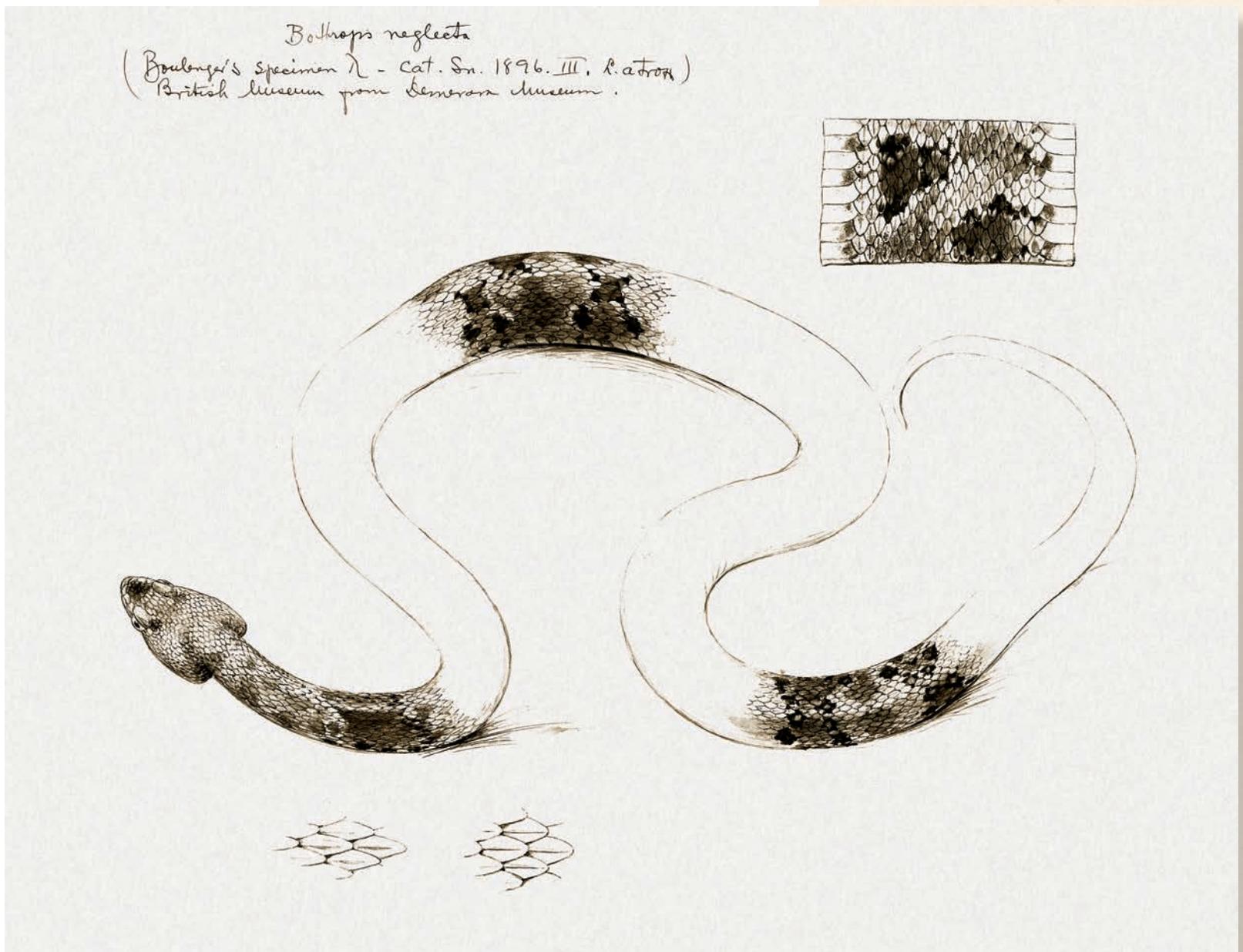


Liophis flavifrenatus

OLAVO PINTO DE MORAIS

Nascido em 17 de setembro de , em Campinas, São Paulo, filho de Olavo Pinto de Moraes e Amália Soares de Moraes, foi admitido no Instituto Butantan como Desenhista Contratado em abril de 1939 e relatado em fevereiro de 1948 no Serviço Médico Social da Secretaria da Saúde e Assistência.

Sobre dois ilustradores, O. Freua e H. Pertensen não encontramos referências, deste último, Flávio da Fonseca registra apenas sua rápida passagem pela seção de desenho e a qualidade de seu trabalho.



Bothrops pirajai - frente

ad. ♂ Bahia spn. ^{Butantan n° 3001 ♂}

Rostral deeper than broad
 Internasals small, broader than long
 Canthals five as long as broad
 Supraoculars " " " "
 5 scale rows between supraoculars
 Scales on the head-keeled
 Postoculars 1/2 (right/left side)

Idem Bothrops
Idem - neglecta
Idem - confusa
Idem - decisiva
Idem - perfecta
Idem = fuscomaculata
Idem
2/2

Ventrals - Subcaudals (Butantan, M.C.Z. U.S.A.)
 * B. atrox - 190-231, 56-75
B. jararaca 195-211, 53
B. jararacussu 170-185, 44-62,
 British Museum -
B. atrox? (176-183 ygs.) 183-216
 [± composite] Ste. 58-77
B. lanceolatus = composite sp.

Subocular 1 (1 scale row between subocular and upper labials) | 1 (2/1 intersubculosupralabials)

Precocular 2, upper larger | 2

Upper labials - 8/8 (-/+)³ 8th very low (B. atrox = 7/7 +/+, B. jararaca 8/8 +/+, B. jararacussu 8/8 +/+) | 8/8 +/+

Lower " 11/11 | 11/12

Symphysial separated from the ^{single} pair of chin shields by 1st. pair of lower labials | Idem

Gulars in 4 longest rows - | Idem, two first ones small Scale rows 23(24) Blgr. = 25. | 25

164

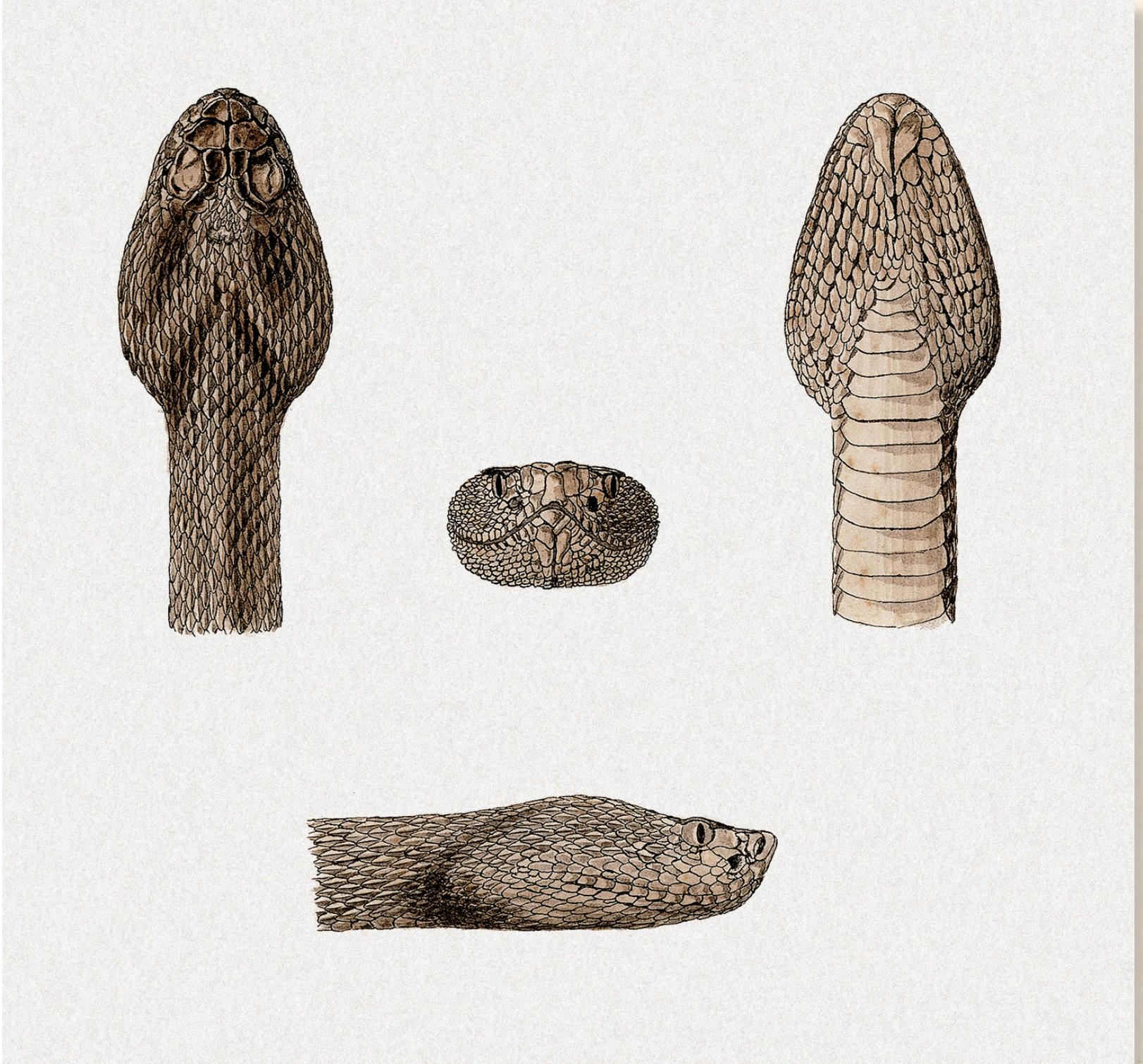
Ventrals - 159^{*} a. 1. [1] Sbc 47/47 [52/52] Ventrals longer ± than those of B. atrox - | Idem
 Blgr. (161)

Belly yellowish slightly speckled with brown on the sides - | Idem, speck. brown to black

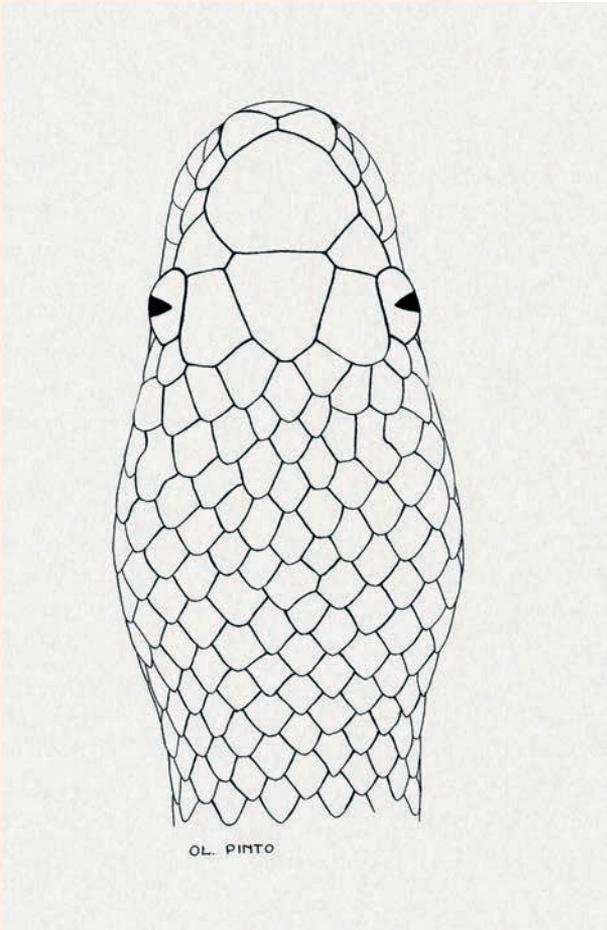
Scale keel characteristic -  vertebral line
 Intercubital { similar a B. atrox = -brevis et-alta in medio Idem
 diversior a B. neuwiedi = -longa et-humilis (depressa)

Snake shorter than B. atrox
 as long as B. neuwiedi | Idem

Tijpo de Wagler - Bahia - v. 173 Ste. 46 -
B. neuwiedi
 Lab. 8-9 (-/-) 2-3 between subocular and labials
 Sc - 21-27
 V. 168-182 (But. 166-187)
 Sbc. 41-53. (" 40-50)



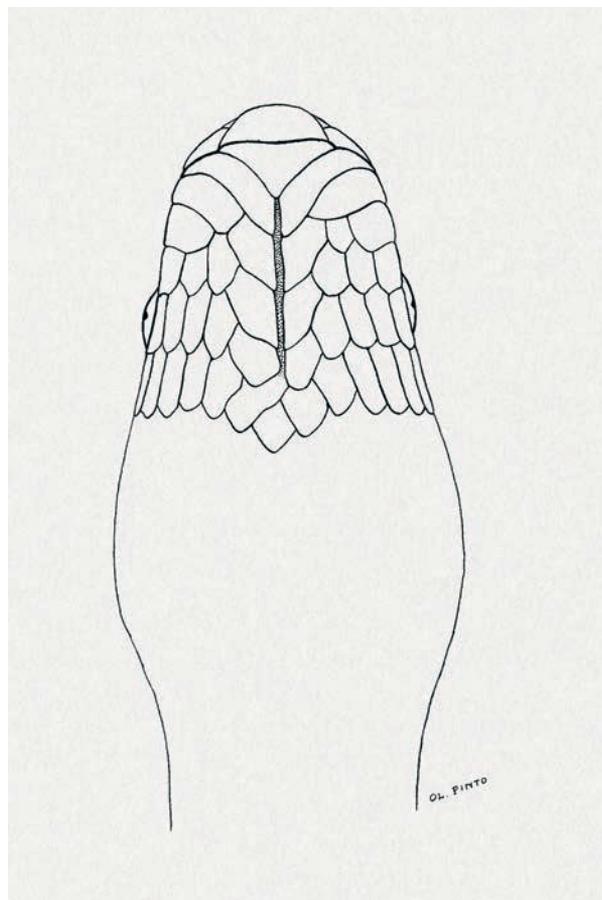
Crotalus durissus



Ungaliophis panamensis



Ungaliophis panamensis



Ungaliophis panamensis



ALBINISMO - XANTISMO

Na anotação original que acompanha esta ilustração, consta como sendo um caso de xantismo, anomalia cromática, com presença exclusiva do pigmento amarelo xantina, todavia, a observação imediata da figura permite ver nitidamente a coloração avermelhada dos olhos e da língua, característica das serpentes albinas.



Crotalus durissus



Bothropoides itapetiningae



Rhinocerothis alternatus



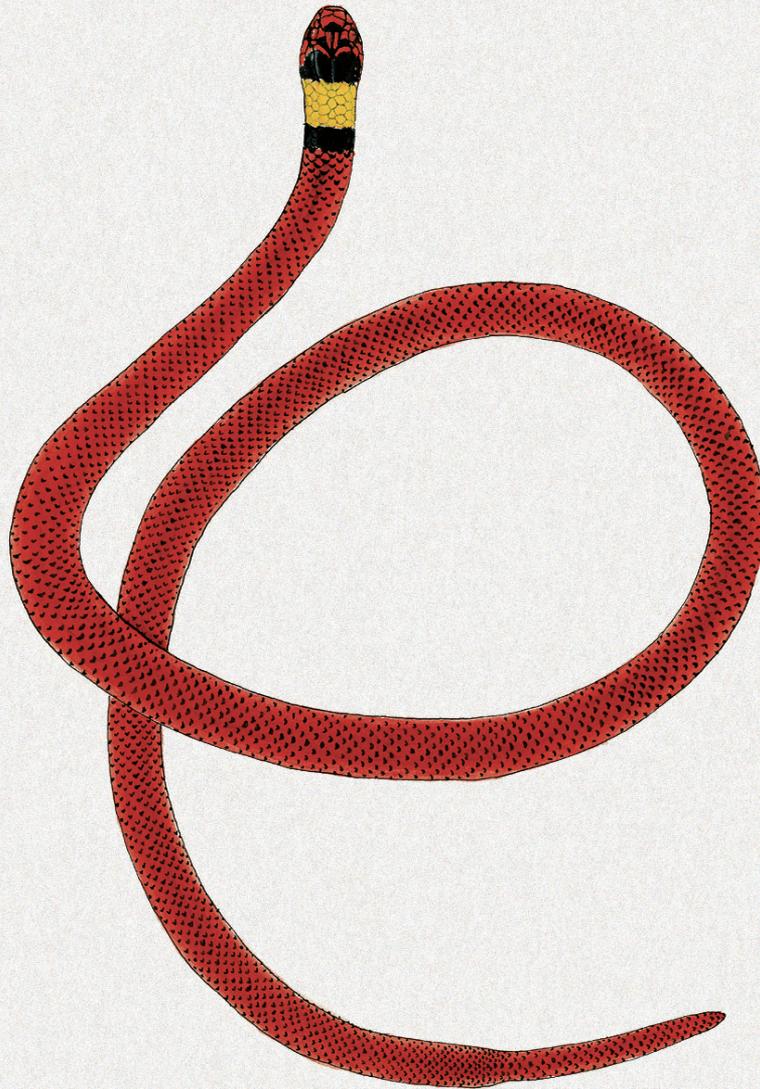
Rhinocerothis cotiara



Dipsas bucephala



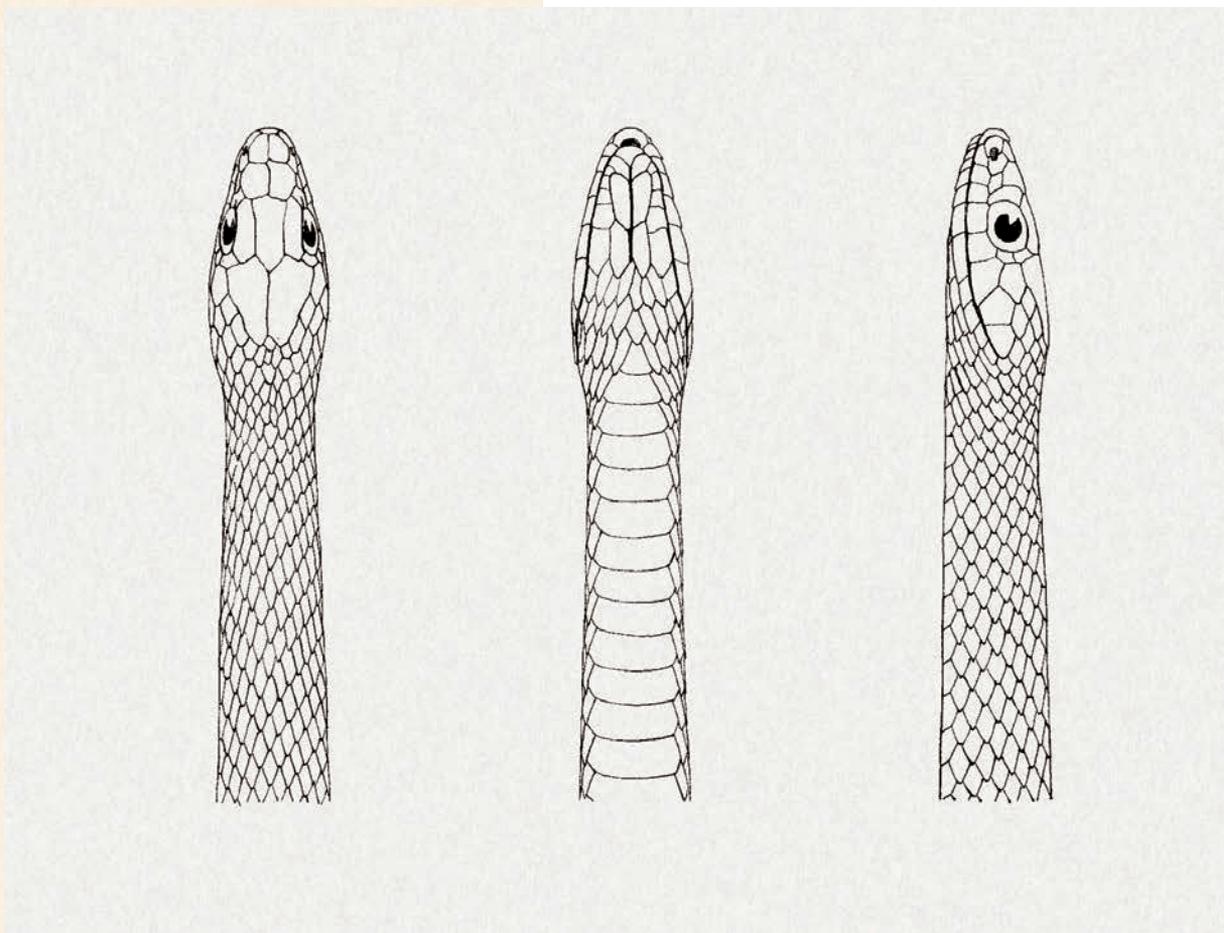
Phalothris mertensi



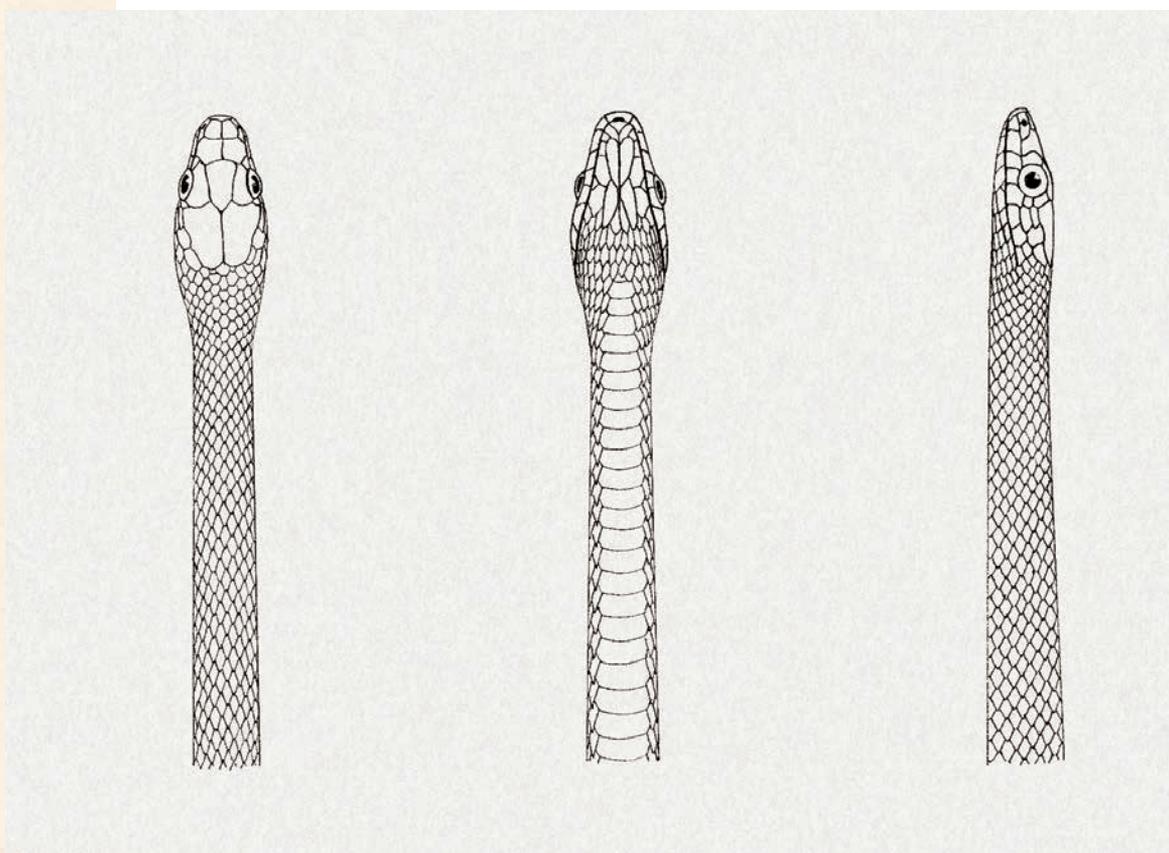
Phalothris mertensi



Ungaliophis panamensis



Liophis flavifrenatus



Clelia clélia

H. PETERSEN



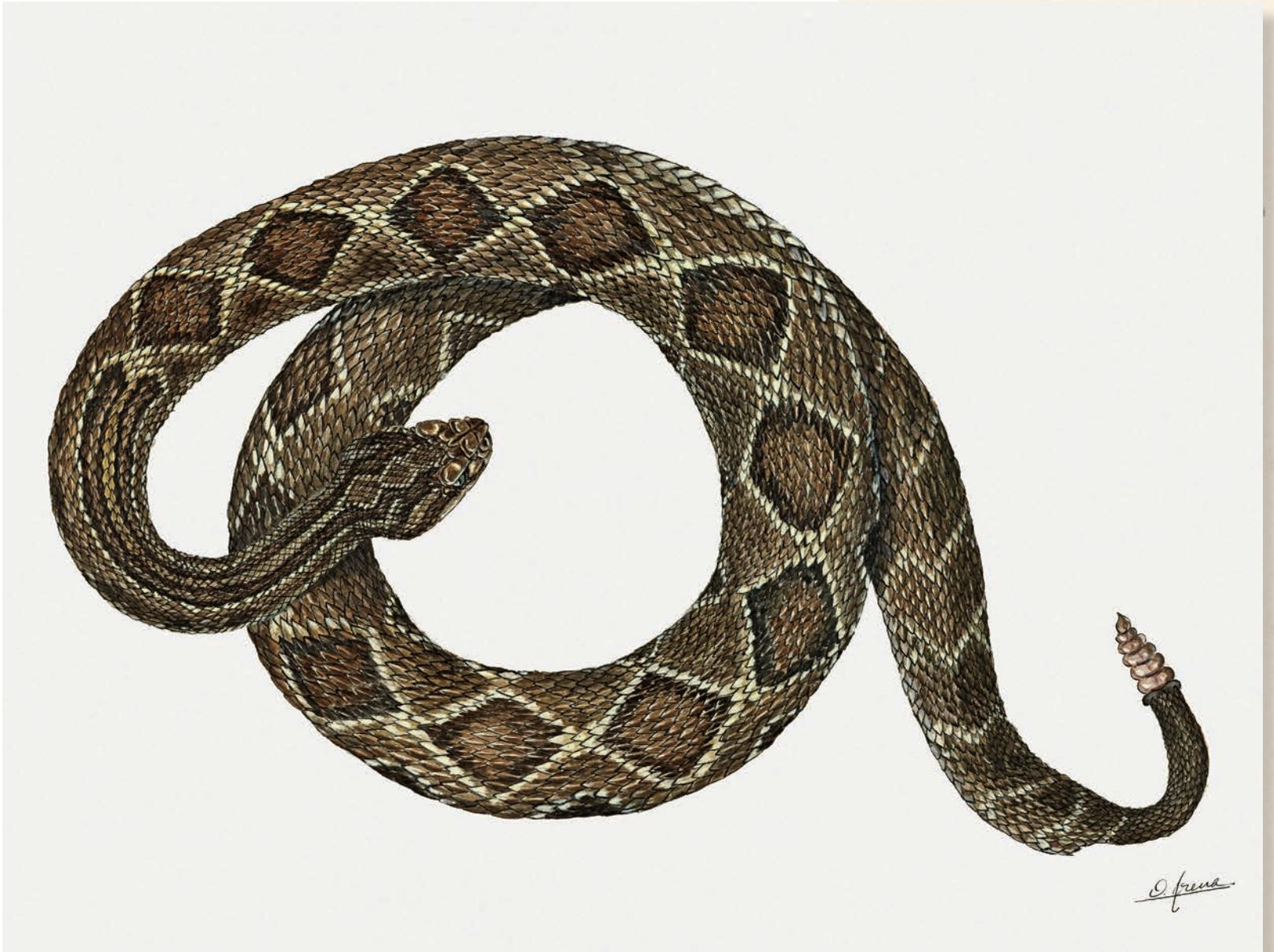
Bothrops sp.



H. Petersen 1945.

Bothrops jararacussu

O. FREUA

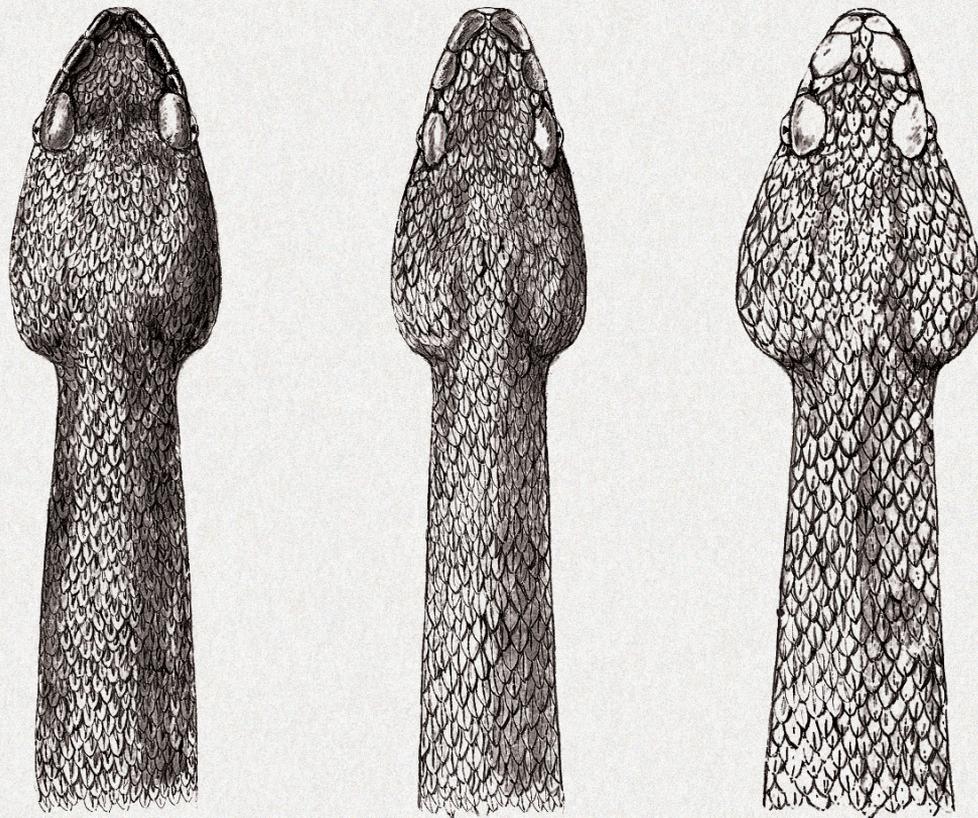


Crotalus durissus

AUTOR DESCONHECIDO



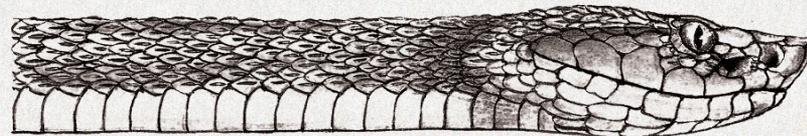
Caudisoma durissa



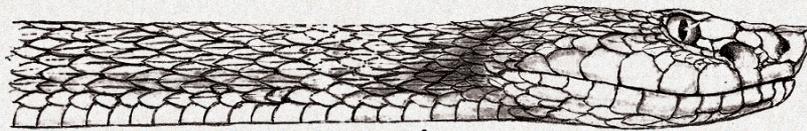
1

2

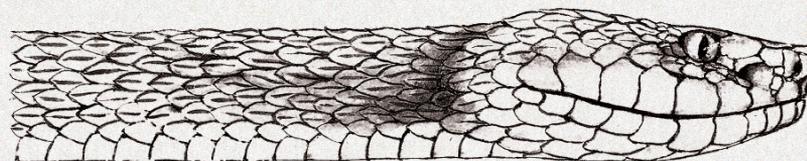
3



1'



2'



3'



Sibynomorphus turgidus

ANEXO

REGISTRO DE ILUSTRAÇÕES

As ilustrações, como assinalado no início deste livro, encontravam-se contidas em uma caixa de papelão e sem nenhum registro de sua existência ou tombamento no Instituto Butantan. Poucas apresentavam uma numeração, que referia-se na maioria das vezes, a sua utilização e orientação nos artigos que viriam a ser publicados, mesmo assim sem a pretensão de se tornarem parte de um arquivo de ilustrações.

Assim sendo, seria de bom alvitre realizar-se o seu registro oficial em livro apropriado. Procedeu-se então a sua numeração, muitas vezes até aproveitando o número original e separando-as por autor. Foi então solicitado ao Prof. Giuseppe Puerto, conhecido Herpetólogo, diretor do Museu Biológico do Instituto Butantan, que identificasse e ou atualizasse taxonomicamente cada prancha com as figuras e respectivos nomes específicos utilizados pelos vários autores, atualização essa válida até a data de 23/03/2011, recebendo cada uma, etiqueta definitiva. São em número de 114, que representam todas as ilustrações encontradas, que, informa-se não correspondem somente àquelas aproveitadas no texto principal, e a seguir apresentadas neste Anexo.

O livro de registro e as caixas contendo as ilustrações foram encaminhadas ao Núcleo de Documentação do Instituto Butantan.

Etiquetas:

Nº Ordem	Identificação Original
Nº Registro	Identificação Atualizada

Exemplo:

010	<i>Pseudoboa rustica</i>
AE - 010	<i>Clelia rustica</i>

Obs.

Nº Ordem - é o número de cada ilustração.

Nº Registro - é o número de registro por autor, é antecedido por duas (2) letras, as iniciais do seu nome, no exemplo AE = Augusto Esteves.

Identificação Original - é aquela indicada pelo autor na época de confecção.

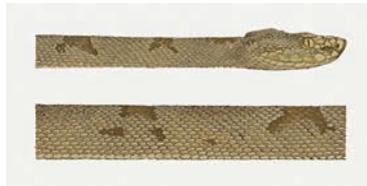
Identificação Atualizada - é a atualização taxonômica da original, válida até 23/03/2012.

GUISEPPE PUORTO

Pesquisador Científico VI, Bacharel e Licenciado em Ciências Biológicas pela Unniversidade de Mogi das Cruzes - UMC. No Instituto Butantan, atuando como Zoólogo especializou-se no estudo de serpentes (Lab. de Herpetologia, 1984-98), tendo sido Curador da Coleção Herpetológica, de 1990 a 98, quando tornou-se Diretor do Museu Biológico do Instituto Butantan, cargos que lhe possibilitaram a publicação de artigos científicos (37), livros eletrônicos (2), capítulos de livros (8), manuais técnicos, participações em atividades de ensino e divulgação, ministrando cursos, palestras, além de ampla atividade no monitoramento e resgate de fauna em barragens hidrelétricas (23). Desde 1986 é assessor no Programa Nacional de Controle de Acidentes por Animais Peçonhentos da Fundação Nacional de Saúde, MS. É conselheiro do Conselho Superior da Fundação Parque Zoológico de São Paulo, e também membro de seus Conselhos Fiscais e Orientador. Desde 2006, participa do Conselho Regional de Biologia - CRBio-1, como conselheiro titular e nas Comissões de Tomada de Contas, de Comunicação e de Meio Ambiente. Instituto Butantan é membro do Conselho de Cultura, 2003-11.

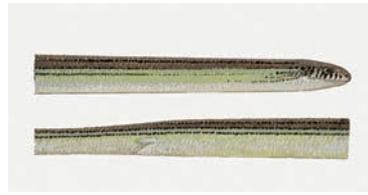


Augusto Esteves

001 *Imantodes cenchoa*
AE - 001 *Imantodes cenchoa*
p. 40002 *Philodryas olfersii reinhardti*
AE - 002 *Philodryas olfersii*
p. 34003 *Dipsas indica bicephala*
AE - 003 *Dipsas bucephala*
p. 26004 *Leimadophis macrosoma*
AE - 004 *Liophis reginae*
p. 44005 *Pseudoboa petola*
AE - 005 *Oxyrhopus petola*
p. 48006 *Lystrophis semicinctus*
AE - 006 *Xenodon semicinctus*
p. 34007 *Tomodon ocellatus*
AE - 007 *Tomodon ocellatus*
p. 27008 *Pseudoboa trigemina*
AE - 008 *Oxyrhopus guibei*
p. 44009 *Helicops modesta*
AE - 009 *Helicops modestus*
p. 38010 *Pseudoboa rustica*
AE - 010 *Clelia rustica*
p. 58011 *Sibynomorphus alternans*
AE - 011 *Dipsas alternans*
p. 20012 *Constrictor constrictor*
AE - 012 *Boa constrictor*
p. 24013 *Bothrops insularis*
AE - 013 *Bothropoides insularis*
p. 48014 *Micrurus frontalis*
AE - 014 *Micrurus frontalis*
p. 40015 *Micrurus lemniscatus*
AE - 015 *Micrurus lemniscatus*
p. 25



016 *Micrurus decoratus*
 AÉ - 016 *Micrurus decoratus*
 p. 57



017 *Ophiodes striatus*
 AÉ - 017 *Ophiodes striatus*
 p. 48



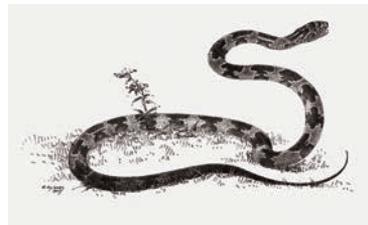
018 *Amphisbaena alba*
 AÉ - 018 *Amphisbaena alba*
 p. 57



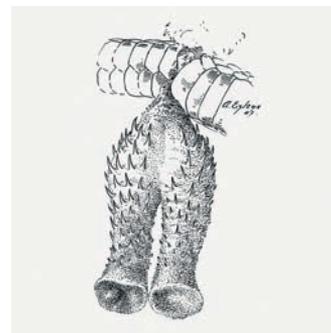
019 *Spilotes pullatus*
 AÉ - 019 *Spilotes pullatus*
 p. 32



020 *Bothrops jararacussu*
 AÉ - 020 *Bothrops jararacussu*
 p. 28



021 Sem identificação
 AÉ - 021 *Mastigodryas bifossatus*
 p. 58



022 Hemipênis -
Xenodon merremii
 AÉ - 022 *Xenodon merremii*
 p. 22



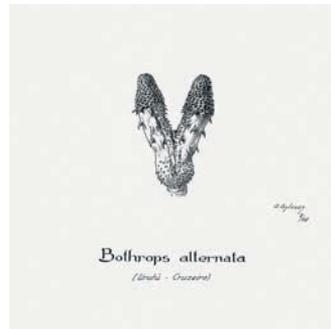
023 Hemipênis -
Xenodon merremii
 AÉ - 023 *Xenodon merremii*
 p. 25



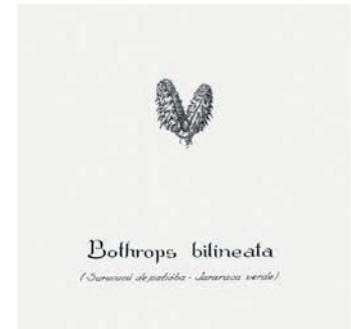
024 Hemipênis -
Constrictor constrictor
 AÉ - 024 *Boa constrictor*
 p. 25



025 Hemipênis -
Pseudo boa cloelia
 AÉ - 025 *Clelia clelia*
 p. 22



026 Hemipênis -
Bothrops alternata
 AÉ - 026 *Rhinocerothis alternatus*
 p. 26



027 Hemipênis -
Bothrops bilineata
 AÉ - 027 *Bothriopsis bilineata*
 p. 26



028 Hemipênis -
Bothrops jararaca
 AÉ - 028 *Bothropoides jararaca*
 p. 23



029 Hemipênis -
Bothrops neuwiedii
 AÉ - 029 *Bothropoides neuwiedi*
 p. 23



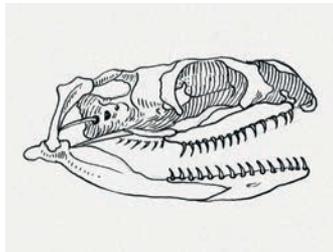
030 Hemipênis -
Crotalus terrificus
 AÉ - 030 *Crotalus durissus*
 p. 22



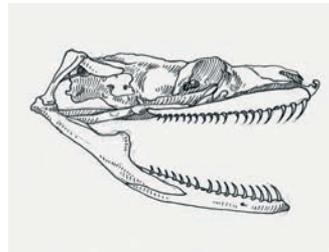
031 Hemipênis -
Crotalus terrificus
 AÉ - 031 *Crotalus durissus*
 p. 24



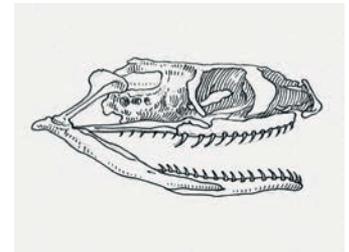
032 Hemipênis - *Lachesis muta*
 AE - 032 *Lachesis muta*
 p. 24



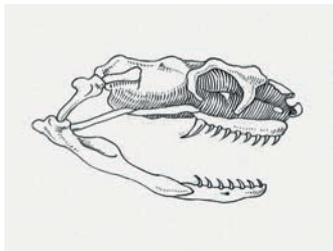
033 Dentição áglifa -
Spilotes pullatus
 AE - 033 *Spilotes pullatus*
 p. 32



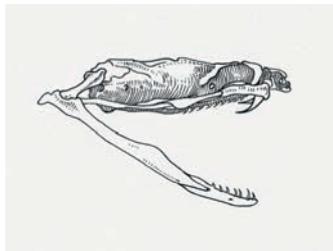
034 Dentição áglifa -
Constrictor constrictor
 AE - 034 *Boa constrictor*
 p. 40



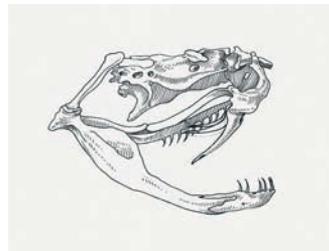
035 Dentição áglifa -
Drimobytus bifossatus
 AE - 035 *Mastigodryas bifossatus*
 p. 37



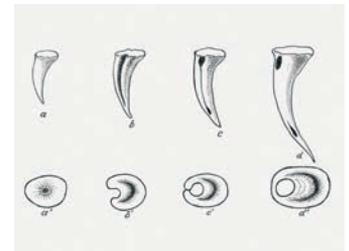
036 Dentição opisthóglifa -
 sem identificação
 AE - 036 Dentição opisthóglifa
 p. 37



037 Dentição proteróglifa -
Micrurus corallinus
 AE - 037 *Micrurus corallinus*
 p. 34



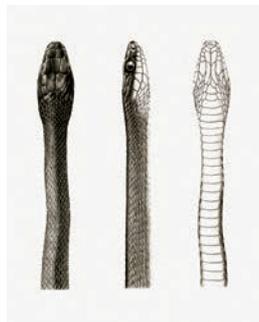
038 Dentição solenóglifa -
Lachesis muta
 AE - 038 *Lachesis muta*
 p. 38



039 Tipos de presas áglifa /
 opisthóglifa / proteróglifa /
 solegóglifa
 AE - 039
 p. 34



040 *Tachymenes brasiliensis*
Gomesophis brasiliensis
 AE - 200
 p. 35



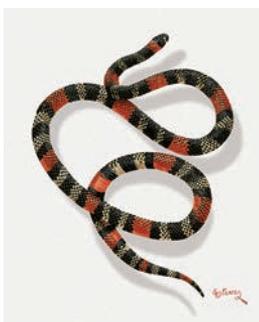
041 *Drymobius brazili*
Drymoluber brazili
 AE - 201



042 *Erythrolamprus aesculapii*
Erythrolamprus aesculapii
 AE - 346
 p. 50



043 *Elaps decoratus*
Micrurus decoratus
 AE - 348
 p. 53



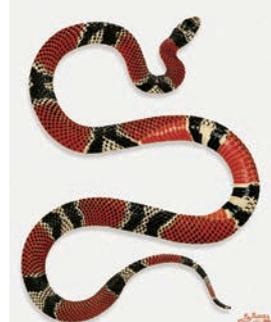
044 *Elaps lemniscatus*
Micrurus lemniscatus
 AE - 349
 p. 64



045 *Tomodon dorsatus*
Tomodon dorsatus
 AE - 356
 p. 36



046 *Erythrolamprus aesculapii*
Erythrolamprus aesculapii
 AE - 357
 p. 39



047 *Bothrops bilineatus*
Bothriopsis bilineata
 AE - 360
 p. 54



048 *Bothrops alternata*
Rhinocerocephis alternatus
 AÉ - 364 p. 43



049 *Bothrops jararacussu*
Bothrops jararacussu
 AÉ - 368 p. 42



050 *Bothrops cotiara*
Rhinocerocephis cotiara
 AÉ - 369 p. 41



051 *Bothrops neuwiedii*
Bothropoides pauloensis
 AÉ - 375 p. 55



052 *Bothrops neuwiedi pauloensis*
Bothropoides pauloensis
 AÉ - 376 p. 45



053 *Philodryas aestivus*
Philodryas aestiva
 AÉ - 377 p. 30



054 *Philodryas olfersii*
Philodryas olfersii
 AÉ - 378 p. 61



055 *Bothrops jararaca*
Bothropoides jararaca
 AÉ - 386 p. 56



056 *Chironius sexcarinatus*
Pseustes sexcarinatus
 AÉ - 387 p. 46



057 *Liophis affinis*
Taeniophalus affinis
 AÉ - 388 p. 63



058 *Ophis guentheri*
Xenodon guentheri
 AÉ - 389 p. 62



059 *Rachidelus brazili*
Rachidelus brazili
 AÉ - 390 p. 51



060 *Philodryas schottii*
Philodryas patagoniensis
 AÉ - 392 p. 60



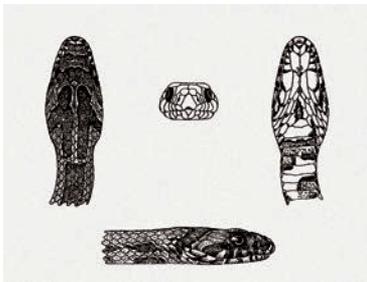
061 *Liophis anomalus*
Liophis anomalus
 AÉ - 395 p. 63



062 *Sibynomorphus turgidus*
Sibynomorphus turgidus
 AÉ - 397 p. 31



063 *Sibynomorphus mikanii*
Sibynomorphus neuwiedi
 AÉ - 398 p. 52



064 *Drymobius bifossatus*
AE - 399 *Mastigodryas bifossatus*
p. 44



065 *Mastigodryas*
AE - 399 *Mastigodryas bifossatus*



066 *Pseudoboa rhombifera*
AE - 404 *Oxyrhopus rhombifer*
p. 49



067 *Philodryas serra*
AE - 406 *Tropidodryas serra*
p. 33

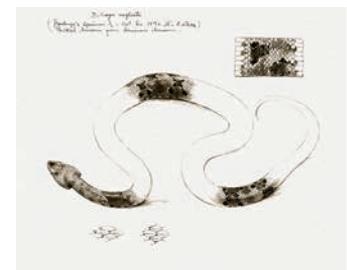


068 *Bothrops atrox*
AE - 407 *Bothrops atrox*
p. 59

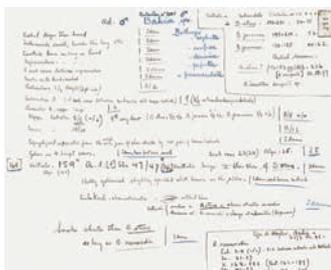


069 *Drymobius bifossatus*
AE - 533 *Mastigodryas bifossatus*
p. 47

Olavo Pinto



070 *Bothrops neglecta*
OP - 111 *Bothrops pirajai* - FRENTE
p. 100



070 *Bothrops neglecta*
OP - 111 *Bothrops pirajai* - VERSO
p. 101



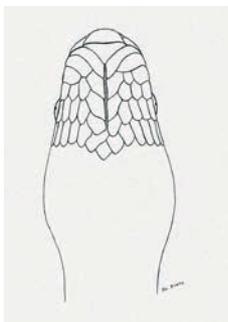
071 *Crotalus terrificus*
OP - 127 *Crotalus durissus*
p. 102



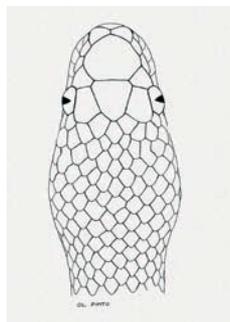
072 *Crotalus*
OP - 128 *Crotalus durissus*
p. 101-1



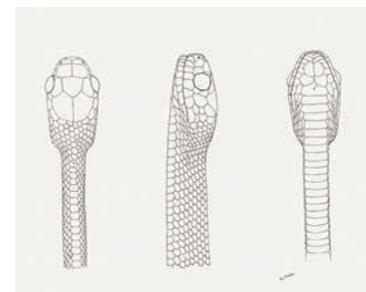
073 *Ungaliophis danieli*
OP - 134 *Ungaliophis panamensis*
p. 99



074 *Ungaliophis danieli*
OP - 135 *Ungaliophis panamensis*
p. 103



075 *Ungaliophis danieli*
OP - 136 *Ungaliophis panamensis*
p. 99



076 Sem identificação
OP - 137 *Dipsas* sp.
p. 60



077 *Dipsas tolimensis*
OP - 138 *Dipsas pratti*
p. 63



078 *Bothrops itapetiningae*
OP - 223 *Bothropoides itapetiningae*
p. 102



079 *Pseudoboa cloelia*
OP - 225 *Clelia clelia*



080 *Bothrops alternata*
OP - 375 *Rhinocerothis alternatus*
p. 107



081 *Bothrops alternata*
OP - 380 *Rhinocerothis alternatus*



082 *Bothrops cotiara*
OP - 381 *Rhinocerothis cotiara*
p. 108



083 *Dipsas indica*
OP - 396 *Dipsas bucephala*
p. 109



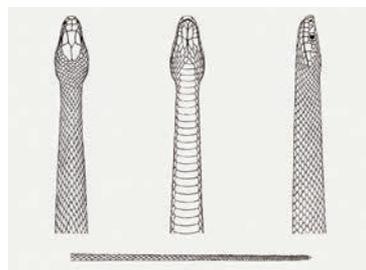
084 *Elapomorphus*
OP - 397 *Phalotris mertensi*
p. 110



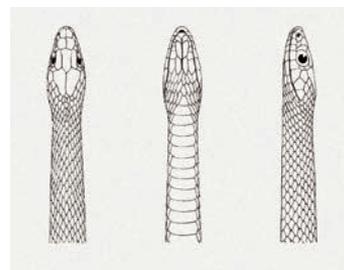
085 *Elapomorphus*
OP - 398 *Phalotris mertensi*
p. 111



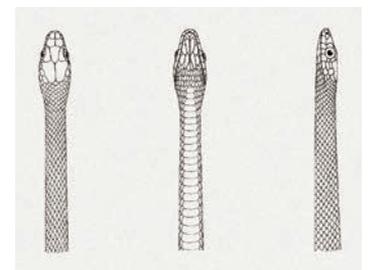
086 *Ungaliophis danieli*
OP - 416 *Ungaliophis danieli*
p. 112



087 *Chlorosoma isolepis*
OP - 802



088 *Lygophis flavifrenatus*
OP - 6539 *Liophis flavifrenatus*
p. 113



089 *Pseudoboa cloelia*
OP - 9907 *Clelia clelia*
p. 113



Aurélio Ferraz Costa



092 *Boa c. constrictor*
AC - 003 *Boa constrictor constrictor*
p. 78



093 *Bothrops atrox*
AC - 004 *Bothrops moojeni*
p. 84



094 *Micrurus frontalis*
AC - 005 *Micrurus frontalis*
p. 80



095 Sem identificação
AC - 006 *Philodryas olfersii*
p. 86



096 *Xenodon merremii* (pele)
AC - 007 *Xenodon merremii*
p. 79



097 *Xenodon merremii* (pele)
AC - 008 *Xenodon merremii*
p. 82



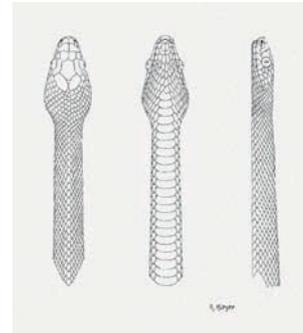
098 *Xenodon merremii*
AC - 009 *Xenodon merremii*
p. 33



Robert Kleyer



099 *Corallus* sp.
RK - 001 *Corallus hortulanus*
p. 59



100 *Tropidophis paucisquamis*
RK - 110 *Tropidophis paucisquamis*
p. 70



101 *Phrynonax shropshirei*
RK - 18820 *Pseustes sproshirei*
p. 74



102 *Liophis* sp.
RK - 234 *Taeniophalus occipitalis*
p. 72



103 *Spilotes pullatus argusiformes*
RK - 2764 *Spilotes pullatus*
p. 67



104 Sem identificação
RK - 28 cabeças - não identificadas



105 *Pseudoboa guerini*
RK - 288 *Phimophis guerini*
p. 68



106 *Sibynomorphus mikannii*
RK - 4825 *Sibynomorphus neuwiedi*
p. 71



107 *Ptychophis flavovirgatus*
RK - 5421 *Ptychophis flavovirgatus*
p. 75



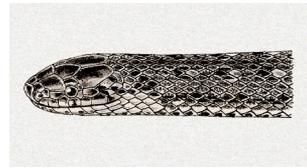
108 *Micrurus mimosus*
RK - 8902 *Micrurus langsdorffi*



109 *Lystrophis dorbignyi*
RK - 9005 *Xenodon dorbignyi*
p. 69



110 *Bothrops schlegeli*
RK - 9183 *Bothriechis schelegelii*
p. 102



111 *Atractus pamplonensis*
RK - 9192 *Atractus pamplonensis*
p. 76



112 *Leptocalamus limitaneus*
RK - 9196 - 1 *Atractus limitaneus*



113 *Leptocalamus limitaneus*
RK - 9196 - 2 *Atractus limitaneus*



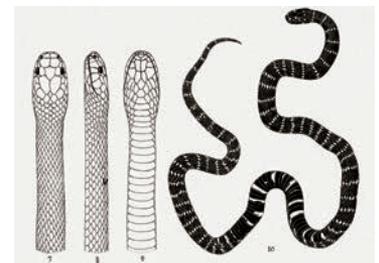
114 *Leptocalamus limitaneus*
RK - 9196 - 3 *Liophis*



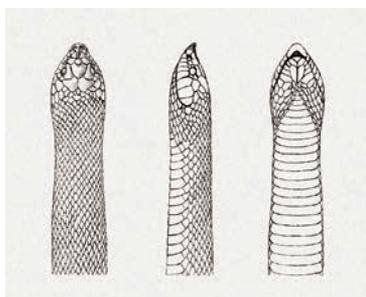
115 *Apostolepis niceforoi*
RK - 9197 *Apostolepis niceforoi*



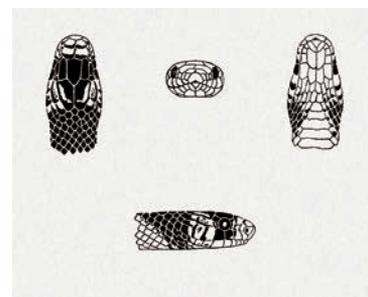
Carlos Rodolfo
Fischer



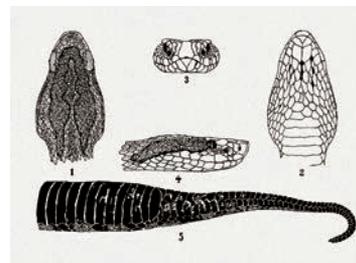
116 *Micrurus albicinctus*
RF - 001 *Micrurus albicinctus*
p. 91



117 *Lystrophis semicinctus*
RF - 002 {1} *Xenodon semicinctus*
p. 111



118 Não identificada
RF - 002 {2} *Erythrolamprus* sp.



119 Não identificada
RF - 002 {3} *Rhinocerocephis alternatus*
p. 90



120 Não identificada
RF - 005 *Lystrophis matogrossensis*
p. 95

H. Petersen



121 *Bothrops* sp.
HP - 5677 *Clelia clelia*
p. 114

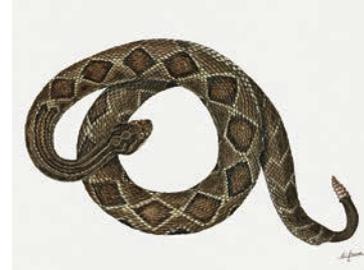


122 *Bothrops* sp.
HP - 5678 *Bothrops jararacussu*
p. 115

Luiz de Godoy



O. Freua



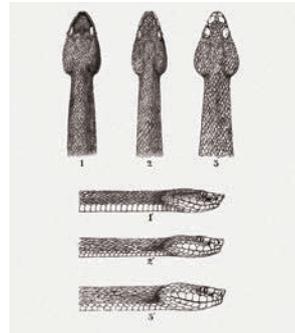
Autores Desconhecidos

123 *Bothrops sp.*
 LG - 001 *Bothropoides neuwiedi*
 p. 97

124 *Crotalus t. terrificus*
 OF - 001 *Crotalus durissus*
 p. 116



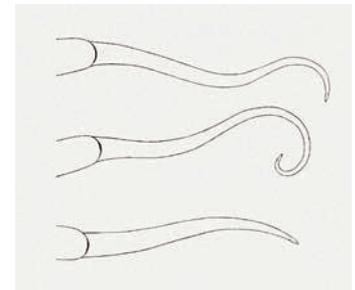
125 *Lygophis flavifrenatus*
 AD - 001 *Liophis flavifrenatus*
 p. 99 Thereza Sarly (?)



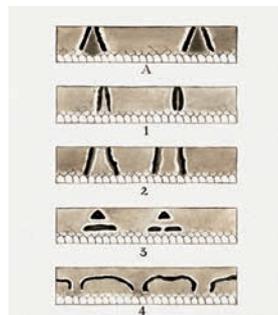
126 *Crotalideos*
 AD - 002 *Crotalinae Bothrops /*
Crotalus
 p. 118



127 *C. terrificus t.*
 AD - 003 *Crotalus durissus*
 p. 117



128 *Caudas*
 AD - 029 *Caudas de serpentes*



129 *Crotalidae*
 AD - 343 *Crotalinae - Bothrops*



130 *Leptocalamus limitaneus*
 AD - 10531 *Liophis*

I. Primary Sources

Instituto Butantan, Livro de Registro do Pessoal Diarista, p.44, Luiz Godoy.
 Instituto Butantan, Arquivo (Fichário de,) da Seção Pessoal.
 Karoline Sauseng, Áustria, Robert Kleyer granddaughter, correspondence.
 Mrs Alma W. Romano Hoge, interview.

II. Secondary sources

- AMARAL, A., 1978. Serpentes do Brasil. Iconografia Colorida, São Paulo. Ed. Melhoramentos.
- Anonymous, 1978a. Ferraz, Itaú galeria exposições - oils, Itaú, Ag. São Paulo, folder
- Anonymous 1980, Ferraz, 1ª Simultânea de Arte, Sec. de Educação, Cultura e Esportes, folder
- Anonymous..... Augusto Esteves, 1966 Biography, Pinheiros Terapêutico, v. 22, n°90, p. 07-08, May
- AYRES FILHO, P., 1966, A. Esteves, Pinheiros Terapêutico, v. 22. n° 90, p. 06, May-Jun
- BRAZIL, V., 1941, Memória Histórica do Instituto Butantan, 170 p., E. Pocaís, São Paulo.
- CORREIA, M. 2008, Gente da Terra, Curioso por Herança. Ver. Terra da Gente, v. 45, p. 60-61, Campinas, São Paulo, Jan.
- (E. V.?). 1944, Informações úteis sobre ofidismo. Folheto de divulgação do Departamento de Animais Venenosos do Instituto Pinheiros, 12 p. São Paulo
- FAIRCHILD, G. B., 1961. The Adolpho Lutz collection of Tabanidae (Diptera). I. The described genera and species, condition of the collection, and selection of lectotypes. Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro 59 (2): 185-250.
- FÁVERO, F., 1966, Augusto Esteves, Pinheiros Terapêutico, v. 22, n° 90, p. 09, mai-jun.
- FISCHER, C. R., 1929a. De um novo hymenoptero destruidor de motucas. Boletim de Biologia da Faculdade de Medicina 15: 43-46.
- FISCHER, C. R., 1929b. Notas biológicas sobre o *Crabo tabanicida* Fischer, 1929 e considerações referentes às motucas. Archivos do Instituto Biologico 2: 141-162.
- FISCHER, C. R., 1932a. Contribuição para o conhecimento da metamorfose e posição systematica da familia Tylidae (Micropezidae, Dipt.). Revista de Entomologia 2 (1): 15-24.
- FISCHER, C. R., 1932b. Nota taxonômica e biológica sobre *Anastrepha grandis* Macq. Revista de Entomologia 2 (3): 302-310.
- FISCHER, C. R., 1932c. Um gênero e duas espécies novas de Rhopalomeridae do Brasil, e o pupário de *Willistoniella pleuropunctata* Wied. (Dipt.). Revista de Entomologia 2 (4): 441-450.
- FISCHER, C. R., 1933a. Nota sobre *Anastrepha punctata* Hend. e uma especie nova de Cyrtonotum. Revista de Entomologia 3 (1): 83-92. Fischer
- FISCHER, C. R., 1933b. Sobre a distribuição geographica de *Tabanus importunus* Wied. (1828). Revista de Entomologia 3 (1): 134.
- FISCHER, C. R., 1933c. Nota sobre *Actinochaeta carlos-albertoi* (Costa Lima, 1926) (Diptera, Dexiidae). Revista de Entomologia 3 (2): 194-198.
- FISCHER, C. R., 1934. Variação das cerdas frontaes e outras notas sobre duas espécies de *Anastrepha*. Revista de Entomologia 4 (1): 17-22.
- FISCHER, C. R., 1935. Os coleopteros phytophagos da tribu Alurnini, pragas das palmeiras (Chrysomelidae, Hispinae). Revista de Entomologia 5 (3): 257-292.
- FISCHER, C. R., 1939. O macho de *Acanthocera coarctata* (Wied.) (Dipt., Tabanidae). Revista de Entomologia 10 (2): 334-337.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS

- FISCHER, C. R., 1940. *Adelioneiva concolor*, nov. gen. n. sp., um novo diapriídeo myrmocófilo de Goyaz (Hym., Diapriidae). Revista de Entomologia 11 (1-2): 397-401.
- FISCHER, C. R., 1943. Redescritção de *Ecitobium zikani* Wasmann e *Ecitsaurus* nov. nom. (Col. Staphylinidae). Revista de Entomologia 14: 255-259.
- FONSECA, F., 1954. Instituto Butantan; sua origem, desenvolvimento e contribuição ao progresso do Estado de São Paulo, in: Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, São Paulo em quatro séculos: Comissão do IV Centenário da cidade de São Paulo, vol. 2, p. 317.
- LUTZ, A., A. Neiva & A. da Costa Lima, 1915. Sobre Pupipara” ou “Hippoboscidae” de aves brasileiras. Memórias do Instituto Oswaldo Cruz 7 (2): 173-199, pls. 27-28.
- NEIVA, A & Andrade, N., 1924. Comissão da Broca do Café. Rel. da, Publ. v. 2 p.s/n.
- NEIVA, A., E. N. Andrade & A. Q. Telles, 1925a. A broca do café: Collectanea de comunicados à imprensa. Agosto-dezembro de 1924. Secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, São Paulo.
- NEIVA, A., E. N. Andrade & A. Q. Telles, 1925b. A broca do café: 2ª. collectanea de comunicados à imprensa. Janeiro-junho de 1924. Secretaria de Agricultura, Commercio e Obras Publicas, São Paulo.
- NOMURA, H., 1992, Vultos da Zoologia Brasileira, Carlos Rodolpho Fischer, vol. IV, p. 125-6, Coleção Mossoroense, série “C”, 200 p.
- OLIVEIRA Filho, M. L., 1927. Contribuição para o conhecimento da broca do café *Stephanoderes hampei* (Ferrari, 1867): Modo de comportar-se e de ser combatida em São Paulo. Secretaria da Agricultura, Industria e Commercio, São Paulo.
- RANGEL, M. F., 2009. A construção de um patrimônio científico: A coleção Costa Lima, pp. 284-302, in Granato, M. & M. F. Rangel, orgs., Cultura material e patrimônio de C & T. Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro.
- SAZIMA. I., DI Bernardo, M., 1951, Albinismo em serpentes neotropicais, Mem. Instituto Butantan, 53(2). 167-173.
- SUEIRO, L. R., Rojas, C. A., Risk, J. Y., Siqueira França, F. O., Almeida Santos, S. M., 2010. Anomalias cromáticas em *Bothrops jararaca* (Serpentes, Viperidae): Xantismo interfere na sobrevivência? Sistemas, 23(1); 155-160
- TRAVAGLIA-CARDOSO, S. R. T., Parpinelli, C., 2006, *Crotalus durissus terrificus* (ratlesnake): A case of xanthism, Natural History Note, Herpetological Bull. 97:39-40.
- VITAL BRAZIL, L., 1996. Vital Brazil Mineiro da Campanha uma genealogia brasileira. Impresso e editado por Lael Vital Brazil, 503 p., Rio de Janeiro.

ENGLISH TRANSLATIONS

UNEARTHED ILLUSTRATIONS

It happened in April 2002. Dr. Maria de Fátima D. Furtado, at the time Director of the Herpetology Laboratory, came to see me carrying an old cardboard box that had been given her by Ms. Alma Hoge. Ms. Hoge was widely known as “Dona Alma”. Because she was retiring she was moving out of the residence she had occupied with her husband at the Instituto Butantan since 1970. Married to Alphonse R. Hoge, renowned herpetologist and for many years Head of the Biology Division and Herpetology (formerly “Ophiology”) Section of Instituto Butantan, she was herself an ophiologist, in charge of the Biology Division Registry¹ and also the author of 25 papers.

What had Dr. Fatima found? The almost dismantled box contained serpent illustrations by Augusto Esteves (29 plates), Olavo Pinto (17), Roberto Kleyer (10) and 17 other illustrations without any clear indication of authorship. The treasure also included the wooden cover of a book and a collection of pictures portraying herpetologists and scientists. To Dr. Fatima’s mind these plates were very valuable and deserved to be listed as historical heritage. Historical documents indeed they were!

Since the Hoges lived close to the herpetology Laboratory, all that material had been sent to their house due to the precarious situation of the Herpetology building - leakages, termites and mold - and administrative changes after Dr. Hoge’s demise. The Hoges had always been very fond of and cherished the illustrations. They loved the beauty of the depicted fauna and admired the skill of the authors. “*The illustrations were shown to researchers, professors and students visiting the Section and to any illustrious – or not-so-illustrious – visitors who showed an interest in Ophiology*”, Dona Alma told us.

The plates were dip pen drawings and watercolors, no doubt intended as illustrations for articles to be published by the Instituto herpetologists. Their arrangement suggested they were to be printed, as the individual figures were pasted with all kinds of glues to different sized cardboards and covered with a sheet of wrapping tissue. The plates were so prepared to withstand the comings and goings from laboratory to printing, since as many as four or five proofs were normally issued before the final printing.

Dated from 1920 to 1960, the plates had unfortunately not been kept properly stored at the Laboratory, and the extensive green area surrounding the Hoges residence was quite humid. The pasting material was certainly a favorable medium for fungus and mold proliferation. And as a consequence, to a greater or lesser extent all the beautiful plates were stained and showed signs of deterioration.

¹ Herpetology Unit in charge of receiving and registering the reptiles and forwarding information to suppliers.

As we sorted out the contents of the box, as we admired the beautiful workour immediate reaction was shame to realize the condition the plates were in. Those originals would not be listed in such a state! We then recalled how the Institute's Annual Reports, dating back to 1901, had been found (bound with nails!) and how with the help of FAPESP we developed a project to restore them. Why not call Ms. Lucy again and try the same with this material?

Ms. Lucy Luccas is a conservation-restoration expert. We asked her to assess the illustrations and the feasibility of a successful recuperation. After a few days, she came back with the answer. Her report stated: *“Overall dirt. Almost all plates are pasted on thick and very acid paper. Excess of foxing spots, due to dirt, poor storage and humidity.”* But it could be done and would involve the following:

1. *“plates delaminating with a surgery scalpel to remove all paper glued to the back of each plate;*
2. *“fixing of drawing ink so that it will not alter during the treatment;*
3. *“several baths to completely remove dirt;*
4. *“bleaching of plate support;*
5. *“plate paper deacidification;*
6. *“paper leveling after treatment is concluded;*
7. *“affixing each plate on pH-neutral back paper.”*

While the plates were at Luccas & Tuenze's for evaluation, a customer happened to see them. Dr. Miguel Francisco Pacheco e Chaves, an expert in digitalization processes, was then following the conservation of a 16th. century work. Impressed by the quality of the drawings in the samples, he accepted our invitation to see the remaining plates at the Instituto Butantan. When he learned what our plans for the collection were, he offered to digitalize the plates at no cost. The high resolution digitalized plates would be recorded on a CD and could be used for future book editions, catalog printing or other cultural purposes.

As with the conservation of the Instituto reports, Lucy Luccas did a magnificent job. The plates were taken from their deteriorated original substrate, spot-treated and cleaned. Obviously, not all the long standing time marks could be erased. But attached to their new neutral paper and cardboard supports, the plates are now conditioned in custom-made cases. And this was possible thanks to the inclusion of this part of the work in CNPq's project *Espaço e Memória Iconográfica do Instituto Butantan* (Proc.400849/03-8, CNPq).

RESCUE AND CONSERVATION

A NEW FINDING

Some time went by and another valuable and unexpected donation found its way to our desk. When Dr. Eva M. A. Kelen moved to a new laboratory she found a folder with several illustrations by Augusto Esteves. Knowing about our collection, she forwarded us the folder. As these illustrations were smaller and had been stored in better conditions they would not require cleaning and treatment.

Now here was another rich collection! Once again, the idea was to duplicate and then store the preserved originals. However, under closer examination, it became obvious that we had in our hands a diversity of drawings, with minute and almost imperceptible morphological details, rich in colors and poses that had probably been taken from live specimens. Not at all like your staple museology collection! Why should we let this be merely consigned to a record and a file?

We also considered that if the Instituto Butantan had been so privileged as to have a constellation of true artists (and not mere draftsmen) to illustrate their daily work, there should be a reason... Afrânio do Amaral, a renowned herpetologist and former Director the Institute [Amaral, A. ,1977] said: *“Allowustoexpress [on this occasion]our deepest admiration to all those [artists] among our most dedicated collaborators who have already passed away, and to honor their memory for the impeccable daily work they undertook for the benefit of science.”*

So we were encouraged to not just recover the plates but also make a taxonomic updating of the represented species. And together with the account of the findings and the biographies of the men who contributed to this detailed ophidic iconography, there was ample material to publish a book!

Therefore, the primary end product of all that work is this book. But as we pointed out before, the material will also allow setting up a digitalized image data bank that may be used for CD records, posters, calendars or postcards prints and any number of other beautiful objects.

The biographies presented here were drawn from what was available to us, in terms of documents and iconography. We begin with the most prolific and representative artist of the group – Augusto Esteves – who played a significant role in the history of Instituto Butantan and in Brazilian arts and science.

AUGUSTO ESTEVES

Augusto Esteves' name cannot be dissociated from the history of Instituto Butantan, although his biography is not circumscribed to that institution alone. Contemporaries and colleagues from Instituto Vital Brazil, Instituto Pinheiros, Santa Casa da Misericórdia and the School of Medicine of the University of São Paulo have indelible memories of him, as shown in the many expressions of friendship and praise we collected.



Born in São José da Boa Vista, Paraná, on October 16, 1891, José Augusto Esteves was the son of Domingos José Esteves, of Portuguese origin, and Geraldina Gomes de Oliveira Esteves. His maternal grandfather, José Antonio Gomes de Oliveira graduated as Pharmacist and married a descendant from Tiradentes, the hero of Brazil's fight for independence from Portugal in 1789. Esteves father first settled in Avaré, in the State of São Paulo, where José Augusto Esteves made his first studies. In 1904 he moved to São Paulo and until 1908 he worked as an office clerk at the company Martins Costa & Cia. Without any formal training he had already started to draw. In 1908 he took part in the exhibit of the I Centennial of the Opening of the Ports in Brazil (Rio de Janeiro, 1908) and was awarded a Silver Medal. The award encouraged him to join the atelier of Pedro Strina where he was trained in drawing and painting in exchange for cleaning the studio. He also studied modeling under sculptor Lourenço Petrucci.

In 1912 photographer G.Sarracino invited Esteves to join him on an assignment to portray Vital Brazil's family at the Butantan Institute. Augusto Esteves made friends with the great scientist and immunologist. When Vital Brazil learned about the young man's talent, he knew he had found the draftsman he had been long looking for to work at the Institute. Augusto Esteves first extensive work at the new job was the illustration of the book "Defense against Ophidism". At that time he also started working with wax modeling (ceroplasty).

Vital Brazil left the Butantan in 1919 and moved to Niteroi, where he founded the institute that bears his name, dedicated to immunology work. Esteves was invited to join him. However, as there was no drawing work involved, he was assigned an administrative job and became Vital Brazil's right-hand man – and of course, designed the Institute logo. This is where he met Alvarina, Vital Brazil's daughter and secretary. Working together they soon developed feelings for one another, but Esteves was so humble and respectful that it took him a long time to make his feelings known. After some mediation by other relatives and with the approval of her father they were at last married and had six daughters.

In 1934 Esteves moved to São Paulo to work at Instituto Pinheiros. And here we resort to another voice to tell us about him. The Institute President and Executive Director Dr Paulo Ayres Filho said in his eulogy of Esteves [Pinheiros Terapêutico, v.22, issue 90, 1966]:

"Augusto Esteves started working for us in March 5, 1934. Over the next thirty years,

BIOGRAPHIES

P. 21

MUÇUARANA X JARARACA
Cloelia cloelia Bothrops jararaca

The symbolic figure sculpted in high-relief in the façade of the first building at Instituto Butantan (1914) represents the capture of the prey, Jararaca, that will feed the ophiophagus Muçuarana.

The name Muçuarana derives from the Tupi-Guarani word *muçum* meaning elongated, slim, or rope (there is also a snake-shaped fish popularly called *muçum*), and *rana*, which means "look like". Artur Neiva also recorded the designation *boiru* which in **Neengatu language** means snake eater. As usual, the name given by native Indians is well observed and appropriate.

Many see this figure as a representation of **good** – the Muçuarana is not venomous or aggressive – as opposed to **evil**, symbolized by the Jararaca, an extremely venomous and aggressive snake.

This stylized image was used for a long time on the seal of Butantan products packages.

P. 22

HEMIPENIS

In the endeavor to describe, name and classify organisms, taxonomists resort to the observed morphological aspects (that could also be: physiological, biochemical, ethiological or other), which are the “taxonomic units” or taxonomic characters.

Hemipenis, the male reproduction organ of squamates — spongy in nature, forked, bearing spines or specific hooks — is a very important characteristic in Ophiology classifications.

P. 28

Excerpt of **A. Amaral** text, used in Iconography, referring to Instituto Butantan illustrators :

“We also wish to take this opportunity to express our admiration for those artists who passed away and to honor their memory for the imperishable work they have done for the benefit of science”.

01/12/1964.

he produced many valuable dip pen drawings, oil paintings, watercolors and ceroplasty pieces, definitely making his signature “A.Esteves” widely known to plastic arts. And again, because of his close links to medical sciences he left a vast collection of wax models at the Ophiology Museum as well as pictures in the company’s scientific dissemination material and publications, not to mention his written texts.

“But here at work Mr. Esteves was a dutiful and punctual employee and a good colleague among colleagues, to the point of never forgetting even the simplest rule of conviviality. His righteousness not devoid of kindness, maybe stemming from this Portuguese-evangelic upbringing – was his most characteristic feature and what defined him. This moral rectitude made people spontaneously define him as “a man from another time” - a time of the word of honor..

“Yes, he was truly “a man of one word, one face and one faith only”, of the classical Portuguese character. And in this faith he passed away, leaving us to remember his life, which may have been even more exemplary than the work. The life and the work of a rare person, of someone who loudly and clearly honored the name of man.”

In 1936 Esteves was also working at Santa Casa de Misericórdia and was accepted at the School of Medicine of the University of São Paulo to work with the chairs of Dermatology and Syphillography and Forensic Medicine, from which he retired in 1959. At the School of Medicine he was equally prolific, making drawings and wax models that depicted rare cases. Forensic medicine pieces are seen at the Instituto Oscar Freire and the Crime Museum (which has been partially transferred to the Criminalistics Institute at the Campus of the University - Cidade Universitária, São Paulo).

Once again we find praise in the words of illustrious Professor Flávio Fávero, Chair Professor of forensic medicine, in the eulogy he presented at Esteves’ burial [Pinheiros Terapêutico, v.22, n° 90, 1966]:

“[...]And soon I became not only his personal friend but also a great admirer of his extraordinary and varied work. He was in charge of the Forensic Medicine Drawing and Ceroplastics department. And what wonders did he create there! [...] The Museum is filled with pieces made by him. Classes were always illustrated with his drawings and sketches. Papers and books published by the Institute had the unfailing contribution of talented Master Esteves. However, what impressed me most in this great man was his humility, his true modesty. This was so overpowering that everyone felt he was almost ashamed, apologizing for his knowledge and for what he could achieve with his art. He would rather hide or efface himself, but his work denounced him. His work showed off – he did not. “

As an individual artist he participated in exhibits at the Paulista Fine Arts Salon, Liceu de Artes e Ofícios, Paulista Association of the Fine Arts, Municipal Salons of the cities of Santos and Rio de Janeiro, and was awarded prizes and medals. He had individual shows of his dip pen drawings and watercolors, namely at the Brasiliense Bookstore and the Opera House of São Paulo. In Brazil and abroad, works by him are found in private galleries and institutions like the School of Medicine of the University of Coimbra in Portugal, the International College of Surgeons in Chicago and the School of Medicine of the University of São Paulo. He designed the Vital Brazil Centennial Medal, which was also presented to him, and the ensign of the São Paulo Female Police Force. Medals, illustrations for thesis, drawings for medical institutions and academic courses, scientific books, historical novels, children literature..... he even ventured into poetry, under the pseudonym of “Mané Coivara”. Not to mention the articles for specialized journals on ceroplasty and memorial and biographical texts.

He died in São Paulo at the age of 75, on February 3, 1966. In 1981 the School of Medicine of the University of São Paulo opened the Augusto Esteves Ceroplasty Museum, featuring 254 pieces signed by him.

ROBERT KLEYER

Researching biographical texts on Robert Kleyer proved to be quite a difficult task. We searched the registry and files of Instituto Butantan and found almost nothing. We made our quest known to colleagues, and when a visitor asked Historian Aline Solossando, then a fellow at the Historical Museum, for information about Kleyer she immediately called us. The visitor was Ms Karolin Sauseng, Kleyer granddaughter, now residing in Austria. She came to see us accompanied by relatives living in São Paulo and she spoke some Portuguese. We showed her the collection and asked her help to find data on Kleyer, which she promised she would do on her return to Europe. A few weeks later she forwarded us illustrations, photographs and an intriguing text about her grandfather's stay in São Paulo². We did a high resolution scanning and with warm thanks sent all the material back to Ms Sauseng..



Robert Kleyer was born in Karlsruhe on October 19, 1895 and died in Tübingen, Neckar, on September 30, 1940. During World War I he was trapped in a landslide and hurt his leg and lost a facial nerve. As a consequence all his life he suffered great pains and walked with difficulty. After the war he and his wife immigrated to Brazil, disembarking in Santos in February 1924. With no money and no friends in the country he made a living as a wall painter in civil construction and glass painter at Sorgenicht & Garcia.

In April 1929 Kleyer was called to work at the Instituto Butantan as ceroplasty draftsman to illustrate scientific works. It appears that he was not in a very good situation, both financially and domestically. His wife was in hospital for a long time and they lived too far away from work. The Instituto Butantan then offered them a residence at the campus (see photos). Kleyer was working well and was registered in March 1931, with status of civil servant. Despite this better standing, the family felt uneasy and not well regarded because of their German origin. It had even been suggested that he should not sign his work, an idea he immediately rejected. He continued working and struggling for better wages. In fact, he was missing his country and the difficult financial situation of the Institute was making things even harder, even though the German government was sending him a small compensation "for war injuries" (which later on would help him upon his return to his native land). With the help of a few friends he tried to set up an exhibit but was not very successful. Depressed and frustrated, he decided to quit the country for good and in January 1939 he dismissed himself from the Instituto Butantan.

Back in Germany, his situation did not improve much. Lack of work, family health problems and the shadow of war made a very gloomy picture. It was 1940. The family reunited in Tübingen. Kleyer was to undergo cranial surgery but did not survive the operation. He was not yet 45.

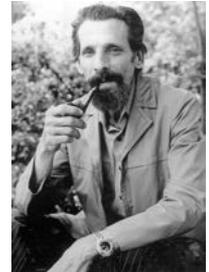
Kleyer's legacy was quite extensive. His drawings and pictures are of rare preciseness

² - This was a three-page document titled "Report on Robert Kleyer" and labeled "Confidential" where we read: "the following report was sent to the local Consulate at the time, with a copy to that Government, upon approval of Mrs. Kleyer." The overall tone of this report is one of lament, frustration and almost regret for the time spent in Brazil.

and beauty. While at the Instituto Butantan, he illustrated Ophiology works, most by Afrânio do Amaral who would later publish a book with over 100 plates by Kleyer (“Serpentes do Brasil - Iconografia Colorida” (Amaral, 1977).

AURELIO FERRAZ COSTA

“Seu Aurélio” – that is how he was known at the Instituto Butantan. A true artist of many works and activities. I came to know him better when I “harbored” him at the Biology Museum and also later, when I became Director of the Cultural division. A very calm man, slow speaking, always willing to carry out yet another task after a long day, which he executed with care and to perfection. He had for some reason quarreled with the Drawing department, so I brought him to the Biology Museum and gave him a place to work. He undertook the renovation of several displays, made many spiders’ paintings and a large panel depicting the forest environment, which was to be the backdrop for the large snakes display at the entrance to the Museum.



Born Aurelio Ferraz Costa on March 4, 1926 in Araras, State of São Paulo, he was the son of Juliano Costa and Jacira Ferraz Costa. Quite gifted, he was 11 when he made his first individual show at the Public School Dr. Cândido Rodrigues, in São José do Rio Preto. Later he trained in São Paulo at the Paulista Association of Fine Arts and worked under Prof. Reinaldo Manke and the painter Takaoka. He defined himself as an impressionist, working in watercolor or oil, using brush and spatula. He was awarded prizes and medals and his work stands in private collections in Brazil and abroad.

In April 1978, Critic Olney Krause from the Brazilian Association of Art Critics said of Aurélio’s work [Anon.Itaú Galerias Exposições]:

“The work of Aurelio Ferraz derives both from an acute sense of reality and a meticulous power of observation. He is able to see and to draw what he sees, hence the great beauty and almost photographic rendering of his snakes. He observed and analyzed snakes to exhaustion (and with a scientific eye) for 21 patient years. But this was not enough for him. Ferraz calls himself “an impressionist”. Others say he is academic. I think it unnecessary to label his work as we look at the landscapes, small country houses, narrow streets and flowers of a romantic, baroque and nostalgic Brazil. I only know he depicts what he sees and he is a strong believer in what he does. What he offers us is simple, beautiful and very candid. I am convinced he is true and consistent with both the man-artist and the scientist-artist that live inside him.”

Ferraz joined the Instituto Butantan on May 16, 1956 as a scientific draftsman. He retired on August 24, 1990, after almost forty years of indefatigable scientific drawings. He also illustrated a series of short stories for the publishing house Editora LEP and served as examiner in selection processes of public service draftsmen. Invariably holding his straw cigarette between his fingers, the habit took its toll. He died of emphysema on June 26, 1993, leaving behind a wife and two daughters.

CARLOS RODOLPHO FISCHER



Karl Rudolph Fischer was born in Leipzig, Germany, in September 1886. Very soon, at the age of 12, he started working for a lithograph company whose owner sent him to a Technical Drawing School. At 17 he joined the Royal Academy of Leipzig to improve his skills. In 1903 he was doing his compulsory military service but sensing the approach of war and to avoid being drafted he decided to leave Europe (October 1910). His destination was to be São Paulo, where by recommendation of Oswaldo Cruz³ he had been offered a contract by Lithographica Hartmann-Reichenbach, a lithograph company that already worked for Instituto Oswaldo Cruz.

A very meticulous man, Fischer noted down every single detail of his journey on board, even describing the passage of the Halley comet and rambling about the sea landscape. He started working at the Instituto Oswaldo Cruz in 1912, hired as a draftsman on April 1st. He lived at the Institute and illustrated most of Adolpho Lutz work (*cf.* Rangel, 2009: 294; see also. Fig. 1 on page 295, illustration of *Hippoboscidae* wings in the article by Lutz, Neiva & Costa Lima, 1915). The correspondence between Lutz and Fischer on zoology subjects and specimen collections and the life at Instituto Butantan can be seen at the Adolpho Lutz Virtual Library. (www.bvsalutz.coc.fiocruz.br/html/pt/static/.../rudolph.htm).

Fischer remained at the Instituto Oswaldo Cruz until 1915, when he moved to São Paulo. The reason might be intriguing when we come to know the circumstances – and I transcribe a testimony of the time⁴:

*“The majority of Dr. Lutz’s papers, I believe all those published in [the book] “Memórias do Instituto Oswaldo Cruz” except for the last four, were printed in both German and Portuguese, in parallel columns. This was necessary because at that time there was no technical entomological terminology extant in the Portuguese language. It must be noted, however, that the two versions are not in all respects exact translations of each other. From his notes, and information supplied by Dr. Bertha Luz, it appears that the German version was written first and probably should be taken as the definite version as well. It is to be noted that being of Swiss parentage, German was the language of Dr. Lutz’s youth and in which he received his education. **The coincidence between his giving up publication in 1915 and the unpopularity of the German language arising from the first World War, which, on the entry of Brasil into the war, led to the abandonment of German in all official publications, including those of the Instituto, is also probably significant. The loss of his best illustrator, Rudolph Fischer, a German, at the same time and for parallel causes, was certainly also a strong factor**”.* (emphasis is mine).

In an interview with Marcos Correia, Fischer’s son Engineer Oscar Silvio Fischer helped shed some light on his father’s correct name spelling and his political troubles.

3 - According to renowned Brazilian parasitologist and former Director of Instituto Butantan, Flávio da Fonseca [Fonseca, F., 1954], Oswaldo Cruz was “an artist and amateur entomologist, whose unsurpassable documentation of Parasitology served to illustrate the first volumes of “*Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*””. Because of this work, he was in contact with Lithographica and suggested they hire European draftsmen to collaborate in the campaign to fight bubonic plague, small pox and malaria, which were then ravaging the population in Rio de Janeiro.

4 - Fairchild (1961: 190)

“In Brazil, back in 1917 and in the heat of war, he was mistaken for a German spy because he was in the habit of taking pictures of the Guanabara bay, where American and Brazilian battleships were anchored. Authorities believed the pictures would serve to guide a purported attack by the Triple Alliance of Germany, Austria-Hungary and Italy. Though unfounded, the matter hit the press. Karl was very distressed by the situation, for he even was unjustly dismissed from the Instituto in Rio de Janeiro. He later naturalized as Brazilian citizen and adopted the name of Carlos Rodolpho.”

Once in São Paulo, Carlos Rodolpho Fischer joined the Instituto Butantan as scientific draftsman. He lived at the Institute and would continue working as a draftsman and doing field and ceroplasty jobs for approximately 10 years. Because of his love for entomology, he left very precise renderings of the coffee berry borer (*Hypothenemus hampei* (Ferrari, 1867), a pest that decimated coffee plants in São Paulo (cf. Silva, 2006: figs. 1 and 2 (pages 966, 967: adult and immature, published by Oliveira Filho, 1927; and figures 3 (p. 968: coffee berry attacked by borer) and 4 (color figure of coffee branch indicating where the borer penetrated), published by Neiva, Andrade & Telles, 1925.

At that time, the Coffee Plant Defense Service engaged scientists to help disseminate knowledge to control the pest. Arthur Neiva was one of those indefatigable scientists whose efforts led to the creation of the Institute for Agriculture and Animal Defense (renamed Instituto Biológico in 1937). In 1928 Fischer was invited to join the new institute as a *microscopist draftsman*. Was did that job entail? According to a report published in the newspaper *O Estado de S.Paulo* the day the Instituto Biológico was inaugurated, microscopist draftsmanship was “*a drawing specialization whereby the professional must completely master the microscopic technique, including mounting and preparing the slides. Mr. Fischer is among the best microscopists working in Brazil. His obvious inclination to natural studies led many scientists in Brazil and abroad to link his name to new species.*”

Fischer was also a photographer by hobby and started a collection of spiders and insects, which was donated to the Paulista School of Medicine after his death. From 1945 to 1945 he worked as reviewer and later as writer in the magazine “O Biológico” (The Biologic), his last position before retiring. He also published a number of beautifully illustrated taxonomy and biology works on diptera, coleoptera and hymenoptera (cf. Fisher, 1929a, 1929b, 1932a, 1932b, 1932c, 1933a, 1933b, 1934, 1935, 1943). In acknowledgement of his work, fellow entomologist linked his name to species: *Methiafischeri* Melzer, 1923 (Coleoptera, Cerambycidae), *Lutzomyia (Pintomyia) fischeri* (Pinto, 1926) (Diptera, Psychodidae) and *Phrixothryxfischeri* (Pic, 1937) (Coleoptera, Phengodidae). He died in São Paulo on May 25, 1955.

LUIZ DE GODOY

Very little was found about Luiz de Godoy. Of humble origin, he was born in São Paulo on August 22, 1908, to João Nicácio de Godoy and Clementina Florentina de Godoy. He was hired by the Instituto Butantan in 1929, first as craftsman and wright, but actually he performed as general draftsman assistant. His tasks included from sign painting to oil or Indian ink graph making, and even a little of Indian ink or color drawings of animals. He was careful in his work and the quality of his drawings earned him a promotion to Assistant Draftsman in 1946 and to Draftsman in 1960. Several researchers from Instituto Butantan praised his skills, among them Afrânio do Amaral and Flávio da Fonseca. “*The Section is currently headed by Luiz de Godoy, whose drawings of acari – over 100 of them – were reputed by the great expert from Berlin, Count Vitzhum⁵, to be as good as Terzi’s⁶, the Natural History Museum draftsman*”, said Fonseca. Luiz de Godoy retired in 1957.



THEREZA SANTOS SARLY

Born in Itaporanga, São Paulo, on April 9, 1901, to Ângelo Lourenço dos Santos and Anna Leandrina dos Santos. She started working in January 1943 as a clerk at the Zoology Department of the Secretary of Agriculture of São Paulo. In 1949 she moved to the Instituto Butantan and in 1954 was offered the position of draftswoman. She retired in April 1971.

OLAVO PINTO DE MORAIS

Born in Campinas, São Paulo, on September 17, 1913 to Olavo Pinto de Moraes and Amalia Soares de Moraes, Olavo was hired by the Instituto Butantan as draftsman in April 1939 and transferred to the Secretary of Health, Social Medical Services, in 1948.

P. 101

ALBINISM – XANTHOCHROMISM

The original annotation in this illustration indicated a case of *xanthism*, an excess of yellow pigmentation. However as we examined the picture the red color of tongue and eyes was clearly seen, a characteristic of *albinism* in snakes.

5 - H. Graf Vitzhum, acari expert

6 - Amadeo John Engel Terzi (1872-1956). Born in Palermo, Sicily, to a family of artists. Living in England, he was the first professional artist to be hired to do entomology illustrations. He joined Patrick Manson as the latter opened the *School of Tropical Medicine* in London in 1899. In 1900 he joined two researchers on tropical diseases - Louis Sambon and George Carmichael Low - who were in Ostia testing their theories on malaria being a mosquito-borne infection. Terzi's task was not only to draw mosquitoes but also to be a subject for tests. By protecting themselves against bites and always living and working under a tent specially built they were able to prove that the disease was caused by the mosquito, as everyone else who had been exposed did contract malaria. Terzi spent the rest of his life working with Wellcome and Sambon. The latter indicated his name to Manson, who would recommend Terzi as a scientific illustrator to the British Natural History Museum. His illustrations were published by Edward E. Austen (1906. *Illustrations of British Blood-Sucking Flies*) and in the series *Diptera of Patagonia and South Chile*, by the Natural History Museum. It is estimated that Terzi produced over 37,000 drawings and illustrated 55 books.

APPENDIX

ILLUSTRATIONS LOG

The illustrations in this book – as stated right at the beginning – were found in a cardboard box, with no indication of ever having been classified or entered into Instituto Butantan records. A few were numbered, which in most cases was probably a reference for future publication in some article, but were never meant to be part of any illustration filing system. We therefore thought it appropriate to record them in a separate log. They were numbered, often keeping the original numbers in the plates, and grouped by author.

Prof. Giuseppe Puerto, a well known herpetologist and Director of the Instituto Butantan Biology Museum, was requested to identify and/or taxonomically classify each illustration plate according to the figures and specific names given by each author.

This updating was current until March 23, 2011 and each plate was duly labeled with a definitive number. All the illustrations originally found number 114. For reasons of quality or interest, not all were included in the main body of the book but were included in this Appendix.

The log and the box with the original illustrations are now kept at the Instituto Butantan library.

GIUSEPPE PUORTO

Scientific Researcher, graduated in Biology Sciences by the University Mogi das Cruzes - UMC. Working as a Zoologist at Instituto Butantan, specialized in herpetology (Herpetology Laboratory 1984-1998). Curator of the Herpetology Collection from 1990 to 1998. In that year he was appointed Biology Museum Director of the Instituto Butantan. Published scientific articles (37), electronic books (2) and chapters (8) as well as several technical texts. His activities included teaching, courses, conferences and actively monitoring and rescuing the fauna in hydroelectrical dams (23). Since 1986 Consultant for the National Program for the control of accidents caused by venomous animals. Council Advisor of Zoo Park Foundation, SP. From 2006 participates in the Regional Council of Biology as counselor in IButantan was a member of the Board of Culture, 2003-11.

I. Primary Sources

Instituto Butantan, *Livro de Registro do Pessoal Diarista*, p.44, Luiz Godoy.

Instituto Butantan, *Arquivo (Fichário de) da Seção Pessoal*.

Karoline Sauseng, Áustria, Robert Kleyer granddaughter, *correspondence*.

Mrs Alma W. Romano Hoge, *interview*.

II. Secondary sources

AMARAL, A., 1978. *Serpentes do Brasil. Iconografia Colorida*, São Paulo. Ed. Melhoramentos.

Anonymous, 1978a . Ferraz, Itaú galeria exposições – oils, Itaú, Ag. São Paulo, folder

Anonymous, 1980, Ferraz, 1ª Simultânea de Arte, Sec. de Educação, Cultura e Esportes, folder

Anonymous.....Augusto Esteves, 1966 Biography, *Pinheiros Terapêutico*, v. 22, nº 90, p. 07-08, May

AYRES FILHO, P., 1966, A. Esteves, *Pinheiros Terapêutico*, v. 22. nº 90, p. 06, May-Jun

CORREIA, M. 2008, Gente da Terra, Curioso por Herança. Ver. Terra da Gente, v. 45, p. 60-61, Campinas, São Paulo, Jan.

(E. V?). 1944, Informações úteis sobre ofidismo. Folheto de divulgação do Departamento de Animais Venenosos do Instituto Pinheiros, 12 p. São Paulo.

FAIRCHILD, G. B., 1961. The Adolpho Lutz collection of Tabanidae (Diptera). I. The described genera and species, condition of the collection, and selection of lectotypes. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz*, Rio de Janeiro 59 (2): 185-250.

FÁVERO, F., 1966, Augusto Esteves, *Pinheiros Terapêutico*, v. 22, nº 90, p. 09, May-June.

FISCHER, C. R., 1929a. De um novo hymenoptero destruidor de motucas. *Boletim de Biologia da Faculdade de Medicina* 15: 43-46.

FISCHER, C. R., 1929b. Notas biológicas sobre o *Crabo tabanicida* Fischer, 1929 e considerações referentes às motucas. *Archivos do Instituto Biológico* 2: 141-162.

FISCHER, C. R., 1932a. Contribuição para o conhecimento da metamorfose e posição systematica da familia Tylidae (Micropezidae, Dipt.). *Revista de Entomologia* 2 (1): 15-24.

FISCHER, C. R., 1932b. Nota taxonômica e biológica sobre *Anastrephagrandis* Macq. *Revista de Entomologia* 2 (3): 302-310.

FISCHER, C. R., 1932c. Um gênero e duas espécies novas de Rhopalomeridae do Brasil, e o pupário de *Willistoniella pleuropunctata* Wied. (Dipt.). *Revista de Entomologia* 2 (4): 441-450.

FISCHER, C. R., 1933a. Nota sobre *Anastrepha punctata* Hend. e uma especie nova de *Cyrtonotum*. *Revista de Entomologia* 3 (1): 83-92. Fischer

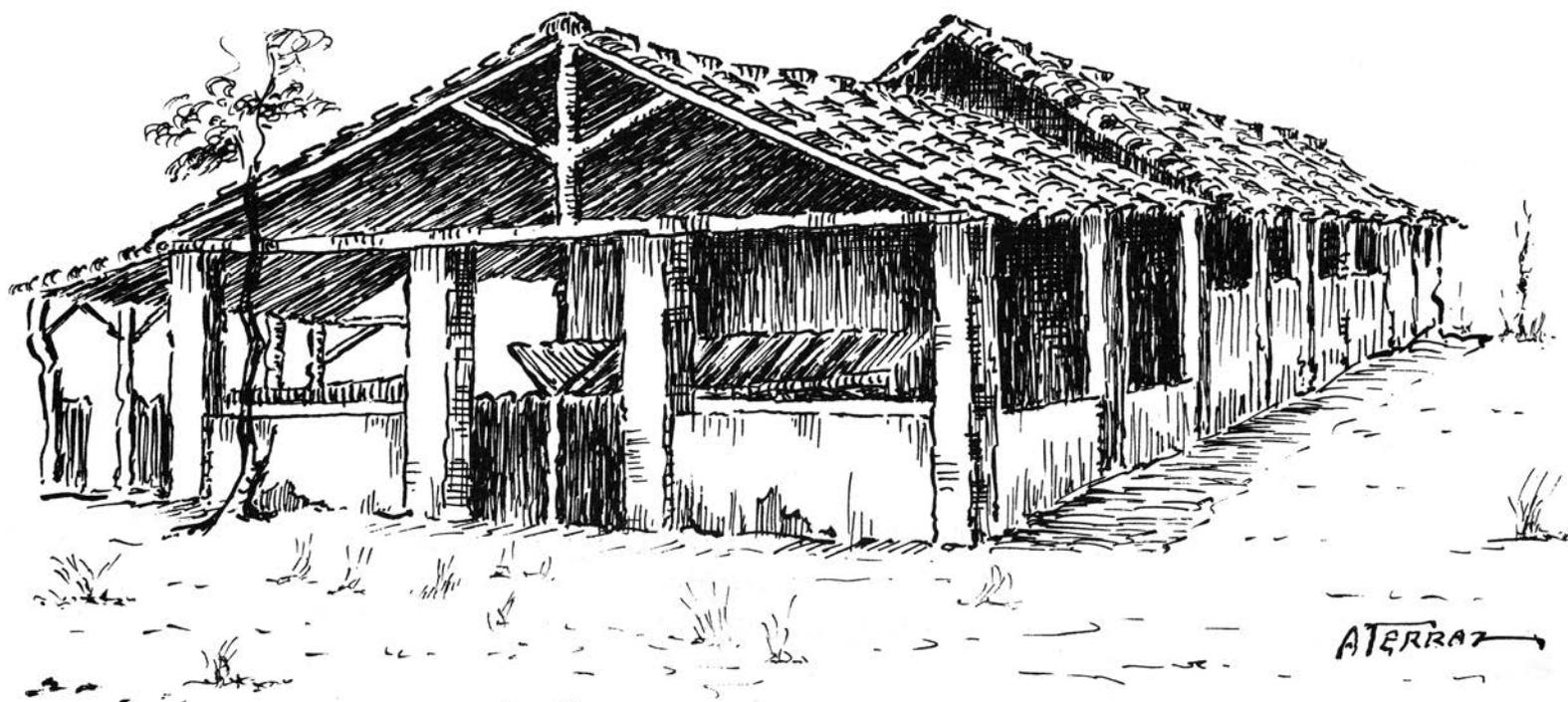
FISCHER, C. R., 1933b. Sobre a distribuição geographica de *Tabanus importunus* Wied. (1828). *Revista de Entomologia* 3 (1): 134.

FISCHER, C. R., 1933c. Nota sobre *Actinochaeta carlos-albertoi* (Costa Lima, 1926) (Diptera, Dexiidae). *Revista de Entomologia* 3 (2): 194-198.

FISCHER, C. R., 1934. Variação das cerdas frontaes e outras notas sobre duas espécies de *Anastrepha*. *Revista de Entomologia* 4 (1): 17-22.

REFERENCES

- FISCHER, C. R., 1935. Os coleopteros phytophagos da tribu Alurnini, pragas das palmeiras (Chrysomelidae, Hispinae). *Revista de Entomologia* 5 (3): 257-292.
- FISCHER, C. R., 1939. O macho de *Acanthocera coarctata* (Wied.) (Dipt., Tabanidae). *Revista de Entomologia* 10 (2): 334-337.
- FISCHER, C. R., 1940. *Adelioneiva concolor*, nov. gen. n. sp., um novo diapriideo myrmocophilo de Goyaz (Hym., Diapriidae). *Revista de Entomologia* 11 (1-2): 397-401.
- FISCHER, C. R., 1943. Redescricao de *Ecitobium zikani* Wasmann e *Ecitsaurus* nov. nom. (Col. Staphylinidae). *Revista de Entomologia* 14: 255-259.
- FONSECA, F., 1954. Instituto Butantan; sua origem, desenvolvimento e contribuicao ao progresso do Estado de São Paulo, in: Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, São Paulo em quatro séculos: Comissão do IV Centenário da cidade de São Paulo, vol. 2, p. 317.
- LUTZ, A., A. Neiva & A. da Costa Lima, 1915. Sobre Pupipara” ou “Hippoboscidae” de aves brasileiras. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* 7 (2): 173-199, pls. 27-28.
- NEIVA, A & Andrade, N., 1924. Comissão da Broca do Café. Rel. da, Publ. v 2 p. s/n.
- NEIVA, A., E. N. Andrade & A. Q. Telles, 1925a. *A broca do café: Collectanea de comunicados à imprensa. Agosto-dezembro de 1924*. Secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, São Paulo.
- NEIVA, A., E. N. Andrade & A. Q. Telles, 1925b. *A broca do café: 2ª. collectanea de comunicados à imprensa. Janeiro-junho de 1924*. Secretaria de Agricultura, Commercio e Obras Publicas, São Paulo.
- NOMURA, H., 1992, Vultos da Zoologia Brasileira, Carlos Rodolpho Fischer, vol. IV, p. 125-6, Coleção Mossoroense, série “C”, 200 p.
- OLIVEIRA FILHO, M. L., 1927. *Contribuição para o conhecimento da broca do café Stephanoderes hampei (Ferrari, 1867): Modo de comportar-se e de ser combatida em São Paulo*. Secretaria da Agricultura, Industria e Commercio, São Paulo.
- RANGEL, M. F., 2009. A construção de um patrimônio científico: A coleção Costa Lima, pp. 284-302, in Granato, M. & M. F. Rangel, orgs., *Cultura material e patrimônio de C & T*. Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro.
- SAZIMA, I., DI Bernardo, M., 1951, *Albinismo em serpentes neotropicais*, Mem. Instituto Butantan, 53(2). 167-173.
- SUEIRO, L. R., Rojas, C. A, Risk, J. Y., Siqueirq França, F. O, Almeida Santos, S. M., 2010. Anomalias cromáticas em *Bothrops jararaca* (Serpentes, Viperidae): *Xantismo interfere na sobrevivência?* *Sistemas*, 23 (1); 155-160
- VITAL BRAZIL, L., 1996. *Vital Brazil Mineiro da Campanha uma genealogia brasileira. Impresso e editado por Lael Vital Brazil*, 503 p., Rio de Janeiro.



Estábulo, depois adaptado como laboratório improvisado, onde Vital Brazil iniciou os primeiros trabalhos no Instituto Butantan. Desenho de Augusto Esteves, reproduzido com maestria por Aurelio Ferraz Costa

A redescoberta de uma coleção de ilustrações datadas do início do século passado até os anos 80, é o pano de fundo sobre o qual se assenta a presente obra. Elas representam parte dos animais existentes na até então, maio de 2010, “maior coleção de serpentes neotropicais do mundo”, consumida em incêndio ocorrido naquela data, valorizando o seu significado. A sua elaboração se justificou a época, pela necessidade de representar com minúcias as espécies descritas pelos pesquisadores do Instituto Butantan ao longo de muitos anos, principalmente a partir de 1917, com a criação do periódico científico Memórias do Instituto Butantan, até 1983, quando mudou seu enfoque. Foram seus autores, uma plêiade de ilustradores, da mais variada estirpe, desde o simples auxiliar de desenhista ao profissional mais categorizado, formado em centros de excelência e comparados aos maiores ilustradores de ciência. Ao lado da sua obra, a narrativa de sua biografia e passagem pela instituição permite um resgate histórico, ao longo de décadas do Instituto Butantan. A simultânea restauração das imagens, seguida de sua digitalização com alta definição e atualização taxonômica das espécies envolvidas, permite também o aproveitamento da obra por herpetólogos, biólogos, estudiosos de história da ciência, da ilustração científica e apreciadores das artes em geral.

